ELI DOLORES MARTINI

DISPOSITIVO PEDAGÓGICO & DISPOSITIVO DA SEXUALIDADE: UMA DELICADA RELAÇÃO

ITAJAÍ (SC)
2008

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

UNIVALI
UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ
CENTRO DE EDUCAÇÃO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA COMUNICAÇÃO – CEHCOM
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
PROGRAMA DE MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO – PMAE

ELI DOLORES MARTINI

DISPOSITIVO PEDAGÓGICO & DISPOSITIVO DA SEXUALIDADE: UMA DELICADA RELAÇÃO

ITAJAÍ (SC)
2008

UNIVALI

UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ
CENTRO DE EDUCAÇÃO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA COMUNICAÇÃO – CEHCOM
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
PROGRAMA DE MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO – PMAE

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

ELI DOLORES MARTINI

Dissertação avaliada e aprovada pela Comissão Examinadora e referendada pelo Colegiado do PMAE como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação.

Itajaí (SC): 08 de Agosto de 2008.

MEMBROS DA COMISSÃO:

ORIENTADORA:

_____

PROFª. DRª. SOLANGE PUNTEL MOSTAFA

MEMBRO EXTERNO: _____

PROFª. DR. CARLOS JOSÉ MARTINS

MEMBRO REPRESENTANTE DO COLEGIADO: _____

PROFª. DRA. LUCIANE MARIA SCHLINDWEIN

ITAJAÍ (SC)
2008

FICHA CATALOGRÁFICA

M366d Martini, Eli Dolores, 1956-
Dispositivo pedagógico & dispositivo da sexualidade [manuscrito] : uma delicada relação / Eli Dolores Martini. – 2008.
110 f.

Cópia de computador (Printout(s)).
Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Itajaí, Centro de Educação de Ciências Humanas e da Comunicação, 2008.
"Orientadora: Profª. Dra. Solange Puntel Mostafa".
Bibliografia e anexos.

1. Comportamento sexual. 2. Sexo. 3. Homossexualismo. 4. Dispositivo pedagógico. 5. Dispositivo da sexualidade. I. Universidade do Vale do Itajaí. II. Título.

CDU: 37

Cristina M. V. Porciúncula – CRB 14/966

A VOCÊS...

QUE TOCARAM COM DELICADEZA ESTE MOMENTO.

RESUMO

Ao analisarmos o filme “Delicada Relação”, não é o enredo com seus personagens que interessam, mas o campo de problematização que a experiência vivida no filme permite pensar. A experiência do filme é pensada desde o conceito de dispositivo da sexualidade de Foucault. E o desafio é cruzar o dispositivo da sexualidade com o dispositivo pedagógico no sentido de fazer ver e falar através da imagem-movimento, identificando em que momentos o filme e a fala confirmam ou resistem ao dispositivo da sexualidade. Para tal, foram selecionadas e analisadas quatro cenas temáticas do filme e a recepção de um grupo focal de oito alunas do mestrado em educação da UNIVALI- Itajaí- SC. Elegemos a filosofia de Michel Foucault como maior referência, mas abordaremos também Larrosa, Deleuze, Louro e Fischer. Trata-se de um procedimento metodológico dotado de aspectos qualitativos e observação participativa na análise do filme e também na recepção. O processo de análise das cenas temáticas conta com a especificidade da linguagem cinematográfica articulada pelos três atos: enquadramento, decupagem e montagem. Ao tomarmos o filme como objeto desta análise, entendemos que esta delicada relação, no seu todo, na sua existência, de alguma forma resiste ao dispositivo da sexualidade ao mesmo tempo em que o confirma. O filme em si, a proposta da pesquisa, coloca a sexualidade em discurso. Há um jogo de articulação dos dispositivos na regulamentação da sexualidade. Essas observações foram apontadas tanto na análise do grupo focal quanto nas cenas do filme. O que interessou colocar em discussão neste estudo, não foi buscar uma realidade única e correta de ver e falar sobre as coisas, mas analisar o que é possível conhecer, desconhecer, ignorar pelas dimensões do dispositivo da sexualidade e do dispositivo pedagógico. O filme não é uma crítica ao dispositivo da sexualidade e nem mesmo à homossexualidade. É um convite a reencontrá-los entre tantos gestos e movimentos possíveis. Assim, a possibilidade de um filme com esta temática na educação, pode fazer emergir maneiras de se pensar, abrir-se para a transposição de conceitos de tal forma que possam absorver, falar sobre a vida de si e para si.

PALAVRAS CHAVE: filme; dispositivo pedagógico; dispositivo da sexualidade; homossexualidade.

ABSTRACT

In the analysis of the film “Delicada Relação”, it is not the plot and its characters that are the focus, but the problem discussion which the experience of the film causes us to reflect on. This experience is based on Foucault’s sexuality device. The challenge is to blend the sexuality device with the pedagogical device, in order to make it possible to see and speak through the image-movement, identifying moments in which the film and the speech confirm or resist the sexuality device. For this, four scenes of the film and the reception of a focal group of eight Master’s degree students of Education at the UNIVALI were selected and analyzed. We chose Foucault’s philosophy as the main reference, but also analyzed Larrosa, Deleuze, Louro and Fischer. It is a methodological procedure that includes qualitative aspects and participative observations in the analysis of four scenes from the film and its reception. The process of analysis of the thematic scenes uses the specificity of the cinematographic language articulated in the three acts: framing, decoupage and assembling. By selecting this film as the object of analysis, we understand that this delicate relationship, in its entirety, in its existence, in some way resists the sexuality device, while at the same time it confirms it. The film itself, the proposal of the research, puts sexuality under focus. There is an articulation game of devices in the regulation of sexuality. These remarks were pointed out in the analysis by the focal group, and in the scenes of the film. The aspect we considered interesting for discussion in this work was not the search for a sole or correct way of seeing and talking about things, but the analysis of what is possible to know, not to know, or ignore, due to the complexity of sexuality and pedagogical devices. This film is not a critic to the sexuality device or homosexuality; it is an invitation to refind them, among so many possible gestures and movements. Thus, the possibility of using a film with this theme in education could lead to ways of thinking, and opening up to a new view of concepts in order to tell about one’s own life.

KEY WORDS: film; pedagogical device; sexuality device; homosexuality.

SUMÁRIO

RESUMO **6**

ABSTRAT **7**

SUMÁRIO **8**

1 INTRODUÇÃO **10**

2 DISPOSITIVO PEDAGÓGICO & DISPOSITIVO DA SEXUALIDADE: UMA DELICADA RELAÇÃO **16**

2.1 O DISPOSITIVO DA SEXUALIDADE 16

2.2 LEI OU NORMA? 18

2.3 O DISPOSITIVO DA SEXUALIDADE E A FAMÍLIA 20

2.4 O DISPOSITIVO DA SEXUALIDADE E O ESTADO 22

2.5 O DISPOSITIVO DA SEXUALIDADE E A HOMOSSEXUALIDADE 22

2.6. O DISPOSITIVO PEDAGÓGICO: ARTE DA EXISTÊNCIA, CUIDADO DE SI 24

3 REVISÃO DA LITERATURA: PESQUISAS ATUAIS **26**

3.1 A SEXUALIDADE NO COTIDIANO ESCOLAR 26

3.2 FILMES: UMA POSSIBILIDADE DE CONSTRUIR SENTIDOS 32

4 POSTURAS METODOLÓGICAS **36**

4.1 ANÁLISE FILMICA 36

4.2 GRUPO DE DISCUSSÃO OU GRUPO FOCAL 37

4.3 OBJETO DE PESQUISA: O FILME "DELICADA RELAÇÃO" 40

5 O FILME "DELICADA RELAÇÃO" **42**

5.1 CENAS TEMÁTICAS DO FILME "DELICADA RELAÇÃO" 43

5.1.1 CENA DO GELO (ALEGRIA, DESTERRITORIALIZAÇÃO, ESPAÇO LISO – CUIDADO DE SI, MODOS DE EXISTÊNCIA). 43

5.1.2 CENA DA DISCÓRDIA DO CASAL (DISPOSITIVO DA ALIANÇA E DISPOSITIVO DA SEXUALIDADE). 47

5.1. 3 CENA DA MORTE (IMPASSIVIDADE DA MORTE E CONFISSÃO). 52

5.1.4 CENA DO ENTERRO (ALIANÇA (JURÍDICO) SEXUALIDADE (NORMA E DISCIPLINA) 54

5.1.5 O TODO DAS CENAS 57

6 FILME E DISPOSITIVOS UMA "DELICADA RELAÇÃO" **61**

7 DINÂMICAS DE ANÁLISE DO GRUPO FOCAL **65**

7.1 O TODO DA CONVERSAÇÃO 65

7.2 Os dispositivos emersos nas falas.....67
7.2.1 Discursos sobre a sexualidade na escola 67
7.2.2 As cenas que mais chamaram a atenção 71
A) Cena do velório.....71
B) Cena do beijo 72
7.2.3 Formação de professores 74
8. As tecnologias de si escapam ao dispositivo da sexualidade 76
9 Apontamentos Finais 78
10 Referências 84
11 Anexos.....92
11.1 Filmes Elegidos.....93
11.1.1 "48 filmes gays premiados" 93
11.1. 2 Outros filmes.....101
11.2 Transcrições Grupo Focal.....104

1 INTRODUÇÃO

Não quis ser fácil,
Fazer o que sei
O que todos sabem fazer
Quis mais
Quis fazer o difícil
O que não sei
Algo mais
Um bloco de incompreensão
O catatau. (P. Leminski)[1]

A questão da diferença em relação a filmes tem me instigado durante grande parte de minha vida profissional enquanto educadora. Sempre que possível procurava comentar sobre temas fílmicos, principalmente aqueles diferenciados, observando como alunos e professores comportavam-se durante os comentários. O interesse das crianças era evidente. No entanto, o mesmo não acontecia com os professores que se perdiam entre uma desculpa e outra, tais como "não tenho tempo de ver filmes", há um o planejamento anual a seguir e filmes demoram muito.

Questionava-me internamente a respeito, sendo que, do meu ponto de vista, seria tão interessante levar alunos a um cinema ou a um espaço qualquer para a exibição de um filme! Assim como utilizá-lo no direcionamento das aulas para ver, comentar e debater de forma diferenciada sobre temas diversos.

Estas inquietações permaneceram, durante o curso de pedagogia, na especialização em Educação e no curso de Comunicação, onde muito pouco se via sobre filmes. E quando nos permitiam ver um filme era no sentido de preencher espaços, complementar alguns conteúdos, tudo ficando muito vago.

Minha investigação neste sentido iniciou-se na monografia de conclusão do curso (2004) de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda. Fui averiguar sobre os discursos que revestem a representação da construção da identidade do

---

[1] MOREIRA, Caio R. B. **Catatau de Paulo Leminski: Occam versus Cortésio contra ditadura da razão**. Dissertação de mestrado. Universidade do Sul de Santa Catarina. 2006. Disponível em: http://busca.unisul.br/pdf/85041_Caio.pdf. Acesso em outubro/2007.

personagem homossexual no cinema. Buscando alternativas para confirmar, ou não, o estigma e preconceito para com os homossexuais, através da leitura do filme "Morango e chocolate"[2], junto aos alunos do curso de graduação em comunicação, publicidade e jornalismo. Minhas breves conclusões permitiram-me sentir que no discurso da aceitação da homossexualidade há marcas dissimuladas de preconceitos, isto é, aceita-se o homossexual no discurso formal quando convidado a falar sobre a homossexualidade, no entanto na prática este é temido, rejeitado.

Assim, ao iniciar o curso de mestrado em educação, a intenção foi fazer uma aliança entre comunicação e educação, trazendo em foco novamente questões relacionadas a filmes e homossexualidade. Tais como: que máscara velada é essa que se constrói em torno da homossexualidade sem que disso possamos aperceber-nos? De onde vêm às forças que suportam esta máscara? Ou não se trata de máscara? Seria a sexualidade um poder sobre a vida? A partir destes questionamentos foi constituindo-se a problematizarão da pesquisa.

A cada momento um olhar novo, novos trilhos de problematizações. Portas se abriam, portas se fechavam, frestas riscavam possibilidades imensas em um túnel de luzes sem um foco centralizado. O desafio: focar, centrar, direcionar, afunilar a problematizarão. Digo túnel, pois, tão logo iniciei no mestrado da UNIVALI como aluna especial, pensei estar em um amplo túnel todo luminoso; no entanto, esta luminosidade espalhou-se tanto que a perdi. Entre uma discussão e outra, nas aulas do mestrado, em especial no grupo mídia e conhecimento, foi que encontrei o disparo central para minha intenção de pesquisa. As idéias sobrevoaram e depois retornaram, porém diferentes, sempre diferentes.

Portanto, o desafio que assumo nesta dissertação é o de articular o dispositivo da sexualidade e o filme como dispositivo pedagógico, identificando em que momentos o filme "Delicada Relação" confirma ou resiste ao dispositivo da sexualidade. E como os efeitos de verdade sobre a sexualidade foram construídos através dos tempos, repercutindo no espaço escolar; para tal, procuro Identificar estes efeitos através do

---

[2] (Fresa Y Chocolate, 1993, de Tomás Gutiérrez Alea e Juan Carlos Tabío). Vencedor de nove prêmios no Festival de Cinema de Havana, indicado ao Oscar de melhor filme estrangeiro, venceu em cinco das seis categorias a que foi indicado no Festival de Cinema de Gramado. A trama conta à história de um jovem comunista preconceituoso que depois de se decepcionar com a namorada começa uma amizade com um artista gay.

filme “Delicada Relação”, observando em que momentos o filme como dispositivo pedagógico confirma ou resiste ao dispositivo da sexualidade, fazendo ver e falar sobre sexualidade.

Os filmes ensinam coisas na medida em que há coisas para ver e há coisas ditas. Mas há também intervalos entre as imagens e entre as palavras, entremeios que também são por si só produtores de sentidos.

Quando compartilhei com o grupo de pesquisa minha intenção de análise fílmica não tinha idéia das discussões que faríamos sobre o filme como um dispositivo pedagógico, tal qual o conceito se apresenta em Larrosa (1994, p.57): “[...] *qualquer lugar no qual se constitui ou se transforma a experiência de si. Qualquer lugar no qual se aprendem ou se modificam as relações que o sujeito estabelece consigo mesmo”.* Larrosa explicita que está derivando o seu conceito de dispositivo pedagógico diretamente do conceito de dispositivo de sexualidade de Foucault.

As discussões do grupo de pesquisa durante o primeiro semestre de 2006 foram em boa parte dedicadas a outro dispositivo, derivado de Larrosa, mas agora voltado à mídia: era o conceito de dispositivo pedagógico da mídia, desenvolvido por Fischer (2002). Com esses três conceitos estivemos envolvidos naquele semestre quando passei a entender o grupo de pesquisa também como um dispositivo pedagógico. Desde o momento em que declarei ao grupo minha intenção de pesquisa relacionada à análise fílmica, foram muitos os questionamentos sobre a legitimidade do filme como dispositivo pedagógico. E como tal, pertinente ao campo da educação.

Assim, buscamos em referencial literário estudos realizados na educação envolvendo o tema da sexualidade. Constatamos, nestes estudos, certo comprometimento da escola, amparados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), em intervir na sexualidade dos alunos pelos caminhos que produzem comportamentos tidos como normais, atuando no modo preventivo. Uma preocupação com as funções biológicas. Os PCNs não problematizam a sexualidade fazendo relação à homossexualidade e heterossexualidade. O foco dos PCNs visa estabelecer parâmetros críticos à naturalidade do corpo, variações culturais e

históricas, buscando educar o corpo que parte do incitamento do discurso sobre o sexo na escola.

Embora a escola, querendo ou não, depara com situações de inquietação e curiosidade e acaba intervindo. Seja no cotidiano da sala de aula, quando proíbe ou permite certas manifestações, seja quando opta por informar os pais sobre manifestações de seu filho, a escola está sempre transmitindo certos valores, mais ou menos rígidos, a depender dos profissionais envolvidos naquele momento.

A pesquisa que a princípio tinha a intenção de utilizar vários filmes limitou-se a analisar um filme apenas pela abrangência de possibilidades de leituras possíveis.

O grupo a ser pesquisado também sofreu alterações pela necessidade de uma investigação que instiga ainda mais as leituras. Essas mudanças de estratégicas foram importantes para os apontamentos finais da articulação do jogo dos dispositivos.

Elegemos analisar o filme "Delicada Relação"[3] por ele dar visibilidade a um relacionamento entre dois homens, nascidos em uma situação específica de prestação de serviço no exército armado de um país em guerra do oriente médio. Vendo o filme como um dispositivo pedagógico com interesse de refletir questões da sexualidade, pela análise de cenas temáticas do filme e recepção, de um grupo focal com alunas do Mestrado em Educação da UNIVALI – Itajaí –SC. O objetivo desta análise é de identificar em que momentos o filme Delicada Relação, como dispositivo pedagógico, confirma ou resiste ao dispositivo da sexualidade, fazendo ver e a falar sobre sexualidade. Uma delicada relação que faz ver e falar outra delicada relação: corpos que buscam espaços na educação.

Elegemos Foucault como o teórico mais importante de nossa pesquisa por causa do seu conceito de dispositivo da sexualidade envolvendo as relações de saber-poder. O saber - poder como uma expressão hifenada também foi novidade capaz de nos fazer olhar o objeto de outra maneira. No início da problematização, minhas

---

[3] Yossi & Jagger, de Eytan Fox. Israel, 2002. 65 min. Lançamento internacional oficial em 2003 chegou ao mercado mundial em 2004 e nas locadoras brasileiras apenas no início de 2005. Uma base militar localizada na fronteira de Israel com o Líbano abriga jovens soldados, homens e mulheres. Yossi (Ohad Knoller) é o comandante do grupo. Jagger (Yehuda Levi), o segundo na hierarquia do quartel. Uma vez juntos, os dois militares vivem uma história de amor.

posições ainda eram no sentido de confirmação da hipótese repressiva sobre a sexualidade. Aos poucos, os ensinamentos de Foucault revelaram-se produtivos para a análise do meu objeto. A nova problematização foi sendo construída a partir da leitura de Foucault.

A revisão da literatura foi confirmando a penetração do mesmo autor nas pesquisas mais recentes, tais como: Altmann (2001) Espindola (2005) Neto (2004), Braga, Garcia e Hypólito (2005), Sabat (2001, 2004), Siqueira (2004) e Marçal de Castro&Bessa (2005). O dispositivo da sexualidade, como conceito sociológico e histórico, não fica claro na maioria dos casos, notam-se partes dos elementos do conceito de dispositivo da sexualidade.

No caso da educação, as pesquisas revistas para esta dissertação como as de Sabat (2001, 2004) Altman (2001) ou Siqueira (2004) trazem o conceito com certo detalhamento. Mas em muitos casos, a hipótese repressiva é mais comum. Parker (p. 144) reporta a situação das pesquisas em nível internacional, nas quais há uma tendência de se analisarem as chamadas "culturas sexuais" com um direcionamento mais específico do que aquele empregado por Foucault em seu estudo dentro de uma economia política, como o caso do biopoder analisado pelo autor.

Encontramos também, na literatura brasileira, trabalhos dedicados a essas culturas sexuais, como por exemplo, Ferrari (2005) e Souza (1997); mas não as arrolamos entre as revistas no item da revisão de literatura porque elas não se relacionavam diretamente com a educação ou as análises fílmicas. Mas ao ler a cartografia desenvolvida por Parker (2001) sobre o estado da arte das pesquisas internacionais sobre sexualidade, tivemos melhor noção sobre as mencionadas 'culturas sexuais' porque já tínhamos nos deparado com as pesquisas brasileiras de Ferrari e Souza já referidas. Entretanto, nossa pesquisa não está voltada para nenhuma dessas "culturas sexuais", seja um bairro de homossexuais ou ruas-territórios de homossexuais ou mesmo movimentos sociais voltados à defesa de homossexuais.

A temática da pesquisa é abordada em etapas complementares. Na primeira etapa consta a fundamentação teórica que ampara o dispositivo da sexualidade e o dispositivo pedagógico. A institucionalização do dispositivo como suporte dos vários saberes que vão se gestando e direcionando a orientação da população em

manobras de controle. O dispositivo pedagógico como arte da existência, o “governo de si” nascido da idéia clássica grega de que o melhor será aquele que exercer maior poder sobre si mesmo, para assim ter sucesso no governo dos outros. Essa forma de pensar ampara o dispositivo da mídia de Fischer e o dispositivo pedagógico de Larrosa. E a idéia de “dispositivo pedagógico” baseado na noção de “dispositivo da sexualidade”, aparato discursivo e ao mesmo tempo não-discursivo.

Na segunda parte, propomos uma revisão literária com pesquisas recentes evidenciando o tema do dispositivo da sexualidade em ambiente escolar, seja relacionado ao currículo das escolas e sua regulamentação, seja voltado às práticas escolares, bem como a discussão da orientação sexual nos parâmetros curriculares e os conceitos da sexualidade contextualizados nos currículos escolares. Consta ainda nesta parte uma revisão literária de pesquisas que relacionam filmes como focos de investigação, sobre normatização da sexualidade ou leituras direcionadas ao sujeito homossexual.

A terceira parte cabe a posturas metodológicas, análise das cenas temáticas do filme, do todo fílmico e relações com os dispositivos. Refletimos as cenas pelas contribuições teóricas de Deleuze, observando a arte fílmica da imagem, não em condição do enunciado ou da narrativa, mas de algo que é enunciável em si. A imagem percorrendo outras zonas de sentidos visibilizadas pelos três atos, no tratamento filosófico oferecido por Deleuze: enquadramento, decupagem e montagem. Constam ainda nesta parte as dinâmicas de análise do grupo focal, a conversação. O dispositivo pedagógico em relação com o dispositivo da sexualidade que faz ver e falar sobre a sexualidade e sua diversidade; os dispositivos emersos nas falas das mestrandas que se reuniram para assistirem ao filme “Delicada Relação” e posteriormente falar sobre o mesmo.

Na quarta e última parte, constam os apontamentos finais. A análise investigativa dos discursos pela observação e expressão da subjetividade, tanto das pesquisadas como da pesquisadora, ampliou a nossa percepção sobre a complexidade articulativa, isto é, as armadilhas dos dispositivos. O resultado é marcado pela subjetividade da pesquisadora sem intenção de traduzir realidades ou identificar verdades. Cabe-nos aqui mencionar que escavamos uma parte, com objetivos para

um determinado momento; no entanto, isto não vem a concluir e sim abrir mais arestas para outras tantas possíveis escavações.

2 DISPOSITIVO PEDAGÓGICO & DISPOSITIVO DA SEXUALIDADE: UMA DELICADA RELAÇÃO

2.1 O DISPOSITIVO DA SEXUALIDADE

Com o intuito inicial de conceituar sexualidade, entre tantas formas de entendê-la, a que coloco em destaque nesta fundamentação é a desenvolvida por Foucault (1988) na sua hipótese sobre a sexualidade.

O autor entende que a sexualidade é um dispositivo histórico e contingente que reúne práticas sociais em torno do corpo, seus usos e prazeres. A Construção social da sexualidade como um dispositivo histórico implica que os modos como os sujeitos vivem seus desejos e prazeres corporais são escolhas que dizem respeito às identidades sexuais, o tempo todo em construção, portanto não são fixas.

Por outro lado a análise de Foucault sobre a história da sexualidade é mencionada por Parker (2001, p. 130) como "um trabalho academicamente legítimo e definitivo sobre a sexualidade", apesar das várias orientações das pesquisas sobre sexualidade no mundo globalizado; muitas dessas pesquisas contemporâneas sobre sexualidade das décadas de 80 e 90 em diante de alguma maneira atualizam as pesquisas desenvolvidas por Foucault, no sentido de ultrapassarem a economia política dos corpos que ele desenvolveu.

Traremos a análise de Foucault ao entender o dispositivo como um conjunto de estratégias de poder e saber que se liga a determinados discursos para que exerçam efeitos de verdade como um embasamento apropriado a nossa própria pesquisa.

A sexualidade foi instituída e inventada para promover o poder sobre a vida, o biopoder. Esse processo de instituir a sexualidade ocorreu "*pouco a pouco a partir do protestantismo, da contra reforma, da pedagogia do século XVIII e da medicina*

do século XIX", de uma sexualidade relativamente livre para ser vigiada e controlada. (FOUCAULT, 1988, p. 62).

Foucault apresenta dois procedimentos que produziram verdade sobre o sexo: a sociedade *ars erótica* do oriente, onde a verdade é extraída do próprio prazer, encarada como prática e recolhida como experiência; e a *scientia sexualis* do ocidente onde a verdade sobre o sexo é ordenada pelo poder-saber. Isto é, por um corpo de conhecimentos científicos sobre o sexo; esse saber científico acaba gerando efeitos de verdade pela relação estabelecida entre ciência e verdade.

Nestas relações ocorrem dois pólos de desenvolvimento interligados, o anátomo-político do corpo humano, centrado no corpo como máquina, as disciplinas asseguradas pelo poder. O bio-político da população, centrado no corpo espécie, suporte dos processos biológicos. Portanto as disciplinas do corpo e as regulações da população foram os alicerces para a organização do poder sobre a vida. (FOUCAULT, 1988, p.131).

Um destaque da construção histórica da sexualidade é o poder na família patriarcal, ao qual Foucault (1988) em sua obra "História da sexualidade I: Vontade de saber" denomina de dispositivo de aliança. O autor distingue entre dispositivo de aliança e dispositivo de sexualidade. O primeiro é vivenciado pelas obrigações de uma sociedade pré-moderna, medieval, articulando obrigações religiosas e procriação com a mediação do casamento funcionando como transmissão de propriedade e laços de sangue. O segundo, o dispositivo da sexualidade, é instaurado no seio da sociedade disciplinar, dita moderna, onde a sexualidade invade o campo ordenado das leis de aliança. O poder da família (matrimônio, parentesco, transmissão de nomes e bens) aos poucos é invadido pelo poder da disciplina, inclusive com a colaboração do saber médico que desvincula sexo e aliança.

Tal separação entre sexo e aliança dá origem, para Foucault, ao dispositivo da sexualidade. E este vai instituindo-se e servindo de suporte aos vários saberes que vão se gestando na modernidade, como os saberes médicos, pedagógicos, clínicos ou de qualquer outra natureza que envolvam controle e orientação pública da população.

2.2 LEI OU NORMA?

A mudança do dispositivo da aliança para o dispositivo da sexualidade ocorre na passagem do século XVIII para o XIX. Segundo o mesmo autor, há um modelo de poder essencialmente jurídico centrado no enunciado da lei (e por isso é jurídico-discursivo) cercando o dispositivo de aliança. Enquanto o dispositivo de aliança funciona pela lei, o da sexualidade funciona pela norma e pela disciplina.

Esse processo, "jurídico-discursivo", assinalado por Foucault (1988, p.82) como representação comum do poder, é constituído pelos traços de relação negativa (rejeição, exclusão, recusa etc.), pela instância da regra (a lei dita o sexo, licito/ilícito permitido/proibido) e pelo ciclo da interdição (não toque, não fale sombra/segredo). Constitui a lógica da censura (mecanismos de censura, afirmar que não é permitido) e a unidade do dispositivo ("poder legislador, de um lado, e sujeito obediente do outro").

Nessa constituição discursiva citada acima, há um modelo de poder essencialmente jurídico centrado no enunciado da lei e na interdição. Uma máscara do poder sobre si mesmo para sustentar-se. Tem suas raízes no direito romano e foi reconstruído na Idade Média com a monarquia, o estado e seus aparelhos, pelos conflitos de posse de terras e armas, a servidão e a vassalagem. O poder confrontando-se com a lei: um meio de mecanismos de interdição e sanção.

Nota-se que as monarquias não detinham um poder absoluto, mas sim se edificavam como sistemas de direito, pelas teorias de direito, assim seus mecanismos de poder funcionavam como direito. A monarquia marca a representação do poder que subsistiu e ainda subsiste, não na pessoa do soberano, mas num ser coletivo.

A sexualidade é assim um instrumento de manobras. Essas manobras servem de apoio a articulação de variadas estratégias nas relações de poder entre homens e mulheres, jovens e velhos, pais e filhos, educadores e alunos, padres e leigos, administração e população. Os quatro grandes conjuntos estratégicos de domínios do poder e produtividade do saber descritos por Foucault são como que novos objetos ou novos saberes criados na modernidade como parte daquelas manobras:

o corpo das mulheres, o controle sobre o sexo das crianças, o controle de como os casais evitam filhos e a normalização das perversões.

O último conjunto de estratégias de poder e saber mencionado por Foucault nos interessa de perto: trata-se da psiquiatrização do prazer perverso**,** que foi uma espécie de normalização e psiquiatrização para as anomalias da sexualidade, onde o instinto sexual foi isolado como biológico e psíquico-autônomo. “Fez-se a análise clínica de todas as formas de anomalia que podem afetá-lo; atribui-se-lhe um papel de normalização e patologização de toda a conduta; enfim, procurou-se uma tecnologia corretiva para tais anomalias (FOUCAULT, 1988, p. 100).

Esta preocupação com o sexo, associada as quatro estratégias citadas acima vai aumentando ao longo do século XIX. Trata-se de utilizar o sexo das crianças, mulheres e homens como objetos-alvos privilegiados do saber. A pergunta levantada por Foucault: Se essas estratégias seriam lutas contra a sexualidade num esforço para assumir ou ocultar o seu controle, ou se seria uma produção da própria sexualidade?

O autor responde que não se trata de um poder que coloca a sexualidade em xeque e nem um saber que deseja desvelar. Mas um dispositivo, uma rede de estimulação dos corpos, intensificando prazeres e incitando discursos para um reforço e controle da sexualidade. (FOUCAULT, 1988, p.100).

Assim, pode-se admitir que o dispositivo da aliança institua o sexo na sociedade como um sistema de matrimônio, transmissão de nome e de bens. No entanto com o tempo este foi perdendo sua importância, quando os processos econômicos e as estruturas políticas, não encontraram mais nele um suporte suficiente para manter o controle da sexualidade. Surge então um novo dispositivo, o dispositivo da sexualidade, que também é articulado nas parcerias sexuais. Embora diferente, pois o dispositivo da aliança estrutura-se em sistemas de regras, o proibido, o permitido, o ilícito, o prescrito, a representação, enquanto que o da sexualidade funciona com técnicas móveis, “não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global”. (FOUCAULT, 1988, p. 101).

2.3 O DISPOSITIVO DA SEXUALIDADE E A FAMÍLIA

Dizer que um dispositivo substitui o outro não seria exato comenta Foucault, mas olhando os fatos historicamente, foi em torno do dispositivo da aliança que o dispositivo da sexualidade se instalou. Ambos fixaram suportes para a constituição da família, tais como lugar obrigatório de afetos, de amor, sentimentos, sexualidade privilégio de eclosão a partir do século XVIII. (1988, p.102).

> [...] A família é o cristal no dispositivo da sexualidade: parece difundir uma sexualidade que de fato reflete e difrata. Por sua penetrabilidade e sua repercussão voltada para o exterior, ela é um dos elementos táticos mais preciosos para este dispositivo (FOUCAULT, 1988.p. 105).

Percebe-se o dispositivo da sexualidade como os primeiros passos dados nas margens das instituições familiares (espiritual, pedagogia), depois vai centrando-se pouco a pouco na família, o que se torna perigoso para o dispositivo da aliança. Os pais e cônjuges tornam-se os principais agentes de um dispositivo da sexualidade, apoiados exteriormente pelos médicos, pedagogos, psiquiatras, que vem psicologizar e psiquiatrizar as relações de aliança. Aparecem, assim, as mulheres nervosas, frígidas, a mãe indiferente, o marido sádico, perverso, a moça histérica, a criança precoce, o homossexual que recusa tanto o casamento quanto a mulher. Figuras da aliança desviada e da sexualidade anormal. (FOUCAULT, 1988, p.104).

Todavia, evidencia-se pelos dispositivos da aliança e da sexualidade que a política do sexo traz um aparato que produz a sexualidade e não propriamente sustenta ou induz a uma repressão do sexo.

Para Foucault, o dispositivo da sexualidade estava centrado nas famílias burguesas, enquanto que o dispositivo da aliança centrava-se nas famílias das camadas populares. No entanto, com as campanhas de moralização e o controle judiciário e médico das perversões em nome de uma proteção geral, o dispositivo da sexualidade elaborado pela burguesia difundiu-se em todas as classes sociais. Porém, com papéis diferentes, pois não houve um ciclo repressivo com um inicio e

um fim, nem mesmo uma homogeneidade ou uma política sexual unitária. (FOUCAULT, 1988, p. 115).

O dispositivo da sexualidade instaurado nas classes dirigentes, não parece tratar-se de uma renuncia ao prazer ou desqualificação da carne, mas sim de técnicas de intensificação do corpo e problematização da saúde maximizando a vida ao invés de reprimir o sexo. Um discurso de verdades e dos poderes pela auto-afirmação de uma classe (burguesia) e não a sujeição de outra (popular).

A organização do dispositivo da sexualidade garantia à burguesia, afirmação, hegemonia e diferença pela afirmação do corpo, convertendo o "sangue azul dos nobres em organismos são e uma sexualidade sadia". (FOUCAULT, 1988, p. 119).

A difusão do dispositivo da sexualidade dotou o corpo social com um corpo sexual, portanto a burguesia retoma, traça uma linha demarcando, protegendo seu corpo em face da aproximação dos outros. Essa linha instaura a barreira da diferença, a interdição, origem da repressão.

A teoria da repressão, que pouco a pouco vai recobrir todo o dispositivo da sexualidade dando-lhe o sentido de uma interdição generalizada, tem ai seu ponto de origem. Ela é historicamente ligada à difusão do dispositivo da sexualidade. (FOUCAULT, 1988, p.120).

O que vemos então, por um lado, a sexualidade como submissão a uma lei, sem lei não tenho sexualidade; por outro, a repressão compensando a difusão do dispositivo da sexualidade pela analise do jogo diferencial das interdições. A diferenciação se intensificando pela repressão e não pela qualidade sexual do corpo. (FOUCAULT, 1988, p.121).

Assim foi inserido o domínio dos discursos de rotulação, classificação e domínio da sexualidade, pelas diversas estratégias dos saberes e poderes, constituindo verdades sobre o sexo que interagem para criar uma teoria da sexualidade, mantendo corpos apreendidos e direitos sobre a vida.

2.4 O DISPOSITIVO DA SEXUALIDADE E O ESTADO

A articulação do poder através do dispositivo da sexualidade disciplina o corpo regulando as populações para a organização do poder sobre a vida pela tecnologia anatômica e biológica.

A função do biopoder é investir sobre a vida. O biopoder é o poder sobre a vida, o que se obtém com a sujeição dos corpos e o controle das populações, portanto é uma questão de Estado. É a ordem do saber e poder na vida humana, no campo das técnicas políticas. A normalização da sociedade *"é efeito histórico de uma tecnologia de poder centrada na vida*". (FOUCAULT, 1988, p.135).

Vê-se, assim, o sexo como foco de disputa política de moralização e responsabilidade, índice de força de uma sociedade, energia política e vigor biológico. O dispositivo da sexualidade suscitando muito mais que reprimindo, pelo "desejo do sexo, desejo de tê-lo, de ascender a ele, de descobri-lo, liberá-lo, articulá-lo em discurso, formulá-lo em verdade". (FOUCAULT, 1988, p. 146).

2.5 O DISPOSITIVO DA SEXUALIDADE E A HOMOSSEXUALIDADE

Percebe-se o dispositivo da sexualidade com primeiros passos nas margens das instituições familiares onde pais e cônjuges tornam-se os principais agentes de um dispositivo da sexualidade, apoiados exteriormente pelos médicos, pedagogos, psiquiatras, que vem psicologizar e psiquiatrizar as relações amparadas em padrões heterossexuais. Ao recusar o casamento padrão, os homossexuais aparecem como figuras da aliança desviada e da sexualidade anormal**.** (FOUCAULT, 1988, p.104).

Portanto a igreja, principalmente a católica, expõe publicamente os homossexuais a penitências e interrogatórios, através da confissão de perversões sexuais, desviados da aliança e da sexualidade anormal. Assim, as identidades dos perseguidos, neste caso os homossexuais, são analisadas e hierarquizadas. O sexo passa a ser assunto quase que obrigatório nos confessionários católicos e consultórios dos psicólogos como controle da vida sexual dos fiéis. A confissão, estímulo do poder para produzir o discurso do saber, a verdade a respeito da

sexualidade com efeitos no próprio sujeito. E a invenção do “desvio” tornou pública uma variedade de saberes controlados pelo poder, tais como a pobreza, a vadiagem, a loucura, a homossexualidade.

Se de fato, as relações de poder são intencionais, “não há poder que se exerça sem uma série de miras e objetivos” (FOUCAULT, 1988, p.90). E onde há poder há resistência, ou melhor, uma multiplicidade de pontos de resistência, não como revolta, ou como recusa, mas sim resistências móveis e transitórias.

Todavia, reduzir todo o sexo a uma única estratégia global, válida para toda a sociedade, ou seja, a sua função reprodutiva, a forma heterossexual e legitimidade matrimonial, não explica os múltiplos e inúmeros meios de ação nas políticas sexuais no que concernem às diferenças (sexo, idade, classes, etnias).

Uma pergunta que cabe formular é se a normatividade poderia ser produzida e/ou conduzida a partir da afirmação da heterossexualidade como princípio da sexualidade, a partir do modo como o sujeito homossexual se relaciona entre si e com o sujeito heterossexual. A pergunta procede porque de acordo com os estudiosos de gênero, em especial Butler (2003), há como que uma heterossexualidade obrigatória. Ela afirma que o gênero é uma construção social de corpo e sexo. Para tanto desenvolve a teoria da performatividade do gênero como efeito discursivo das identidades de gênero, portanto impõe a heterossexualidade obrigatória, onde gênero é entendido como algo que se faz e não algo que se é.

Neste sentido, Guacira Louro (2004, p.16) enfatiza que as questões de gênero não escapam à cultura: “no interior da cultura que as características físicas podem ser constituídas como mais ou menos importantes e como mais ou menos pertinentes para a definição de uma identidade de gênero ou sexual.”

Assim, podemos dizer que gênero, sexualidade e corpo são construtos históricos culturais, portanto constituídos pelas relações de poder. Nesta perspectiva, a exclusão de corpos é determinada pela heterossexualidade de forma sutil, onde não há uma regulação anterior ou autônoma, mas sim uma regulação pela própria sujeição dos sujeitos.

2.6. O DISPOSITIVO PEDAGÓGICO: ARTE DA EXISTÊNCIA, CUIDADO DE SI

Os estudos de Foucault sobre a história da sexualidade e o cuidado de si nos fazem pensar sobre uma existência, um modo de vida, como uma arte de cada um. Com a subjetivação se produzem modos de existência, estilos de vida próprios que escapam do cotidiano que lhes é instituído dentro ou fora da instituição. A prática e o cuidado de si buscam garantir a correlação entre o que o indivíduo é e o que acredita ser.

A moral subjacente sob a perspectiva foucaultiana do cuidado de si, mostra possibilidades de recriarmos trajetórias que acarretam transformações através de um novo modo de existir. Decisões éticas e estéticas moldando vidas pelos critérios próprios, técnicas da subjetivação.

Analisando as concepções de Foucault a respeito do cuidado de si, embora se tratando de um período longínquo, o autor traz perspectivas que tiveram apreciável importância em nossas sociedades. O filósofo mostra uma relação não instituída do indivíduo consigo mesmo. O cuidado de si apresenta formas de subjetividade que se apresentam como decisões estéticas e éticas do próprio indivíduo, o qual formula determinados modos de existência que deseja construir para si.

Essa relação, quando associada ao prazer sexual como substância ética, mantém-se pela ordem da força contra a qual o sujeito precisa lutar para assegurar sua dominação.

> [...] A moral sexual exige ainda e sempre, que o indivíduo se sujeite a uma certa arte de viver que define os critérios estéticos e éticos da existência; mas essa arte se refere cada vez mais a princípios universais da natureza ou da razão, os quais todos devem curvar-se e da mesma maneira, qualquer que seja seu status (FOUCAULT, 2007, p. 72).

Pode-se dizer que a arte da existência matrimonial organiza-se em torno de um vínculo conjugal, uma doutrina de monopólio sexual, uma estética de prazeres compartilhados. A relação pessoal entre os dois esposos se define mais por vínculos

individuais do que técnicas de governo. Pois uma gestão matrimonial surge pelos preceitos tradicionais da existência a dois. (FOUCAULT, 2007, p. 150-15).

Foi com os estóicos, séculos II e I a.C, que a técnica de si passou a ganhar relevância e o cuidado de si tornou-se uma obrigação de todos, um princípio universal, deixando de ser, exclusivamente, uma preparação para a vida política. Dessa maneira, o cuidado de si passou a englobar a todos e por toda a vida; *ele* saiu de uma perspectiva pedagógica (preparar-se para a vida adulta, para a vida política) e se converteu em cuidado médico. Os estóicos compartilhavam com os gregos a mesma substância ética, ou seja, eram os atos ligados ao prazer e ao desejo que deviam ser alvo de cuidado. (FOUCAULT, 2007, p. 46).

Entretanto, o cuidado si como concebido pelos gregos, tem sido a estratégia onde a ética é tematizada e conseqüentemente se possibilita a prática da liberdade. Para Foucault, quando os gregos preconizam o cuidado de si, na verdade se referem ao cuidado da alma como espaço para o pensamento, para a reflexão, o diálogo, o encontro com o semelhante. (2007, p. 51).

Observamos que a ética, a partir dos gregos, é entendida, como a "prática da liberdade, a prática reflexiva da liberdade" (Foucault, 2004a). No entanto, esta liberdade não esta em conexão com o cuidado de si como perspectiva egoísta, interesse individual, aperfeiçoamento pessoal, superação dos desejos e paixões que possam dominar-nos.

Embora ocorra uma inversão na tradição cristã onde o conhecimento de si passa a ofuscar o cuidado de si, é preciso conhecer-se para renunciar a si mesmo. "Cuidar de si" não guarda relações com o estar preocupado em si mesmo, ter fascínio por si, mas é uma estratégia que requer uma atitude de trabalhar ou de estar aflito consigo mesmo. Atitude esta que implica saber, técnica e atenção sobre si enquanto prática constante. Notamos que as tradições cristãs e greco-romanas, embora apresentem diferenças no cuidado de si, ambas apresentam cuidados nas distintas formas de pensar o "eu".

É nesse contexto que se produz a ética dos prazeres, de um lado uma atenção à prática sexual, efeitos sobre o organismo, casamento e o papel que ele exerce, por outro a desconfiança, o controle, as problematizações, a vigilância.

A moral que recai sobre a atividade sexual e seus prazeres é marcada através dos séculos pela inquietação e recomendação (abstenção) dos médicos e a condenação dos filósofos às relações fora do casamento, recaindo sobre o amor dos rapazes certa desqualificação, onde a abstinência não é percebida, "como uma maneira de dar, às formas de amor, os mais altos valores espirituais e cada vez mais como signo de uma imperfeição que lhe é própria". (FOUCAULT, 2007, p. 231- 234).

A arte de uma existência dominada pelo cuidado de si já não incide sobre os outros, ela sublima a fragilidade do indivíduo submetendo-o a uma forma universal a todos os humanos.

Ora, cabe então, não ser escravo de si nem dos outros, ou seja, daqueles que governam. A governabilidade de si ou do outro deve ser como liberdade essencial, a ética. Ser livre de si mesmo e dos outros. (FOUCAULT, 2007, p. 234). Ora, governar a si e ao outro é um ato pedagógico, isto é, implica uma pedagogia. Assim, coloca-se o dispositivo pedagógico como derivado do dispositivo da sexualidade, no qual Larrosa identifica "[...] práticas pedagógicas nas quais se estabelecem, se regulam e se modificam o sujeito consigo mesmo e nas quais se constitui a experiência de si. (1994, p. 44).

3 REVISÃO DA LITERATURA: PESQUISAS ATUAIS

3.1 A SEXUALIDADE NO COTIDIANO ESCOLAR

O tema do dispositivo da sexualidade tem tido seu lugar também no ambiente escolar, seja relacionado ao currículo das escolas e sua regulamentação, seja voltado às práticas escolares.

A orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais nos pareceu ser algo emergente nas discussões que envolvem o dispositivo da sexualidade nas instituições escolares. Evidencia-se saber, como este dispositivo é amparado nas esferas educacionais, como são mencionados, mascarados, aprisionados, ou diluídos. Indagamos se o tema de Orientação Sexual é tido ou desvia o interesse para outros focos?

Nos trabalhos que continham análise da orientação sexual dos PCNs, encontramos alguns conceitos da sexualidade, inserção do tema orientação sexual nos currículos escolares e contextualização do tema nas demandas atuais.

O relato de Neto (2004), ainda em processo, buscou entender como a homossexualidade, enquanto prática se produz e reproduz no ambiente escolar. Teve o autor como foco investigativo primordial apurar a intensidade do fenômeno do ponto de vista de quem o vivencia diariamente. Para tanto, deu voz aos alunos homossexuais para apreender o modo como o preconceito se exerce na prática, as marcas, as estratégias de ocultamento e as resistências. Neto (idem) faz um recorte para ressaltar a ótica de gênero, verificando na prática escolar a presença e ação dos modelos masculinos e femininos dominantes.

Fundamenta suas análises com autores de relevância, tais como Scott (1990), Foucault (1979), Bourdieu (1982), Louro (1995), Costa (1992), entre outros.

Conclui Neto (2004) que na escola é comum encarar o aluno e a aluna, que não se coadunam com procedimentos modelos e normas que são válidas para todos, como constituindo um desvio. Esse desvio se revelou uma palavra forte demais. E foi substituída pelo termo politicamente correto, ou seja, problema. O que seria um estudante problemático senão aquele que não alcança o que todos os outros conseguem realizar. (NETO, 2004, p. 10).

Assim, completa o autor, a identidade é vista como algo fixo, pois tudo que diverge, gera preocupação ou motivo de uma ação corretora, visando um retorno ao trilho seguido pela maioria.

Outro trabalho com preocupações com a homossexualidade no espaço escolar foi o de Oliveira e Morgado (2004). Esta abordagem procurou conhecer mais sobre os saberes, valores, sentidos e significados construídos pelos jovens homossexuais em sua passagem pela escola, observando como este processo poderia ajudar na relação professor e aluno e na apropriação, por alunos e professores, dos saberes escolares. Para tanto, dialogam os autores com Abramovay (2004) Barbero (2003) e Souza (1995).

Um fator relevante para os estudos das autoras Oliveira e Morgado (2004) foi a dificuldade de convivência, socialização e angústia, enfim, a homofobia de professores e alunos em relação a um aluno homossexual pertencente ao espaço escolar pesquisado. Assim, comentam as autoras: “se for consenso que a educação é a melhor forma para combater o preconceito e a discriminação, o que acontece quando a própria escola não sabe como - ou não quer - lidar com a questão?” (p.2).

Mediante seus estudos, estas concluem que a escola tem avançado na discussão de alguns temas, tais como, discriminação racial, gravidez na adolescência ou portadores do vírus HIV. A respeito da homossexualidade, fica evidente que professores alunos, pais, orientadores ainda não se encontram preparados para lidar com o tema.

Na mesma pesquisa, porém sobre a percepção dos professores quanto aos valores sociais, Oliveira e Morgado (2004), constataram que os professores tendem a defender condutas que condizem com comportamentos considerados aceitáveis pela sociedade. Os professores concordam com a introdução de temas como prevenção às drogas ou saúde reprodutiva; mencionando a homossexualidade como doença, perversão ou deformação moral.

Outra questão que passa pelas conclusões das autoras é a falta de conhecimento dos alunos a respeito da homossexualidade, bem como a dificuldade de falar sobre elas tanto na escola quanto na família.

Voltamos nosso olhar agora para os estudos de Altmann (2001), quando analisa o dispositivo da sexualidade nos Parâmetros Curriculares Nacionais, buscando identificar a concepção de sexualidade ali presente, a singularidade histórica desta proposta e seus possíveis efeitos na escola, em especial na Educação Física.

Para Altmann (2001), é visível que em todos os espaços escolares, há uma explosão discursiva da sexualidade que se estende pelas conversas, brincadeiras, dança, música, bem como nas campanhas publicitárias e estas por sua vez interferem na sexualidade. Assim, cabe à escola a interferência, proteção e a orientação da saúde das crianças e adolescentes.

Neste sentido, a autora questiona o porquê desta explosão discursiva sobre o sexo na escola. A quem beneficiaria o controle do corpo e da sexualidade? Por que o estado busca constituir políticas, para esta questão? Quer entender como a sexualidade se constitui um importante foco de investimento político e excepcional instrumento de tecnologia de governo.

Para a autora, sexualidade é um tema que interessa a todos. "*A sexualidade, portanto, é uma via de acesso tanto a aspectos privados quando públicos. Ela suscita mecanismos heterogêneos de controle que se complementam, instituindo o indivíduo e a população como objetos de poder e saber*". (ALTMANN, 2001. p. 2).

Para contextualizar este saber e poder, Altmann (2001) o relaciona a Foucault, quando põe em choque a produção de discursos sobre o sexo, pela técnica da confissão. A confissão seria uma ponte para a constituição do sexo como objeto de verdade.

Portanto, Altmann (2001) considera que o dispositivo da sexualidade é instalado nas escolas através das tecnologias do sexo, onde corpos podem ser controlados e administrados. E o currículo traz formulas de melhor organizar experiências de conhecimento dirigidas à produção de formas particularidades de subjetividade.

Conclui a autora que um dos principais objetivos da orientação sexual apontados nos PCNs é o autocuidado em preparar sujeitos autodisciplinados, que incorporem a mentalidade preventiva para viver sua sexualidade. E a Educação Física aparece como um espaço que pode propiciar experiências de aprendizagens que mobilizam aspectos afetivos, sociais, éticos e de sexualidade.

Altmann (2001) considera em sua analise que o tema Orientação Sexual não tem apenas caráter informativo, como sugerido nos PCNs, mas age sob efeito de intervenção nas instituições escolares.

Outra pesquisa que nos interessa ver é a de Espindola (2005), cuja investigação foi no cotidiano da ação pedagógica com professores e alunos do Curso de Magistério. Buscou saber como as temáticas da homossexualidade e da família homoparental são abordadas e como são vivenciadas nas relações com as crianças. Destaca o autor como campo principal de reflexão as falas de professores e alunos. O objetivo

de Espindola (idem) era problematizar os conceitos que envolviam a homossexualidade e a família homoparental. Para tanto, levantou dados em oficinas pedagógicas que envolviam o tema, onde constatou que a homossexualidade e família homoparental são temas que necessitam de uma formação continuada. O preconceito, os afetos, a ignorância, as atitudes e a violência foram características significativas nas ações pedagógicas. Espindola (idem), traz para sua análise teóricos como Foucault (1984), Louro (1999, 00, 01,04) e Silva (1995).

Sem aprofundar conclusões, o autor complementa qual a intenção da pesquisa, contribuir para ampliar debates que envolvem o tema sensibilizando olhares, questionando padrões e interferindo em nossas relações.

De encontro às preocupações conclusivas de Espindola (2005), citamos a pesquisa de Casagrande e Carvalho (2004), cujo objetivo foi analisar como ocorre a representação de gênero nos livros didáticos de matemática. Pois para as autoras, refletir sobre questões de gênero é fundamental, uma vez que nas escolas se encontram as diversidades e as multiplicidades de comportamentos relacionados à sexualidade. E para elas, o livro didático assume um papel importante no processo ensino-aprendizagem porque acompanha a criança e pode servir de modelo para elas, na construção e definição de suas identidades.

Casagrande e Carvalho (2004) analisaram livros destinados ao ensino da matemática de 5ª e 6º série do início da década de 90 e 2000. Sustentam suas analises com Pierrucci, Carvalho (2001) e Louro (2001).

As autoras consideraram os livros didáticos analisados como ferramentas incorporadoras e transformadoras das relações sociais, pois ambos apresentam pouca diferença na forma de representar os gêneros.

Finalizam as autoras dizendo que os livros deixam escapar oportunidades de abordar questões vinculadas à realidade dos alunos. E ao abordarem homens e mulheres de formas distintas, os livros didáticos estão contribuindo para a construção de imagens estereotipadas e pela manutenção das desigualdades de gênero e outras desigualdades sociais.

Outro trabalho que pretendemos destacar nesta revisão literária é o de Braga, Garcia e Hypólito (2005), pois enfocam as articulações da instituição escolar nos moldes das identidades sexuais a partir da análise do discurso dos Temas Transversais, bloco Orientação Sexual com amparo teórico de Foucault (1988, 1993) Altmann (2001), Louro (2001) e Silva (1995).

Os autores problematizam o discurso do bloco orientação sexual, no sentido em que a padronização é produto da articulação das relações poder-saber do discurso dominante do modelo de currículo nacional, deixando de questionar as diferenças e a produção de identidades dos indivíduos.

Ao analisar o tema transversal Orientação sexual nos PCNS, Braga, Garcia e Hypólito (2005) chamam a atenção para o termo orientação. Acreditam que este já vem direcionar, conduzir, encaminhar para algo já aceito moralmente pela sociedade.

Enfim, os autores concluem em suas análises, que o dispositivo da sexualidade é alvo de normatizações, porém suas investigações não passaram pelos caminhos do cotidiano escolar. No entanto, os autores apontam a escola como um caminho posterior que deve ser investigado. Pois poderá contribuir para o desafio de educadores e educadoras provocando mudanças nos modelos curriculares oficiais e problematizando a forma pela qual são vividos os desejos.

Complementando tanto os comentários quanto as preocupações de Braga, Garcia e Hypólito (idem), apresentamos as discussões de Souza (2005). Trata-se de relatos com professores, programas e eventos com propostas para repensar os PCNs nos trabalhos docentes, nas questões de gênero, orientação sexual e pluralidade cultural.

Acrescenta Souza (idem), que o governo federal lançava o programa “Brasil sem homofobia”, visando capacitar professores a respeito da homossexualidade. No entanto, em uma palestra realizada por ela no mesmo período com professores da rede municipal, constatou que nenhum deles havia tomado conhecimento da existência deste programa.

Outra discussão apresentada por Souza (2005), refere-se a um mini-curso realizado na UNICAMP sobre Educação Sexual. Através de dinâmica, percebeu que as questões de gênero e sexualidade ainda se constituem como fantasmas para os educadores. Assim, a autora observa que é imprescindível que estas questões sejam trabalhadas no âmbito da educação.

Remete-nos também a uma pesquisa que realizou em uma 4ª série de uma escola pública em Campinas - SP, onde um garoto tinha sua sexualidade questionada pela turma por apresentar "comportamentos femininos". Percebeu Souza (2005) que este não era o único marcador no jogo da estigmatização, já que outro garoto apresentava comportamento tido como feminino. O que marcou o garoto foi sua baixa posição social.

Finaliza a autora dizendo:

> [...] Na prática, sexo, gênero e sexualidade se deslocam e formam outros arranjos que transcendem as associações homem-masculino- heterossexual e mulher-feminina-heterossexual, além de estarem intrinsecamente articulados com outros marcadores sociais como classe, raça (SOUZA, 2005, p.04).

Enfim, observamos que a sexualidade tornou-se uma preocupação pública, conseqüentemente este discurso propaga-se nas instituições escolares, codificando e vinculando modelos de sexualidade que objetivam a construção padronizada de identidades. Portanto, quem foge a este padrão, busca certamente refúgio em grupos que se isolam para afirmar suas identidades.

3.2 FILMES: UMA POSSIBILIDADE DE CONSTRUIR SENTIDOS

Anunciamos agora alguns princípios analisados sobre possibilidades de atribuir sentido aos filmes como um dispositivo pedagógico. Pesquisas que relacionam filmes como focos de investigação sobre normatização da sexualidade, bem como leituras direcionadas ao sujeito homossexual.

Entre a literatura de filmes, identificamos Sabat (2001, 2004), Siqueira (2004) e Marçal de Castro & Bessa (2005) Moreno (2001) e Rosa (2004) tratando do tema da homossexualidade.

Sabat (2004) problematiza a leitura dos filmes de animação “A bela e a fera”, “Mulan”, “A pequena sereia” e o “Rei leão”, destacando os mecanismos que contribuem para a tal normalização da sexualidade. Investigou também a importância que estes artefatos culturais ocupam na educação das crianças.

Para tanto, Sabat (2004) justifica que a escolha de filmes infantis como corpus de análise se dá por entender que os filmes também funcionam como mecanismos de normalização de uma sexualidade específica.

A autora foi além quando investiga as possibilidades de aprender-se com filmes infantis, destacando que as crianças os assistem inúmeras vezes e são influenciados pela música, gestos, falas. Estas manifestações se fazem presentes na constituição da infância.

Aponta a autora, que no filme a “Bela e a Fera”, quando Bela é pedida em casamento, recusa tal proposta, mas não explica o que realmente deseja; o filme dá algumas pistas ao publico, pela música que canta no início do filme. “*Eu quero mais que a vida no interior”.* Nos personagens dos filmes da Disney, as mocinhas se apresentam quase sempre com comportamentos rebeldes ou a frente de seu tempo. Vemos isso também nos filmes, “Mulan” e “A pequena sereia”. (SABAT, 2004, p. 7)

Constata Sabat (2004) que as animações infantis podem invocar produções de sujeitos, pois não estamos apenas diante de mecanismos de diversão. Mas sim de artefatos que contribuem para a constituição da identidade de gênero e sexuais. Pois estas são as qualidades atribuídas aos heróis e heroínas.

Se voltarmos às leituras do filme Mulan, pela análise de Sabat (2001) podemos constatar que a permanente reiteração performativa em função da construção da masculinidade para “salvar” a honra da família, fica evidente desde o início do filme. Há uma concentração na representação de gênero, marcando diferenças entre o feminino e masculino de sujeitos que estão do mesmo lado, lutando pelo império chinês.

Completa Sabat (2001) que o filme Mulan oscila constantemente buscando subverter e reiterar o sujeito a partir de seu sexo, pois quando é descoberto que Mulan é uma mulher e não um homem, ela confessa que fez tudo aquilo por ela mesma e não por seu pai. Diz isso, para referenciar ser dona de si, justificando seu fracasso inicial.

Em suas conclusões, Sabat (2004) identifica os enunciados dos filmes como sentidos capazes de reiterar a heterossexualidade como norma padrão. Para tal, traz em discussão posicionamentos de Judith Butler e Jonh Austin, cujas teorias envolvem a "performatividade do gênero e da sexualidade".

Trazendo este posicionamento para os filmes, recorta uma cena do filme Mulan, em que a personagem Mulan decide vestir-se de homem para lutar no exército. E uma de suas ancestrais a censura: [...] *sua bisneta tinha que ser transformista*! [...] é a instalação do estranho que traz a possibilidade do risco, da desordem, da incerteza. Para evitar a incerteza e diminuir o risco é preciso identificar, nomear, classificar, organizar as diferenças. (SABAT, 2004, p. 5).

Dando prosseguimento ao item filmes, uma possibilidade de construir sentidos traz a pesquisa de Castro & Bessa (2005) norteada por um princípio ético que as autoras anunciam como sendo situação pendular que vai desde a abnegação total da homossexualidade e suas implicações até a aceitação e convivência "civilizada entre os personagens" (CASTRO & BESSA, 2005, p.4).

As análises dos filmes realizadas por Castro & Bessa (2005) estão baseadas mais em enredo e temáticas abordadas do que propriamente em algum referencial teórico; entretanto, as referências bibliográficas no final do texto apontam autores importantes das ciências sociais como o próprio Foucault, Geertz ou Chartier. E pela formação acadêmica das pesquisadoras oriundas da área de História, compreende-se a presença de importantes autores da história cultural.

Apesar da discussão levada pelas autoras Castro & Bessa (2005) não conter, neste texto, diálogo com os autores consultados da bibliografia, a pesquisa acredita que os filmes, em sua essência, contribuem para a inteligibilidade dos fenômenos históricos e para difusão dos conhecimentos sobre a história, área e origem das pesquisadoras.

Siqueira (2004), por sua vez, busca uma aproximação entre mídia e gênero. Para tanto, investiga as relações de sexualidade e gênero nas interações de mulheres educadoras com a imagem cinematográfica na construção de significados apreendidos pela análise de sua narrativa. Os filmes escolhidos pelas participantes foram Tomates verdes fritos, de Jon Avnet, 1991, A Lei do desejo de Pedro Almadovar, 1987 e The Wall, de Allan Parker, 1982. Os roteiros fílmicos contêm narrativas que buscam romper com as dicotomias de gênero.

Fundamenta-se a pesquisa de Siqueira (2004) nos estudos culturais, em noções pós - estruturalistas, apontando autores importantes como, Foucault, Barthes, Eco e Barbero.

Na seqüência destacamos a pesquisa de Rosa (2004), que buscou saber como as representações sociais dos estudantes do curso graduação em educação física são constituídas em relação à homossexualidade. Para tanto, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas e coletivas, acompanhadas da exposição do filme Delicada Atração, de Hettie McDonald, 1996.

Relata o pesquisador que apesar de tratar-se de um tema já difundido nos estudos da masculinidade e teoria *queer* não encontrou trabalhos específicos na área de educação física. Embora, estudos revelam que, entre as décadas de 80 e 90, foram encontrados trabalhos relacionados a questões de gênero como sinônimo do masculino e feminino, não levantando ou levando em conta outras discussões.

Verificamos que muito pouco ainda se explorou sobre estudos homossexuais no cinema. Tanto nas instituições educacionais como fora delas, isto se evidência nas considerações de Moreno (2001), ao analisar filmes sobre a representação do homossexual no cinema nacional, no período de 1920 -1994. Para ele, as questões da homossexualidade representadas nos filmes nacionais consolidam-se como "*um modelo de personagem homossexual".* Ou seja, homossexuais apresentados como indivíduos doentes e patogênicos ligados ao crime, à prostituição e o vício. Paralelamente, apresentados de forma jocosa como indivíduos portadores de uma gestualidade excessiva e adeptos do uso de vestuários extravagantes, assim ratificando a sua condição de palhaço e objeto de chacota.

Enfim, nossa construção de revisão literária levanta indícios de que o cinema pode exercer um grande poder sobre o pensamento das pessoas reconstruindo sentidos diferentes pelos atravessamentos das imagens em movimento.

Vêem-se, desta forma, possibilidades no sentido de que considerar um filme como um dispositivo pedagógico pode abrir espaços para leituras possíveis. Esse fato nos instiga a prosseguir problematizando as questões da sexualidade em leituras fílmicas, pois a revisão da literatura demonstra que as pesquisas sobre homossexualidade e cinema ainda não são em número suficiente quando considerada a importância do tema na constituição do sujeito contemporâneo, o que motiva analisar o filme Delicada Relação, a seguir.

4 POSTURAS METODOLÓGICAS

4.1 ANÁLISE FILMICA

O projeto se destina a refinar e dar consistência teórica, ou, mais especificamente, metodológica, ao procedimento de análise fílmica, levando em conta as especificidades da linguagem cinematográfica articulada pelos três atos: enquadramento, decupagem e montagem, na visão de Deleuze. Trata-se do fluxo e aspectos de análise dos elementos técnicos e sua composição para além dos elementos sígnicos, ou seja, o conjunto da técnica e dos signos voltados para a produção dos sentidos, os afectos e perceptos.

No trabalho de análise entre as imagens e abordagens teóricas, houve uma necessidade de se fazer uma leitura analítica do monumento fílmico, indagando o que é e o que não é revelado, priorizando pistas que estão ali para serem vistas sem perder a perspectiva do contexto, das partes e do todo do filme.

Trata-se de projeto dotado dos aspectos de análise de quatro cenas do filme “Delicada Relação”, onde foram examinadas e pontuadas cenas que podem resistir ou não ao dispositivo da sexualidade e se o filme pode ser considerado ou não um dispositivo pedagógico.

Mesmo que se diga que a questão da imagem fílmica não representa uma prova da verdade, tudo pode ser igualmente montado, todas as cenas podem conter verdades e inverdades. Existe, naturalmente, para cada cena, uma e muitas possibilidades de conhecê-las. Embora toda imagem desvela uma realidade preexistente capturada pela câmara, manifesta também a presença de um pensamento, de uma subjetividade (que se manifesta por meio do enquadramento, decupagem e montagem de um campo e um fora de campo).

O ideal de uma verdade que procura fazer crer ao espectador que é possível conseguir uma suposta transparência da representação, pressupondo a transparência do mundo, coloca o espectador na situação de "testemunho", como se a simples presença do sujeito ante um acontecimento determinado bastasse para compreendê-lo e pretendesse a instauração de uma confiança absoluta na tecnologia. Em um filme não é necessário falar ou comentar as imagens registradas pela câmara. A realidade se mostra e se enuncia. Já não é necessário transformar o mundo, basta vê-lo, observá-lo.

Propõe-se uma metodologia que busque utilizar o filme como recurso pedagógico-crítico, um dispositivo pedagógico em relação com o dispositivo da sexualidade que faz ver e falar sobre a sexualidade e sua diversidade.

A investigação proposta caracteriza-se metodologicamente pela seleção aleatória e análise de cenas temáticas do filme “Delicada Relação”, permitindo ao pesquisador agregar novas pistas aliadas a teoria em direção a um novo olhar.

4.2 GRUPO DE DISCUSSÃO OU GRUPO FOCAL

A técnica do grupo de discussão ou focal, consiste na formação de pequenos grupos envolvendo de 6 a 12 participantes que se pretende investigar. Um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas para discutir e comentar um tema que é objeto de pesquisa. Um grupo que envolve algum tipo de atividade coletiva, como assistir a um filme e conversar sobre ele. (GATTI, 2005, p. 7).

O estudo que se apresenta não tem como característica o embasamento de seus

dados de maneira quantitativa. A opção pela pesquisa qualitativa em profundidade se deu através da proposta do trabalho, que é explorar dados subjetivos e posicionamentos diante da leitura de um filme, e as conversações depois da sessão fílmica.

Partimos da hipótese de que um filme pode ser considerado um dispositivo pedagógico que faz ver e falar sobre a sexualidade. Uma coleta de dados quantitativa tornar-se-ia insuficiente para apontar dados com resultados para esta investigação. Pois não esta realizando-se uma entrevista com o grupo, mas criando condições para que este se situe, explicite, crie pontos de vista, critique, abra perspectivas diante da problemática. (GATTI, 2005, p. 9). Assim optamos pela técnica denominada de grupo de discussão ou focal.

O universo selecionado foram alunas (os) de mestrado em educação da UNIVALI – Universidade do Vale de Itajaí que freqüentam os grupos de estudos. Pretende-se verificar o desenvolvimento no ato da recepção, o relacionamento e a construção e transformação de idéias nas discussões.

O processo foi elaborado e estruturado pelo pesquisador através da construção de um pré-roteiro que contempla os objetivos do estudo. Os participantes são incentivados a troca de experiências e pontos de vista entre si.

A formação dos grupos foi uma grande preocupação para a obtenção de um material que fosse confiável aos princípios da técnica. Inicialmente projetamos como sujeitos da pesquisa, alunas do curso de pedagogia da UNIVALI. Para tal, convidamos alunas dos períodos (6º, 7º e 8º) e entregamos às mesmas o filme “Delicada Relação” para que visualizassem em suas residências, e alguns dias depois os grupos se reuniriam para participar da conversação.

A organização dos grupos apontou várias dificuldades entre elas, horário de encontros, alunas que não compareciam ou que não conseguiam ver o filme, pois não tinham DVD e nem computador em casa. Outras antecipadamente anunciaram que não participariam da pesquisa, sem apresentar justificativas. Consideramos disponibilidade de algumas e resistências de outras. Esta experiência piloto veio fortalecer ainda mais nossa intenção de pesquisa, bem como fortalecer os objetivos da mesma no sentido da problematização.

Assim, considerando esta experiência, pensamos ser conveniente buscar esta leitura mais adiante, ou seja, na pós – graduação, no Mestrado em Educação, uma vez que este campo investigativo nos ofereceria professores de áreas distintas. Este interesse surgiu de alguns contatos que obtivemos durante encontros com colegas no mestrado em educação. Encontros estes onde ocorreram apontamentos problematizando o tema da sexualidade e filmes. Estes despertaram nossa curiosidade em saber o que pensam e falam as mestrandas em educação sobre filmes que envolvem o tema da sexualidade.

O convite foi feito pessoalmente em uma aula do grupo de estudos mídia e conhecimento. As mestrandas foram convidadas para assistir o filme "Delicada Relação" para após a sessão participar de uma conversa informal. Posteriormente, este convite foi reforçado e estendido através de contato eletrônico (e-mail) a todos os demais grupos de estudo do mestrado em educação da UNIVALI de Itajaí. O convite continha uma sinopse do filme e mencionava tratar-se de uma pesquisa de mestrado em educação.

Participaram da sessão oito mestrandas em educação vindas de áreas diversas como pedagogia, saúde, administração, informática e direito. O filme foi assistido em conjunto e logo após houve um debate sobre o mesmo. Assim, a escolha para assistir ao filme e também para participar da conversa foi aleatória. O convite foi estendido a todos, no entanto participaram da sessão e da conversa final oito mestrandas.

As conversações foram conduzidas pelo pesquisador de forma que não houvesse interferência nas colocações, para que as falas fluíssem de acordo com as opiniões do grupo. As discussões duraram aproximadamente uma hora, que é o um tempo máximo viável para esta técnica e os tópicos da discussão foram elencados em formato semi-estruturado.

O registro das conversações foi feito em MP4 e cassete de áudio, anotações por escrito e observações das expressões e linguagem corporal. A utilização das imagens pelo videogravador foi descartada, uma vez que este procedimento poderia inibir e constranger as participantes.

Embora o dispositivo pedagógico pode evidenciar-se em qualquer espaço onde há reuniões ou encontros de pessoas, nossa escolha pelo local, sala de aula e alunas no mestrado correspondeu ao direcionamento da pesquisa na área de educação.

A pesquisa tem aspectos qualitativos e, como se trata também de observar um grupo focal, apresenta-se também em forma de observador participativo. Qualitativo pela subjetividade singular da observação refletida nas análises, tanto do filme, objeto de pesquisa, como na construção discursiva das participantes do grupo focal. "A análise é um processo de elaboração, de procura de caminhos, em meio ao volume das informações levantadas". Não existe um modelo único de análise de dados. (GATTI, 2005, p.44-46).

Foram observadas a interação, a mudança de opiniões e como as idéias da sexualidade vão construindo-se. Em que momentos o filme e a fala das alunas confirmam o dispositivo da sexualidade e em que momentos resistem a este dispositivo.

A proposta de discussão abordou questões gerais sobre:

a) Importância do filme, do tema e da pesquisa na educação;

b) É importante tratar da sexualidade nas escolas (sim, não, por quê?);

c) Este filme pode ser usado na formação continuada de professores?;

d) Cenas que mais chamaram mais sua atenção? Por quê?;

e) O filme "Delicada Relação" leva você a pensar sobre...?

4.3 OBJETO DE PESQUISA: O FILME "DELICADA RELAÇÃO"

A escolha de um único filme para este estudo decorreu-se de um processo de várias seleções. A princípio selecionou-se um corpus de 58 filmes a grande maioria

premiados[4] na categoria gay, indicados por cinéfilos em contatos virtuais e pessoais. Destes, assistimos e analisamos 48 filmes de épocas diferenciadas, sentindo como o tema da sexualidade, a homossexualidade se revelava, ou seja, como se evidenciava a temática, onde descartamos as comédias e aqueles que acentuavam o preconceito, estereotipando ou caricaturando.

Com este critério alcançamos as pré-seleções, até um corpus de sete filmes, dois épicos e cinco contemporâneos de produções diferentes, com possibilidades de leituras diversas, de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e heterossexuais. Os filmes pré-selecionados foram: Benhur (USA – 1959), Alexandre (EUA- 2004), O Padre (Inglaterra- 1994), Desejos Proibidos (USA – 2000), Delicada Relação (Israel- 2002), Todas as Cores do Amor (Irlanda – 2003) e Segredo de Brokeback Mountain, (USA – 2005).

Após a investigação dos sete filmes, constatamos uma nova possibilidade para uma leitura que reportasse a temática contemporânea. Para tanto, selecionaram-se três filmes de países diferentes: Todas as Cores do Amor (Irlanda - 1994), Delicada Relação (Israel- 2002) e O Segredo de Brokeback Mountain (USA- 2005).

Esta última seleção nos abre a oportunidade de perceber que a leitura de um único filme contemplaria nossos objetivos. Assim, optamos pela seleção de "Delicada Relação", por ser este um filme de duração inferior aos demais, sessenta e cinco minutos, tempo que facilita o uso do mesmo em período de aulas, bem como por tratar-se de um filme com relevância pessoal da pesquisadora, uma vez que fez parte e marcou momentos de minha vida. Outro fator que contribuiu para a escolha foi o não acentuado preconceito ao tratar da relação homossexual.

Um filme, uma música, uma palavra marcam momentos que dividimos com pessoas que amamos. "Delicada Relação", um filme que vi pela primeira vez há muito tempo, uma indicação de um amigo homossexual muito especial, com o qual divido troco constantemente informações sobre arte fílmica. Um filme que moveu muitas

---

[4] Disponível em: http://www.mnemocine.com.br/cinema/crit/filmesglbt.htm acesso em 13/08/06

catarses, encontros, desencontros e superações de muitos amigos, homossexuais e heterossexuais.

Este mundo cinematográfico já nos proporcionou momentos de criação, desconstrução, transformação, entre muitas formas de pensar. Assistindo e falando sobre filmes participei e participo ativamente do mundo homossexual há muitos anos, dividindo sensibilidade e formas diferentes de amar. Inclusive esta pesquisa foi inspirada nesta vivência.

5 O FILME "DELICADA RELAÇÃO"

Sinopse: Uma base militar localizada na fronteira de Israel com o Líbano abriga jovens soldados, homens e mulheres. Yossi (Ohad Knoller) é o comandante do grupo, um homem duro que mantém a todo custo sua postura rígida e a fama de mau. Jagger (Yehuda Levi), o segundo na hierarquia do quartel, tem uma personalidade mais sensível, apesar de também encarar seu trabalho com seriedade. Uma vez juntos, os dois militares vivem uma história de amor que tentam esconder dos demais membros da tropa. No entanto este esforço fica ameaçado quando a recruta Yaeli (Aya Steinovitz) se declara apaixonada por Jagger. Numa das operações militares de treinamento, Jagger morre e o filme termina com a cena do velório do soldado na casa de sua família.

Destacaremos quatro cenas do filme para análise: cena 01: do gelo; cena 02: discórdia do casal; cena 03: morte; e cena 04: o enterro. Nosso objetivo é analisar onde as cenas confirmam ou resistem ao dispositivo da sexualidade, observando o filme como um dispositivo pedagógico nas relações das imagens – movimento, os atos cinematográficos (enquadramento, decupagem, montagem). Busca-se identificar as contribuições dos dispositivos na construção ou rompimento de padrões da sexualidade através da análise fílmica.

O que somos e o modo como nos interpretamos pode ser posto em uma perspectiva histórica e/ou antropológica, como faz Foucault (*apud* LAROSSA, 1994, p. 43) ao analisar a experiência de si, onde não são os comportamentos ou as idéias que interessam na análise, mas "as problematizações através das quais o ser se dá

como podendo e devendo ser pensado, e as práticas a partir das quais essas problematizações se formam".

Alertamos que entre uma cena e a outra e entre as cenas, há sinais, signos expressando algo e prolongando estes sinais. O sentido vai surgindo do movimento da imagem em todo o filme, diferenciando-se continuamente entre os objetos e as cenas.

Assim, ao analisarmos o filme "Delicada Relação", não é o enredo com seus personagens que interessam, mas o campo de problematização que a experiência vivida no filme permite pensar através dos atos cinematográficos.

A proposta é gerar debate sobre o filme e fazendo isso, questionam-se valores e produz-se conhecimento e saberes em torno da temática homossexualidade. O filme em si provoca um discurso sobre o sexo, uma estratégia do dispositivo da sexualidade que procura estabelecer relações de poder-saber sobre o sexo. Diante desta articulação observar-se-á o filme como um dispositivo pedagógico, já que a educação deve estar voltada para as mídias, "no sentido de produzi-las, mas também compreendendo os vários olhares presentes neste processo de produção". Pois, a mídia, neste caso os filmes, são passíveis de análise investigativa na sua produção de que sentido essas imagens estão liberando? (MOSTAFA, 2006, p.13)

A pós-modernidade desafia a escola na produção de outros signos que não apenas os lingüísticos; é preciso então ler e escrever a mídia, isto é, ler e escrever com som, imagem e movimento numa espécie de alfabetização visual; importa, então, desenvolver métodos de ensino e aprendizagem para a escrita da mídia visual, pois como todo grafismo, o grafismo audiovisual também tem suas regras e formas próprias de significar. (idem, p. 14).

Ao vermos e falarmos sobre o filme "Delicada Relação", deparamo-nos com a delicada relação dos dispositivos da sexualidade e pedagógico, na produção de novos olhares. A presença dos atos cinematográficos na articulação das imagens levou-nos a constatar as muitas possibilidades de construir/reconstruir novas leituras de filmes no processo educativo.

5.1 CENAS TEMÁTICAS DO FILME "DELICADA RELAÇÃO"

5.1.1 CENA DO GELO (ALEGRIA, DESTERRITORIALIZAÇÃO, ESPAÇO LISO – CUIDADO DE SI, MODOS DE EXISTÊNCIA).

O comandante (Yossi) decide afastar-se do acampamento em companhia do seu subordinado (Jagger); um terceiro soldado (Ophir) demonstra vontade de acompanhar o comandante nesta operação.

***Yossi**:* Lior e eu precisamos sair por uma hora.
***Jagger**:* Aonde?
Yossi: Temos de controlar a zona para o treino de amanhã.
***Soldado Ophir**:* Não o controlaram já na semana passada?
Yossi: Ainda faltam alguns postos de observação. Voltaremos dentro de uma hora. Fica para a próxima, não fiques tão triste.
***Jagger*:** Vamos, Lior.
***Jagger*:** Vamos!

Beijo, close, primeiríssimo plano e super close, olhos e bocas. Ao sair mostram-se os objetos e troca de cena.

A cena apresenta uma fusão de vários planos. Inicia-se a cena com plano aberto, fechando-se em zoom, a lente vai distanciando-se e aproximando-se em horizontal e vertical. Ao relacionar os planos para criar um todo no processo de montagem, de imediato nota-se o papel do Estado no controle da zona. Segundo Deleuze & Guattari *"Uma das tarefas fundamentais do Estado é estriar o espaço liso como meio de comunicação a serviço do espaço estriado."* (MP vol. 5 p. 59); os soldados vão controlar postos de observação, mas nota-se que a argumentação não passa de uma estratégia para o afastamento dos soldados no anseio de encontrar outro espaço. O segredo, o silêncio, o não dito, o interdito são estratégias para viabilizar o encontro.

Chegando ao lugar, um novo espaço se abre entre eles, para eles, com eles. É um novo território, um momento de desterritorialização, ou seja, ambos buscam outra dimensão onde a multiplicidade se transforma mudando de natureza. Os soldados como que constroem um espaço tanto quanto são construídos por ele. *"Para o nômade, ao* contrário, é a desterritorialização que constitui sua relação com a terra,

por isso ele se reterritorializa na própria desterritorialização". Segundo os autores, é a terra que se desterritorializa ela mesma de modo que o nômade encontra aí um território. "A terra deixa de ser terra, e tende a tornar-se simples solo ou suporte [...] a terra se desterritorializa "[...] em lugares precisos, ali mesmo onde a floresta recua, e onde a estepe e o deserto se propagam" *(MP vol. 5 p.53).*

Os atos cinematográficos que dão sentido ás imagens são de um encontro amoroso entre eles. A câmera em zoom capta os movimentos dos rostos em planos de close e em super close esboçando beijos e deixa ver os corpos deitados lado a lado, em seus uniformes desabotoados no solo gelado do campo de observação, agora tornado um espaço liso. Temos a sensação, por vezes, de estarmos em um espaço aberto demais. Deleuze & Guattari descrevem esses desertos de areia e de gelo em que se constituem os espaços lisos como espaços sem linhas de separação entre a terra e o céu; [...] não há distância intermediária, perspectiva, nem contorno, a visibilidade é restrita; e, no entanto, há uma topologia extraordinariamente fina, que não repousa sobre pontos ou objetos, mas sobre *hecceidades*". *Hecceidades* que são como paisagens tácteis, "ventos, ondulações da neve ou da areia, canto da areia ou estalidos do gelo, qualidades tácteis de ambos" (MP vol. 5 p. 54).

Um coelho passa na cena e Jagger nota. Só saberemos no final do filme que o coelho é como um signo da sua infância. Para Yossi o coelho é um par de olhos intrusos na cena amorosa. Deleuze & Guattari assinalam que o espaço liso "[...] é um espaço táctil, ou antes, "háptico" e um espaço sonoro muito mais do que visual" (p. 54). No entanto para Jagger este coelho é o signo do devir – criança, não uma semelhança nem uma identificação e sim uma produção dele próprio no real que ele está tornando-se simultaneamente, sem que esse outro seja real. "Um devir não tem sujeito distinto de si mesmo; mas também como ele não tem termo, porque seu termo por sua vez só existe tomado num outro devir do qual ele é o sujeito, e que coexiste, que faz bloco com o primeiro. (MP vol.4 p. 15)

Durante o encontro amoroso, ambos deitados no gelo, dialogam entre planos fechados diretamente nos personagens, no enquadramento da paisagem. A câmera abre e fecha o zoom no rosto de Jagger, focando a expressão, e a seguir abre para a cena onde ele desliza o corpo pela dança, cantarolando uma música. As cenas, os planos se abrem e fecham em sintonia com a música, dança e brincadeiras dos dois,

com ênfase maior no super close do rosto de Yossi, confirmando sua alegria. Vemos o que vemos e a imagem nos olha, imagem-afecção, movimento de expressão. Para Deleuze a imagem-afecção é o grande plano, o rosto, a rostificação.

***Yossi**:* Que é isso?

Jagger: Um rádio, um presente da minha mãe. Jagger sintoniza uma rádio e se ouve o som da música; Jagger acompanha a canção cantarolando a música, ao que Yossi lhe pergunta: Gostas mesmo desta música gay? Ao que Jagger ironiza: “Aqui é Rádio Hetero. Temos em linha Yossi, um duro, comandante de companhia, um gay de verdade que pede para ouvir Meir Ariel”.

Yossi ri diante da criatividade do amigo. A companhia de Jagger arrasta Yossi para um sorriso e a alegria de sair do território minado da guerra. O gelo e solo coberto de neve dão a impressão de uma desterritorialização e do habitar um território novo, alegre, musical, onde o amor é possível. O devir – a criança se apresenta com a sonoridade da música, o imperceptível aparece como tal, um afecto em si mesmo. A pulsão em pessoa não representa nada, pulsa a alegria da criança. “Devir é um verbo tendo toda sua consistência; ele não se reduz, ele não nos conduz a "parecer", nem "ser", nem "equivaler", nem "produzir". Ele não imita algo ou alguém, identifica-se com ele. (DELEUZE & GUATTARI, 1995, MP vol. 4 p.16 - 55).

Música e afectos alegres fecham essa cena com o som da canção e da troca da letra que Jagger gostava de experimentar:

Sobe a música:

“Diz-me alguma coisa.
sobre os teus momentos de medo,
é simples larga-os para trás das costas.
Vem, vem perder-te no nevoeiro.
Vamos debaixo da luz e não debaixo das sombras.
Até que continuemos...
Normalmente só luto com lutadores.
Desta vez direi:

A troca da letra cantada por Jagger:

“Fale-me dos momentos de medo.
é muito mais fácil ficar na retaguarda
quando o vento frio soprar lá fora.
Eu incendiarei você por dentro.
Um dia, você vai poder parar.
De correr entre as sombras...
Que há em sua alma”.

Buscando uma relação consigo mesmo, com sua própria sexualidade, o personagem Jagger se encontra consigo mesmo sem levantar hipóteses ou explicações universais, mas apenas experimentando o seu devir-criança.

> [...] Cantar ou compor, pintar, escrever não têm talvez outro objetivo: desencadear esses devires. Sobretudo a música; todo um devir-mulher, um devir-criança atravessam a música, não só no nível das vozes (a voz inglesa, a voz italiana, o contra-tenor, o *castrato),* mas no nível dos temas e dos motivos: o pequeno ritornelo, o rondô, as cenas de infância e as brincadeiras de criança. (DELEUZE & GUATTARI, MP vol. 4 p.55).

Os estudos de Foucault sobre a história da sexualidade e o cuidado de si nos fazem pensar sobre uma existência, um modo de vida como uma arte de cada um. Com a subjetivação se produzem modos de existência, estilos de vida próprios que escapam do cotidiano que lhes é instituído dentro ou fora da instituição. A prática e o cuidado de si buscam garantir a correlação entre o que o indivíduo é e o que acredita ser.

A letra, a música, as imagem, enfim todo o cenário agencia uma cadeia de sentidos, acontecimentos, a partir do desejo dos soldados, transformando e sendo transformado. O corpo, o pensamento emerge pela maestria das singularidades sustentando o desejo de existir, constituição de vida. Na cena seguinte veremos a discórdia do casal, em território novo.

5.1.2 CENA DA DISCÓRDIA DO CASAL (DISPOSITIVO DA ALIANÇA E DISPOSITIVO DA SEXUALIDADE).

Um close na parte central do violão. As cordas trazem um som produzido pelo toque de Jagger. O plano vai abrindo focando os dois personagens Jagger e Yossi sentados no sofá. Jagger arranha notas no violão. Yossi faz anotações, ambos apreensivos. A câmera aproxima um de cada vez para o enquadramento da cena, enquanto planos deslizam-se uns sobre os outros trazendo sentidos à cena e ao todo do filme. As imagens dos corpos se aproximam em primeiríssimo plano, no rosto e no olhar evocando sinais para o próximo plano, a partida, a emboscada. A cena produz tensões, sentidos da expressão do comandante Yossi, responsável por tão arriscada missão.

Jagger: Fica a que distância da estrada?
Yossi: Quer se concentrar?
Jagger: Repassamos isso cem vezes! Sabemos de cor. Diga, Yossi! Vai ficar comigo se eu perder uma perna?
Yossi: Poderia ser conveniente para certas posições.
Jagger: E se meu rosto ficar queimado, e só me restar um olho?
Yossi: Depende. Com ou sem cílios?
Jagger: Sem cílios, sem sobrancelhas. Estilo "Paciente Inglês".
Yossi: Não gosto quando fala assim.
Jagger: Sério o que é melhor? Ser ferido, ou morrer?
Yossi: Pare com isso!
Jagger: E se eu morrer? E ainda não tiver dito que me ama?
Yossi*:* E se eu morrer, porque em vez de agir quer pentelhar? (irritado, concentrado nas estratégias de comandante para o grupo)
Jagger*:* Desculpe (retira-se e volta-se para o violão, inicia uma música e canta) fale-me dos momentos de medo (ambos riem) E muito mais fácil ficar na retaguarda. (Yossi irrita-se).

Articulam-se nesta cena entre palavras, silêncio, foco, luz, no olhar e na música, um jogo de forças do poder confirmando o dispositivo da sexualidade pelas expressões de Jagger quando propõe uma conjugalidade, um casamento nos padrões normativos da heterossexualidade. Enquanto que Yossi não pretende sair do armário para buscar um lugar de inserção no laço social nas instâncias institucionais da aliança, do matrimônio, do parentesco.

Yossi: *Lior pare, pode entrar alguém!*

Jagger: Há, esqueci, Gay demais para você ...Vamos procurar algo mais viril. Estou chupando cana de novo...
Yossi: *(*Irritado e nervoso): Porque você não cresce? O que queres de mim? Desculpa mas não é fácil pra mim. Se não lhe dou um anel. Desculpe não se trata de um filme americano!

O fluxo das imagens do enquadramento, uma parte do quarto e suas composições se misturam pelo movimento de aproximação e afastamento da câmera em direção aos personagens, que expressam sentidos.

Yossi entra no jogo do poder ao dar visibilidade a sua sexualidade "desregrada", mas não entra no jogo para propor uma ruptura com a norma. Ao contrário, é um desejo de norma que o impulsiona. Enquanto que Jagger entra no jogo de poder através de uma resistência. Ao se deparar com a impossibilidade de reconhecimento na norma, ele tenta instaurar um movimento de ruptura aos discursos dominantes. "Por um lado, uma ameaça de homossexualização do vínculo social, e por outro, pensa-se numa dissolução da homossexualidade".(PAIVA, 2007).

O discurso não reflete a realidade, ele se articula em estratégias diversas do poder e saber pela prescrição descrita por Foucault de "regra da polivalência tática do discurso". (FOUCAULT, 1988, p.95). O dispositivo da sexualidade de um lado incita prazeres e de outro resiste diante de reforços e controle da sexualidade, fatos identificáveis nas falas e na imagem apresentadas nas cenas.

Yossi: Agora me ouça.
Jagger: Não, ouça você. Vamos passar nossa férias em Eilat...e reservar um quarto no hotel. E pedir uma só cama, uma cama de casal. Cansei de juntar camas. Não quero mais juntar camas. Vou contar para minha mãe. Vai conhecer meus pais e meu cachorro. Porque eu cansei disso, ouviu? Eu estou cansado. É esta a situação!
Yossi: E lembre-se, nunca te prometi que seria diferente. Tem que conviver com isso, ou então partir. Não vai mudar tão cedo. (o silêncio de palavras se faz nesse instante, enquanto Yossi concentra-se em seu mapa, Jagger retira-se da sala).

Yossi resiste ao seu desejo homossexual singular, a homossexualidade, quando lembra a Jagger que nunca lhe prometeu nada. Portanto não quer mudar, assumir a relação da forma proposta por Jagger. O que Jagger propõe é uma conjugalidade nos padrões da heterossexualidade (cama de casal, conhecer os pais, etc). Assim Jagger pode estar resistindo ao dispositivo da sexualidade que não aceita a

homossexualidade e ao mesmo tempo confirma o dispositivo da sexualidade ao querer uma união normatizada pela heterossexualidade. Entretanto, o que ambos poderiam buscar é um devir criativo, novas formas de construção de relação, um "devir homossexual" que afete até mesmo os heterossexuais. Uma nova forma de vida gay, de subjetivação de novas formas de existência, "concentrada na libertação do desejo e na procura da própria identidade sexual, em favor do uso da homossexualidade para a criação de novas formas de existência". Uma nova forma de vida gay. (ORTEGA, 1999, p.166).

A intenção na mudança é o olhar do outro, é agradar o outro. Ou seja, para que possa existir, Jagger precisa construir a relação amorosa com o outro pela manutenção normatizante da heterossexualidade. A arte de viver se sujeita à moral sexual que define critérios éticos da existência aos quais estão ligados os princípios matrimoniais heterossexuais. Pode-se dizer que a arte da existência matrimonial se organiza em torno de um vínculo conjugal, uma doutrina de monopólio sexual, uma estética de prazeres compartilhados. Pois uma gestão matrimonial surge pelos preceitos tradicionais da existência a dois. (FOUCAULT, 2007).

Na cena o sexo em discurso, as relações de poder e saber, estratégias do dispositivo da sexualidade. A experiência da relação homossexual vista no filme em momentos parece resistir à norma heterossexual, mas permanece na ilegitimidade.

Nas próximas cenas o grupo de soldados se organiza para a prontidão, depois aguardam os movimentos inimigos na fronteira de guerra. Para estas cenas os movimentos são em sua maioria das imagens em primeiro plano. Valoriza-se o rosto, a expressão de cada soldado em intervalos de planos gerais, indicando a coletividade na noite de plantão, no gelo, nas trincheiras, preparados para o ataque. Ao amanhecer, o comandante Yossi os libera da posição através do seu amigo Jagger, seu mais próximo assistente:

Yossi: Em meia hora, o sol vai nascer. Lior, está ouvindo?
Jagger: Estou.
Yossi: Lamento se estava um pouco tenso.
Jagger: Um pouco?
Yossi: Agora não importa. O importante é que todos estão bem. (tenta tocar levemente a mão de Jagger, mas este a retira rapidamente). Encerre a emboscada.

Jagger transmite a ordem: Ponham os capacetes, vasculhem. Em linha... em linha! Cortes, outras cenas se complementam em close de primeiro plano para a inesperada explosão, em plano geral. Varias explosões misturam-se com os gritos dos soldados: Explosivo! Cessar fogo! Alguém viu alguma coisa? Continuem atirando nas árvores! Cessar fogo!

Aqui Zambia 64, ouvi uma explosão no ponto 65, que se passou? Sabes alguma coisa? 65 aqui Zâmbia. Repita por favor. Dispara um rocket. Recomeçar a contar. Recomece a contar. Um. Dois. Três. Cinco, o quatro está perdido. Começando. Yossi faz o chamamento pelos números aos quais identificou os soldados,

-Um.
-Dois.
-Três.
-Quem é o quatro?

Ele chama outra vez, faz-se silêncio. Quem é o quatro? Pergunta Yossi. Um soldado responde: É o Jagger, Senhor.

Esta aritmética autônoma e de pequenas quantidades é uma tecnologia que o Estado apropria da máquina de guerra nômade. Para Deleuze, a máquina de guerra dos nômades sempre operou com o número numerante, isto é, uma "organização aritmética autônoma". Segundo ele, o aparelho de Estado se apropria da máquina de guerra nômade:

> [...] é nos exércitos de Estado que se colocará o problema de um tratamento de grandes quantidades, em relação com outras matérias, mas a máquina de guerra opera com pequenas quantidades [...] O número torna-se sujeito [...], o número já não é um meio para contar, mas para deslocar (DELEUZE, GUATTARI, 1997 p. 65).

O deslocamento de Jagger de alguns passos o conduz à morte no campo minado do front de guerra. Neste campo minado os soldados passam a noite em vigília nas trincheiras geladas do front. Após a explosão, o espaço-front é usado para o pedido de socorro à base no recolhimento dos mortos.

Embora a expressão das palavras de Yossi tenha conotação agressiva, ríspida, pois se mistura com palavras de ordem, seu olhar se ajusta ao seu corpo e o movimento da imagem indica docemente e por instantes um despir-se da farda para buscar ansiosamente pelo soldado Jagger. Neste momento há certa contradição em Yossi, pois resiste ao dispositivo da sexualidade, ou seja, não reprime nem recusa sua homossexualidade, assume-a não com palavras, mas com movimentos da imagem que sinalizam as expressões do corpo.

As cenas se seguem em planos que revelam um silêncio contemplando as conseqüências da inesperada explosão, a cilada do inimigo e a espera, o chamamento de socorro e a ordem de retirada.

Enquanto o socorro não vem, ouve-se o diálogo entre Jagger, ferido mortalmente e o comandante Yossi na cena seguinte.

5.1. 3 CENA DA MORTE (IMPASSIVIDADE DA MORTE E CONFISSÃO).

As imagens-movimento se compõem na cena pelos objetos e atos da realidade. A realidade fala por meio dos objetos. A imagem – movimento fala por si só. As cenas acontecem ali, elas são uma realidade ali naquela cena diante da confissão e da impassividade da morte. (DELEUZE, 1985).

Yossi: Lior? Está me ouvindo? Lior, você está bem? Fale comigo!
Não vejo nada. Onde está ferido? Fale para eu poder ajudá-lo. Onde dói?
Jagger: Abraça-me.
Yossi: Descanse, não fale.
Jagger: Você me ama?
Yossi: Seu tonto, claro que eu o amo!
Jagger (falando com dificuldade): É como num filme americano. Um maldito filme americano.
Yossi: Lior não durma! Pense! Pense em coisas boas.
Pense no Extremo Oriente. Eu vou com você. Pense em Eilat. Cama de casal.
Prometo. Lior, acorde.
Yossi: Lior? Amo você. Lior?
Soldado Ophir : Acho que está morto.

Nas cenas anteriores a esta fala, o bombardeio, cenas de sofrimentos insondáveis, angústias profundas; no entanto, a imagem em movimento, a montagem traz em cena a aparente simplicidade das palavras de Yossi e Jagger no confronto com a morte. Aquilo que acreditávamos ser tortura ou contorção remete a outras posturas, a passividade, assumir seu amor, declarar-se sem medos.

Ao declarar-se Yossi joga seu universo no uno como princípio. O Ser é, aí, "ser", uma realidade de acordo com sua confissão, no momento em que declara seu amor. Mas, ao mesmo tempo, na cena atravessam outros agenciamentos, tais como o posicionamento de Yossi como comandante do grupo. Um homem duro que mantém a todo custo sua postura rígida e a fama de mau. Reserva-se neste ato o direito de "dispor" da vida e morte de seu companheiro Yossi para expor sua própria existência. "O direito de morte tenderá a se deslocar ou, pelo menos, a se apoiar nas exigências de um poder que gere a vida". (FOUCAULT, 1988, p.128).

A confissão nesta cena é concebida através dos corpos, dos prazeres e das sensações. Yossi gesticula, contrai-se, dispara olhares em todas as direções, produz um determinado tipo de relação consigo mesmo. Embora na presença do soldado Ophir, Yossi não se intimida, revela-se delicadamente ao confrontar-se com a morte de seu amor, embora deixe transparecer certa impassibilidade.

No momento em que Jagger diz: Lior, onde está ferido? Fale para eu poder ajudá-lo. Onde dói? E Jagger responde: Abraça-me. Transpõe o controle da carne, unem os corpos, os prazeres. O proibido, o permitido aliados pela relação, união de corpos. Poder e desejo se articulam um jogo de energias. O poder não surge, está presente em todas as partes e especialmente na relação entre um ponto e outro, são variações contínuas. Opressor/oprimido desaba entre os movimentos e fusões das imagens em close intensificando a expressão facial de cada personagem que atua na cena.

Na indagação de Jagger: Você me ama? E na confirmação de Yossi: claro que eu o amo! Há uma organização de sentidos, eixos e direções semelhantes, embora avancem e recuem em todas as direções, constroem planos e superfícies em outras dimensões. Não falam da mesma maneira, não se encontram no mesmo tempo. As noções, composições de agenciamentos, conjuntos de linhas mudam e a linguagem

muda também em rajadas de olhares. Pois Jagger traz a lembrança outra cena e diz: “É como num filme americano. Um maldito filme americano”.

Estaria trazendo Jagger o imenso poder discursivo das leis americanas de seu império, do mundo hollywodiano? A fidelidade cultural ditadora do povo americano, impregnada na arte, principalmente na cinematográfica. Esta insinuação “filme americano” já foi alvo da cena do conflito do casal e se afirma nesta cena, a da morte.

Assume Yossi a postura rígida de comandante ao perceber que não há mais espaço para seu amor neste território e faz os chamamentos oficiais para que o corpo de Jagger seja transportado. Um novo enquadramento, planos de aproximação movimentam as imagens do corpo de Yossi para indicar uma nova desterritorialização, a da morte, para uma nova territorialização, a do enterro.

5.1.4 CENA DO ENTERRO (ALIANÇA (JURÍDICO) SEXUALIDADE (NORMA E DISCIPLINA).

Na casa dos pais de Jagger se instala o ritual do enterro. Familiares e soldados em conversas paralelas e olhares divididos pelos silêncio. Yossi e Yaeli chegam juntos recebidos pelo pai de Jagger:

Pai: Vardaleh, este é Yossi, era o comandante de Lior.

Mãe: Obrigada por ter vindo.

Pai: Ele disse que Lior era o melhor oficial que ele tinha. Disse que todos o amavam. Todos os soldados o amavam.

Yaeli: É verdade, sabe? Todos gostavam do Jagger; Perdão, Lior; nós o chamava-mos de Jagger porque ele parecia... um astro de rock . Eu o amava. Tentei... dizer a ele no dia em que que tudo aconteceu. Acho que ele me amava, mas não teve a chance de dizer.

Mãe: É engraçado sabe? De repente,vejo que eu pouco sabia sobre ele. Todos estão sempre ocupados com seus afazeres. Quem imaginou que não haveria tempo? Não sei..ele nunca falava. Mesmo quando eu perguntava ele era sempre discreto. Eu tento pensar no meu filho, e não sei nada sobre ele.Eu não sabia que ele tinha namorada. Não sabia sobre você. Quando penso nisso agora, não sei nada mesmo sobre ele. Não sei qual era o filme predileto dele. Não sei qual era a música predileta dele.

Yossi: "Your Soul".

Mãe: O que você disse?

Yossi: "Your Soul", uma música da Rita. Era a música predileta dele. Ele também gostava de mudar as letras. Sim “Your Soul”, da Rita.

Entra a música...

O silêncio rodeia os atos cinematográficos. Gestos, olhares imagens em primeiro plano trazem em destaque o olhar misterioso de Yossi.

O segredo, o mistério no ar.Uma fala sem horizonte de expectativa. Fala que não chegou a nenhum lugar, fala sem espectador. É como se ele tivesse ocupado um lugar de fala sem legitimidade, o que tornou a sua revelação sem importância quase como se ele não tivesse falado nada. Que importância tinha para a mãe saber da música preferida do filho, sem que isso conectasse a outros enunciados ou outros maquinismos, sem que isso pudesse produzir algum efeito?

Produziu-se nestes diálogos entre a mãe de Jagger e Yaeli um sentido de efeito de verdade instituido pelo dispositivo da sexualidade, a norma a disciplina da sexualidade, confortável para ambas. Era confortável para a mãe conhecer a “namorada” e era confortável para a Yaeli reconhecer-se “namorada” de Jagger. Para ambas havia um sentido estabilizado e uma memória discursiva de namoros entre sujeitos homens e mulheres sustentados pelos saberes e as forças do poder sobre a vida sexual dos sujeitos.

A imagem do semblante de Yossi aparece no entremeio dos diálogos de ambas mulheres em momentos de silêncio para manter ou evidenciar o segredo, bem como marcar a presença dele na vida do soldado morto e ao mesmo tempo desmarcar. Nesta cena, em vários momentos Yossi silencia sobre sua relação com o soldado morto e quando fala não é ouvido. Pois a sua fala está fora do horizonte de expectativa das mulheres. O que ele tem para falar não importa. Porém, emite energias de todos os lados, enquanto folheia o album de fotografias de Jagger, sai da cena e vai às lembranças, a cena do gelo que é trazida até este momento pela fotografia de Jagger fantasiado de coelho. Yossi sorri, está em outro território. Enquanto mãe e namorada confirmam, afirmam a produção de verdades pela propagação discursiva em que o casal heterossexual coloca-se como norma. Percebe-se assim que o movimento de construção não é uma escolha mas sim uma condição de existência.

Entendemos que a cena do velório de maneira geral é uma cena marcada pelo dispositivo da sexualidade tal como Foucault o descreve. É como se o dispositivo da sexualidade encontrasse dificuldades para fazer valer uma sexualidade homossexual no ambiente familiar:

> (...) A célula familiar, assim como foi valorizada durante o século XVIII, marido-mulher e o eixo pais-filhos – se desenvolvessem os principais elementos do dispositivo da sexualidade (o corpo feminino, a precocidade infantil, a regulação dos nascimentos e, em menor proporção, sem dúvida, a especificação dos perversos (FOUCAULT, 1988, p. 102).

Foucault esclarece ainda que não se deve entender a família, em sua forma contemporânea, como uma estrutura social, econômica e política de aliança. A família não exclue a sexualidade e nem a refreia. Mas seu papel, segundo Foucault, (Idem) é o de fixar a sexualidade e constituir seu suporte permanente. O dispositivo da sexualidade só dará visibilidade à homossexualidade no âmbito familiar, se puder controlá-la ou explicá-la de alguma forma justificacionista. O saber que desconhece da mãe sobre o filho é talvez a forma encontrada pelo dispositivo para invalidar uma sexualidade fora dos padrões que ele define.

O desejo de Jagger de tornar pública sua relação, não se concretiza, nem mesmo após sua morte, pois é Yaeli (soldada) que revela seu amor por Jagger. Nem mesmo Jagger, que deseja tornar pública sua relação, expressa por um lado uma ruptura com a heterossexualidade, e por outro uma conformidade com o padrão de relacionamento heterossexual consagrado socialmente: vida de casal, cama de casal, etc.

O movimento homossexual tem mais necessidade de uma arte de viver do que de um conhecimento científico sobre o que é a sexualidade. ”A sexualidade faz parte de nossa conduta”, de nossa liberdade. Ela é nossa própria criação, não algo secreto de nosso desejo. Com ela e por meio dela instauramos novas formas de se relacionar. “O sexo não é uma fatalidade; ele é uma possibilidade de acender a uma vida criativa”. (FOUCAULT, 2004, p.261).

Pensa Foucault que os homossexuais não devem descobrir-se homossexuais, mas criar um modo de vida gay. “Um tornar-se gay”. Criar uma nova vida cultural pelas escolhas sexuais. (p.261).

Diante disso, a resistência é sinal de que há relações de poder e não simplesmente obediência. Pois a resistência é a força superior do processo e faz com que as relações de poder mudem. Há uma tensão entre o não fazer o que se quer e utilizar-se das relações de poder; a resistência, palavra chave desta dinâmica. Um jogo de estratégias em busca de um prazer sexual ou físico.

5.1.5 O TODO DAS CENAS

Embora selecionamos quatro cenas para esta análise, outras cenas aliadas a estas compõem o todo do filme. Este se estrutura pelas relações entre as imagens, os atos cinematográficos, o enquadramento, a decupagem e a montagem que dão sentido as imagens. A montagem, por sua vez, distribui as relações entre os planos para compor o todo do filme.

Deleuze assim define os três atos cinematográficos: ”**Enquadramento** são os quadros cinematográficos no momento da gravação das cenas (tudo que está presente, cenários, personagens, acessórios) e o diretor é o executor dos planos que vão garantir as imagens e sons que fazem parte do enquadramento. A **decupagem** é que vai determinar o plano (movimento no quadro e entre quadros, cortes, passagens. Está entre o enquadramento do conjunto e a montagem do todo). A decupagem do roteiro vai dividir o texto em blocos de gravação e com a **montagem** determinam relações entre os planos na composição do todo do filme” (1985 p. 23-45).

A produção de imagens cinematográficas se constitui pela técnica, a captação da imagem através da câmera. O tratamento filosófico que Deleuze dá aos três atos cinematográficos permite perceber como o movimento e a montagem relacionam estas imagens e vão construindo um todo com relações de partes, tanto espirituais como mentais. Estas partes vão além das imagens, mudando conforme o filme passa.

A perspectiva foucaultiana do cuidado de si nos mostra possibilidades de recriarmos trajetórias que acarretam transformações através de novos modos de ver e existir. Decisões éticas e estéticas, criando, recriando técnicas da subjetivação própria de cada um.

Os estudos de Foucault sobre a história da sexualidade, o cuidado de si nos fazem pensar sobre uma existência, um modo de vida, como uma arte de cada um. Com a subjetivação são produzidos modos de existência, estilos de vida próprios que escapam do cotidiano que lhes é instituído, dentro ou fora da instituição.

O que podemos destacar nas cenas analisadas é a conexão, o fluxo de uma imagem a outra, da outra com o todo. Na cena do gelo, que é a primeira analisada, podemos ver e sentir que a necessidade de afastar-se para criar um novo espaço que se evidencia no silêncio, nos olhares, na música, nos objetos que fazem parte da cena.

Nas demais cenas, desentendimento do casal, da morte, e na cena final, a do enterro, o sentido, os signos que parecem ser os mesmos, vão recriando as cenas a cada novo olhar. Quando digo novo estou me referindo a outro olhar, em outro momento em nova atualização de saber. Pois mudamos, transformamos nosso olhar conforme vamos criando, recriando situações novas, um sentido para um único momento.

Separamos as cenas para análise, estas não estão separadas, elas se encontram na união das imagens, uma vez que cada imagem tem seu sentido, mas uma está ligada à outra e todas unidas ao todo do filme.

Mesmo tratando a subjetividade como um efeito derivado da experiência, a composição das cenas é direcionada pelo olhar externo e interno; assim construímos hábitos, espera, crença e certezas parciais. Uma espera a respeito de si mesmo, uma ponte conduzida pelas crenças pessoais sempre em busca de um novo existir.

Este cuidado de si no todo do filme apresenta formas de subjetividade como decisões estéticas e éticas do próprio indivíduo, modos de existência que deseja-se construir para si. Na tela e nas cenas há uma construção de si enquanto o

espectador ou o analista procura a sua própria existência. Embora a moral sexual tem definido critérios estéticos e éticos da existência, o sujeito precisa lutar para assegurar a sua dominação e seu prazer sexual.

Na união das imagens, a arte da existência matrimonial se organiza em torno de um vínculo conjugal, uma doutrina de monopólio sexual, uma estética de prazeres compartilhados. Uma relação a dois, preceitos tradicionais, princípios de vida. (FOUCAULT, 2007, p. 150-15). Esse vínculo conjugal não esconde o relacionamento, mas procura livrá-lo de uma exposição desnecessária, mantendo uma atitude de descrição. Agenciamentos de conjugalidade de um cotidiano criado pelos cuidados de si, criações de uma gestão de intimidade relacional. (PAIVA, 2007, p.32).

O cuidado de si na prática que busca a liberdade pode ser vista no jogo de imagens entre planos circulares na presença marcante de Jagger, inclusive na cena final onde sua presença se faz pela presença dos outros, entre eles, Yossi. O cuidado de si, na verdade, refere-se ao cuidado da alma, como espaço para o pensamento, para a reflexão, o diálogo, o encontro com o semelhante. Uma liberdade em conexão com o cuidado de si, não como egoísmo, nem superação de desejos, mas sim um domínio de si mesmo. (FOUCAULT, 2007, p. 51).

A marca, a moral do amor dos rapazes, norteia-se pela desqualificação, uma imperfeição juntamente com as relações fora do casamento. Assim, a arte de uma existência sob o cuidado de si não incide sobre os outros, submete o indivíduo a sua própria fragilidade. Não ser escravo de si nem dos outros, ou seja, daqueles que governam. A governabilidade de si ou do outro deve ser como liberdade essencial, a ética. Ser livre de si mesmo e dos outros. (FOUCAULT, 2007, p. 234).

A liberdade de escolha para viver relações afetivas intensas entre rapazes resolve-se, desde a Grécia antiga em um problema de amizade, de companheirismo mas que teve, através dos séculos, conotações diferenciadas. A Paidéia grega será transformada no cristianismo e será vista como perigosa; Foucault relata que um dos problemas das escolas secundárias da modernidade era impedir as relações sexuais entre os jovens e as amizades entre eles.

A homossexualidade tornou-se um problema social a partir do século XIX, quando a amizade entre os homens foi desaparecendo. ”Enquanto a amizade representou algo de importante, enquanto ela era socialmente aceita, não era importante que os homens mantivessem entre eles relações sexuais. (...) Uma vez desaparecida a amizade enquanto relação culturalmente aceita, a questão é colocada: “o que fazem, então, dois homens juntos?”(FOUCAULT, 2004).

Assim, as instituições da família tradicional não oferecem acesso aos homossexuais. Portanto, cabe-nos indagar como constituir estilos sociais para uma solução afetiva?

Contudo cabe aqui salientar que as cenas analisadas do filme “Delicada Relação” trazem leituras possíveis da imagem-movimento e de seus atos cinematográficos, pelo viés do dispositivo da sexualidade. Tenta-se também a compreensão do filme como um dispositivo pedagógico que propõe um “cuidado de si” pela contemplação de uma forma de existência estética, um estilo. Uma linha de pensamento baseada nas teorias de Foucault e Deleuze.

Sendo assim, ao refletirmos sobre o cinema na visão de Deleuze (1985), observamos a arte fílmica da imagem não em condição do enunciado ou da narrativa, mas de algo que é enunciável em si. Procurando a realidade da imagem marcada pela mutabilidade e dinamismo. Criando um mundo dentro do mundo e não um mundo duplo. Esta é a reflexão que nos guiou na análise do filme “Delicada Relação”.

Com estas análises procuramos identificar possibilidades de indicar o filme “Delicada Relação” como um dispositivo pedagógico na definição de Larrosa, pois o sentido da educação, os modos de comportar-se, de construir-se, experienciar-se a si mesmo circulam entre uma série de valores e concepções. Onde o importante não é o aprender algo exterior, mas a elaboração, reelaboração consigo mesmo, nas quais as “pessoas produzem e transformam a experiência que tem de si mesmas”. (LARROSA, 1994, p. 36).

Neste sentido, podemos observar que o filme, ao ser considerado um dispositivo pedagógico, pode ser um ponto de resistência na não aceitação dos modos de subjetividade impostos. Assim, oferece possibilidades de mudar as práticas tidas como ‘intoleráveis’. Uma possibilidade de escolha de novas experiências de si

mesmo. O “governo de si” onde o melhor será aquele que exercer maior poder sobre si mesmo. Uma resistência ao dispositivo da sexualidade, aparato discursivo, pelo qual os corpos são estimulados e pelo qual há uma incitação ao discurso sobre sexo determinados pelas estratégias de saber e poder.

O conjunto de imagens que aparecem no filme se confundem e se fundem em ações e reações de variações. Caminhos por onde passam em todos os sentidos as modificações. Um fluxo entre imagens, uma agindo e reagindo sobre a outra em todas as faces. Um prolongamento de sinais e signos, onde o sentido vem do movimento da imagem. As imagens são a própria realidade. O todo do filme que se diferencia continuamente entre os objetos e as cenas. (DELEUZE, 1985).

As cenas do filme se compõem de imagem movimento, objetos e atos da realidade. A realidade falando por meio de movimentos dos personagens e objetos. A imagem movimento falando por si só. As cenas acontecem ali, elas são uma realidade ali naquela cena. A narração para Deleuze é passar de uma imagem a outra e não de um enunciado a outro. Fazemos cinema o tempo todo com os olhos. (DELEUZE, 1985).

6 FILME E DISPOSITIVOS UMA “DELICADA RELAÇÃO”

Elegemos analisar o filme “Delicada Relação” com a intenção de olhar de perto as articulações dos dispositivos pedagógico e da sexualidade, em uma relação ao qual consideramos delicada. Ao tomarmos o filme como objeto desta análise, entendemos que esta delicada relação, no seu todo, na sua existência, de alguma forma resiste ao dispositivo da sexualidade. O filme se apresenta como um movimento de resistência ao dispositivo da sexualidade, embora algumas cenas apontem para a confirmação do dispositivo. O filme um dispositivo que possibilita e coloca a homossexualidade em discurso, faz ver e falar, atribuindo sentidos pelos atos cinematográficos.

Há sempre um jogo entre os dispositivos, uma delicada relação articulando-se. Redes de saber e poder que disparam, amarram, resistem às forças discursivas que

consolidam verdades, ou abrem espaços para fugas de dominações, as quais procuramos identificar e teorizar nas cenas.

Na **Cena do gelo,** para teorizar sobre alegria, desterritorialização e espaço liso, cuidado de si, modos de existência. Nas **Cenas da discórdia do casal** e **do enterro**, para observar o jogo de forças do dispositivo da sexualidade (norma e disciplina) e da Aliança (jurídico). E na **Cena da morte**, a confissão de última hora, a impassividade, variações de poder e imanência.

Entre um espaço e outro, muitas outras cenas disparam discursos que trazem em pauta sinais de sentido para nossa investigação. As primeiras cenas nos deparam com imagens que cercam todo o campo militar, determinando espaço para sustentação das teias singulares e coletivas do grupo de soldados. Confrontos e resistências visíveis e invisíveis, apoiadas uma nas outras pelas forças do poder, pois, "*provém de todas as partes, em cada relação entre um ponto e outro. Essas relações são dinâmicas, móveis, e mantêm ou destroem grandes esquemas de dominação*". (FOUCAULT, 1988, p.91).

Os personagens principais Yossi e Jagger procuram experiência de estar no mundo, resistindo ou deixando-se levar pela manipulação estratégica do poder. Poder constituinte da homossexualidade, no contexto em que a classificação da sexualidade era policiada, determinada pelo discurso do poder da igreja e da medicina. A igreja ditando regras de controle pela confissão, casamento. E a medicina ditando regras de anomalia patológica, distúrbios sexuais a quem não se incluía na lista do real. Tudo girava em torno da não formatação do casamento cristão e monogâmico instaurado no século XIX, um modelo heterossexual.

Cabe-me aqui destacar que o mecanismo que incita o discurso médico, não é dito como repressivo, mas sim um novo mecanismo de poder que vai se instalando pelo e com o dispositivo da sexualidade, fazendo crer que homossexuais eram diferentes biologicamente e psicologicamente dos heterossexuais. Assim, o homossexual é constituído como contra - modelo, torna-se uma personagem com anatomia indiscreta e fisiologia misteriosa.

O personagem Yossi apresenta marcas no corpo deste discurso instalado ao longo dos anos, pois suas reações sustentam o dispositivo da sexualidade. Observa-se

isso na cena da “discórdia do casal”, quando Jagger provoca uma mudança e Yossi responde*:* [...] nunca te prometi que seria diferente. Tem que conviver com isso ou partir. Não vai mudar tão cedo. Assim, Yossi contribui com o discurso heteronormativo, onde relações fora do casamento eram anomalias. O controle da sexualidade estava ligado à saúde das famílias pelo disciplinamento da sexualidade. Os médicos reinvidicando poder pela autoridade da fala, da verdade sobre a sexualidade. Este dispositivo transforma as práticas dos homossexuais de crime pecado para doença, portanto se crime constitui pecado, doença exige cura. (FOUCAULT, 1988). Assim, o poder de classificação era do saber da medicina, dividindo a sociedade em categorias, homossexuais ou heterossexuais.

Delicada Relação apresenta uma sucessão de cenas singulares de sentidos, ausentes ou não no discurso das imagens da música e do silêncio. Aparece para ser visto em cada cena, o que já está, o que pode ser visto e o que não pode ser visto no primeiro momento. A nudez da questão homossexual apresentada no filme é uma característica de tempo discreta e vem mostrada valorizando um cotidiano de uma comissão de soldados sem subterfúgios e por isso rompe com os clichês e nos faz pensar.

Na maioria das cenas, Yossi confirma o dispositivo da sexualidade demonstrando disciplina às normas da heterossexualidade, escondendo não reconhecendo a homossexualidade em si. Mantém sua postura de chefe rígido, embora se permita momentos de fuga para encontrar seu espaço liso; resiste não se declarando e não assumindo seu relacionamento amoroso com Jagger. Evidências que vão acumulando-se pelos jogos de saber e poder.

Não reconhecer a homossexualidade é uma peripécia da vontade da verdade. Esbarra-se a ela, mascarando-a, desviando-a quando induzidos a dizer o que somos.

Na cena do gelo Jagger pergunta a Yossi cantarolando: Por quanto tempo, vai continuar fugindo? Essa é uma música de gay mesmo. Esta é a voz dos heterossexuais, temos Yossi na linha. Homem durão, comandante de uma companhia e gay enfurecido.

Nesta cena, observa-se uma articulação do dispositivo da sexualidade, isto é, a institucionalização da heteronormatividade indicativos do poder e saber no discurso da homossexualidade. Yossi joga com seu companheiro os padrões da heteronormatividade, ou seja, brinca afirmando que ser comandante é ter poder até na relação afetiva.

> [...] Prazer e poder não se anulam; não se voltam um contra outro; seguem-se, entrelaçam-se e se relançam. Encadeiam-se através dos mecanismos complexos e positivos, da excitação e de incitação. (...) Diz-se que nenhuma sociedade teria sido tão recatada, que as instâncias de poder nunca teriam tido tanto cuidado em fingir ignorar o que interditavam, como se não quisessem ter nenhum ponto em comum com isso (FOUCAULT, 1988, p. 49).

Embora Jagger, desprovido de amarras e prestes a findar sua missão militar, instiga, proclama uma relação assumida, seu companheiro insiste em não concordar, mesmo que seja traído pela sua confirmação pela luz do olhar. Os sentidos que a imagem anuncia podem ser infindáveis.

Uma vida secreta não pode ser omitida, os fatos devem ser contados, pois aparentemente nada é para ter-se vergonha. Porém, ocultava-se o que do sexo se falava, ocultando-se na verdade insuportável e perigosa sobre ele. Sexo como matéria privilegiada da confissão por muito tempo, inclusive podemos dizer que ainda hoje.

A relação entre as imagens que o filme exibe nos tira do senso-comum; o comandante Yossi não chora diante e nem pela morte de seu companheiro e amor; sorri, através da lembrança do amado que vem em sua mente pela música, pela fotografia. Isso tudo nos faz pensar, estamos diante de um filme diferente! Um filme que faz parar, pensar, refletir. Dói ver uma morte do personagem; dói ver as ilusões da suposta namorada; dói ver a ignorância da mãe em relação ao filho; dói, por fim, ver o fim de uma relação de amor.

Uma rede de saberes proclamados pelo dispositivo da sexualidade se evidencia na pele que esfrega e roça, nos dedos que tremem, aquecem e machucam, nas palavras que nomeiam e revelam, nas emoções de duplo contato que libertam, alimentam , explodem, em um toque de si mesmo. Uma relação delicada, onde se

prolongam ou se cortam comentários, no sentido de engendrar novos tempos-espaços para avaliar a capacidade de resistência ou a submissão e controle.

Os efeitos de verdade sobre a sexualidade, que foram construídos através dos tempos com repercussão no espaço escolar, foram observados nas discussões teóricas e confrontados com o filme "Delicada Relação", no cuidado de observar em que momentos o filme pode ser considerado um dispositivo pedagógico que vem confirmar ou resistir ao dispositivo da sexualidade.

O filme, como um dispositivo pedagógico permite pensar de outro modo, problematizando e construindo outras idéias, pois oferece opções de visibilidade de um relacionamento onde questões da sexualidade podem ser refletidas nas práticas pedagógicas. Um dispositivo que faz ver e falar sobre a arte cinematográfica, não como percepções e sim como perceptos e afectos porque está além de quem o produziu: "O que se conserva: a coisa ou a obra de arte é um bloco de sensações, isto é, um composto de "perceptos e afectos". Percepto " é o que dura, afecto é o devir, o que muda, o que passa de um a outro, de uma coisa a outra, de um estado a outro. O percepto faz durar e o afecto faz passar". (DELEUZE; GUATTARI, p. 213).

7 DINÂMICAS DE ANÁLISE DO GRUPO FOCAL

7.1 O TODO DA CONVERSAÇÃO

A coleta de material discursivo/expressivo ancorou-se em experiências emergentes na interação grupal de valores básicos que subsidiam opiniões reveladas pelo grupo de discussão, um grupo de mestrandas que foram convidadas e se dispuseram a participar da pesquisa, assistindo a um filme para discutir e comentar sobre o tema deste estudo.

O monitoramento foi oferecer um clima sem formalidades, criando condições para que todas pudessem explicitar seus pontos de vista, fazendo criticas, abrindo expectativas diante da problemática da pesquisa. A discussão seguiu um roteiro semi-estruturado. A ênfase observada foi à interação estabelecida e as trocas efetivadas. O interesse não foi somente verificar o que as mestrandas pensam, mas

porque pensam e o que pensam neste momento, pois se sabe que a todo instante mudamos nossas concepções. Tudo é questão de momento, portanto não há conclusões definitivas nem verdades únicas e sim várias formas de pensar e de construir subjetividades.

Semelhantes ao que ocorre com dados qualitativos nas pesquisas sociais, “não existe um modelo único e acabado de análise de dados para os grupos focais”. (GATTI, 2005, p.46). De tal modo, construímos um plano de analise das falas, destacando semelhanças e diferenças de opiniões. Relatos que venham ao encontro dos objetivos deste trabalho. Levamos em consideração as entonações, as expressões e os gestos na análise dos sentidos a partir das falas. Procuramos ressaltar o que nos pareceu relevante no grupo, os consensos, dissensos, as rupturas, as descontinuidades, os silêncios.

Destacamos opiniões da maioria e também da minoria pela relevância das explorações para a composição e confronto com as teorizações. No entanto, a forma de estruturação foi flexível para provocar no grupo possibilidades de interações, a seqüência de trocas e condições contextuais nos processos de interação do grupo.

A opção de análise tem quebras, pois não priorizamos códigos de estruturas e sim “falas e seqüência de falas no contexto grupal e em sua dinâmica própria de trocas”. (GATTI, 2005, p. 51).

As opiniões e idéias que emergiam na discussão foram evidenciadas e processadas num coletivo, com intuito de observar mudanças, influências, acordos e desacordos que eram produzidos e se alteravam ao longo da conversa. É possível que com a proximidade de um grupo de discussão se possam perceber as diferenças e proximidades existentes entre o que as pessoas dizem e o que elas fazem de fato. As articulações entre os entendimentos e sentidos revelados pelos participantes, inclusive quem monitora e analisa, podem ser vistos como qualidade e não como limitação, “porque podem emergir situações e discussões que ampliam o cabedal explicativo diante do problema em pauta” (GATTI, 2005, p.68, *Apud* MORGAN).

Os dados apontados sinalizam aspectos importantes da forma de ver e falar sobre o sentido que um filme pode provocar na prática educativa, ou seja, um dispositivo

possibilitador de modos de pensar, de agir, de ver, de sonhar, vontade de saber, de viver.

7.2 OS DISPOSITIVOS EMERSOS NAS FALAS

No processo de análise, focalizo-me, sobretudo, no funcionamento dos dispositivos da sexualidade e pedagógico. A visibilidade, o ver, e a enunciabilidade, o falar são e constituem saberes de um dispositivo, produtores genuínos de enunciados (e, por sua vez, de discursos). São estas curvas e regimes que fazem ver e dizer a sexualidade, a homossexualidade nas falas, na discussão do grupo de mestrandas.

7.2.1 DISCURSOS SOBRE A SEXUALIDADE NA ESCOLA

A delicada relação apresentada no relacionamento amoroso do casal protagonista do filme no seu todo, de alguma forma toca delicadamente provocando choques na recepção das mestrandas. Assim, visualizemos as respostas das perguntas de número 01 a 03 sobre a importância de se discutir sexualidade nas escolas e sobre a pertinência deste filme para realizar tal discussão:

M-1: É preciso falar sobre a sexualidade na escola, inclusive para se aproximar dos sentimentos, as pessoas não falam de sentimentos, não revelam o que sentem, não fazem o que gostam... A sexualidade faz parte da realização pessoal ela está precisando ser vista de forma clara explicitada e não de forma camuflada.

M-2: Deveria ser abordada a sexualidade, todos os tipos. Quando se aborda de uma forma geral na sala de aula ao falar sobre os cuidados do corpo que pode haver relação de homem com homem e mulher com mulher.

M-3: A questão de tratar o filme na escola vai depender da idade, mas vai chocar sim, mas é uma boa escolha para trabalhar principalmente com professores e não da mesma forma com os alunos.

M-4: Abordar um filme destes depende da idade pode não ser aceito, como já vimos outros filmes com outras abordagens na escola os pais não aceitam, não só a questão da homossexualidade, mas outras. Filmes de droga, sexualidade tem famílias que não aceitam e vão na escola reclamar. As famílias não aceitam a homossexualidade. É um filme maravilhoso, só que eu penso que tem que tomar o cuidado principalmente com a idade.

Pois tem família que pode vir a achar que a gente ta induzindo, incentivando, embora seja mesmo normal. A ta tão normal assim que ela ta no bolo. Com os professores tranqüilo, pode ser trabalhado com o filme.

M-5: Não é o adulto que vai determinar qual é a sexualidade dele, milhões de adolescentes transam a primeira vez num sexo que não foram elas que escolheram. Sou menino vou transar com uma menina. Frustrações, anos para poder se assumir, quando já podia fazer isso dentro de casa.

M-6: Já se aceita a relação homossexual. Agora eu não sei enquanto professora se trabalharia isso com meus alunos, pois primeiro os professores deveriam saber sobre isso para depois resolver os assuntos que permeiam a sala de aula, trabalhar estas pessoas.

M-8: Os professores não querem falar sobre isso nas salas de aula. Eles têm uma visão bem diferente, eles nem imaginam que existe isso, a homossexualidade como tratada no filme.

Foucault entende que a história da sexualidade é a história dos discursos. E neste conjunto de discursos das mestrandas em educação, nota-se um certo cuidado que necessita de permissão para falar de sexo na escola, e esta fala deve ser cercada de cuidados: cuidados com idade, cuidados com a formação dos professores. Na formação há uma implicação clara com a competência de falar, de poder falar sobre tão delicada relação. As falas das mestrandas trazem à tona discursos semelhantes analisados por Foucault quando da construção do conceito teórico do dispositivo da sexualidade. Família e *scientia sexualis* são dois elementos históricos fortes na constituição do dispositivo.

A ponderação das mestrandas sobre o cuidado com as famílias das crianças, caso este filme fosse exibido na escola, demonstra o reaparecimento dos discursos em camadas estratificadas do presente, mas cuja escavação arqueológica permitiu a Foucault constatá-los presentes em séculos anteriores. A família como o cristal do dispositivo cumpre uma dupla função: reflete e difrata a sexualidade. A família tornou-se através dos séculos um lugar de afetos, de sentimentos, de amor. Ela é, segundo Foucault, um dos elementos táticos e arbitrários porque repercute em sua exterioridade exercícios do disciplinamento em relação a sexualidade. De fato, a escola é o lado de fora da família, da mesma maneira que a família é outra das instituições que podemos considerar o fora da escola. Fala-se muito em comunidade escolar e na participação da família na educação dos filhos. Mas institucionalmente,

família e escola são instituições paralelas que só se encontram através de muitas mediações, como associações de pais e mestres ou conselhos tutelares diversos.

Por isso encontramos fragmentos das falas sobre as famílias:

- Tem famílias que não aceitam e vão na escola reclamar (M-2 e M-4).

- As famílias não aceitam a homossexualidade (M-1 e M-4).

- Pois tem família que pode vir a achar que a gente ta induzindo, incentivando, embora seja mesmo normal, tão normal assim que ela ta no bolo (M-4).

Menciona Foucault que há cento e cinqüenta anos um complexo foi instalado para produzir verdades sobre o sexo. As falas destacadas das mestrandas em educação, consultadas nesta pesquisa, são um prolongamento desta historicidade. Tanto quanto a fala da pesquisadora, ao enunciar as perguntas para o grupo focal. Há em todas as nossas falas uma incitação para fazer falar o sexo e a sexualidade. Fomos capturados pelo dispositivo ao analisá-lo. Olhos atentos, ouvidos curiosos, palavras para saber e ser capaz de dizer. Uma demanda de saber que escapa e nos detêm em sombras. A “petição do saber” há centenas de anos.

Na análise histórica sobre a arte erótica grega e sua distinção com as práticas sexuais modernas, Foucault aponta a contigüidade da relação corpo-a-corpo na Grécia antiga como uma relação de aperfeiçoamento do espírito, isto é, relação de conhecimento: “Na Grécia a verdade e o e sexo se ligavam, na forma da pedagogia, pela transmissão corpo-a-corpo de um saber precioso; o sexo servia como suporte às iniciações do conhecimento” (FOUCAULT, 1988 p.61).

Já em nossas sociedades o sexo exprime-se pelo ritual da confissão tornada legítima pela sexologia ou *scientia sexualis* iniciada no século dezenove e pleno de direitos em nossa pós-modernidade. Ao seu redor acumulam-se discursos profissionais vindos de várias áreas científicas, inclusive das ciências humanas, como sociologia, psicologia, antropologia ou pedagogia.

Por isso, vemos enunciado do tipo:

- Com os professores tranqüilo, pode ser trabalhado com o filme (M-4).

- É uma boa escolha para trabalhar principalmente com professores e não da mesma forma com os alunos (M -3).
- Primeiro os professores deveriam saber sobre isso para depois resolver os assuntos que permeiam a sala de aula (M-7).

Foucault menciona médicos, pedagogos, psiquiatras, padres, pastores e todo tipo de especialista possível como profissionais de apoio à consolidação do dispositivo da sexualidade para compor a *scientia sexualis*.

Embora em alguns momentos houvesse manifestação de resistência ao dispositivo da sexualidade, em sua maioria se evidenciou a confirmação ao dispositivo, especialmente no momento em que relataram suas experiências pessoais em relação à sexualidade e suas opiniões sobre o filme.

M-4 Um aluno chorou em meu colo, revelando-se homossexual, pois não pode falar sobre isso e sofre.

M-2 Tenho amigos homossexuais, quando eles passam de mãos dadas, homens ou mulheres, isso choca, mas vai...

M-3 O que aconteceu em minha casa com meu filho: (...) pegou a caneta azul e pintou a unha, chegou para mim e mostrou a unha, o que você acha? Mas eu vou tirar (...) eu não sou gay. (...) porque você filho ficou assim tão alerta? Eu não sou! Filho tudo bem, eu não to questionando com relação a isso.... Claro que a mamãe gostaria que você casasse com uma mulher e me desse netinhos, mas eu não sei, você só tem 12 anos.

Percebe-se nestas falas uma concentração de opiniões que parecem estar em fluxo harmônico, no entanto entrecruzam-se, pois há uma preocupação em falar, explicar, em o quê falar. No entanto, preserva-se uma questão fundamental: o “vigiar e punir o seu próprio corpo”. Uma transparente insegurança, complementando-se, contradizendo-se ou até construindo novos posicionamentos. Há, entre uma fala e outra, muitas observações entre quem estava falando e quem estava ouvindo.

O saber especulativo intervindo no rigor dos conhecimentos estabelecidos, da instância teórica unitária que tem a pretensão de filtrar, hierarquizar, ordenar em nome de um conhecimento verdadeiro, de uma ciência com direitos para alguns. (FOUCAULT, 2000, p. 13).

Ao serem questionadas se trabalhariam ou não com filme em sala de aula, houve silêncio e ao mesmo tempo ansiedade para manifestar-se, falar, comentar, indagar.

As relações de forças do poder, o que pode e o que não pode, afirmam-se nas expressões e existe em ato. Neste sentido observamos o poder em estado de guerra, uma guerra continuada: ora é lícito falar de sexo na escola, ora é um problema que requer cuidados e consentimentos. "O poder político nesta hipótese teria como função reinserir perpetuamente essa relação de força, mediante uma espécie de guerra silenciosa que ocorre nas instituições, nas desigualdades, na linguagem e nos corpos". (FOUCAULT, 2000, p. 23).

Por outro lado, a M-7 afirma que trabalharia o filme sem dúvidas, mas comenta que para fazer isso exigiria certa competência, "inclui uma série de valores" e a questão da contradição do discurso com a prática. Também segundo a mestranda, a questão da homossexualidade é negada pela própria sexualidade do ser humano. "Ao construir a identidade do sujeito desde o jardim e pré a professora desconstrói, ou anula o pênis e a vagina. Então que sexualidade se constrói?"

Sobre esse comentário caracteriza-se a constituição do corpo social como funcionamento de um discurso verdadeiro. Como então se sujeitam os comportamentos destes corpos que são dirigidos, regidos nestes processos contínuos de produções de verdades? Na fala da mestranda M-7 a nossa sexualidade foi construída pela norma da heterosexualidade, "família, sociedade e educação determinam a forma da sexualidade. Nós enxergamos desta forma, nos foi construído este conceito sobre a sexualidade".

O conceito da sexualidade construído apresenta-se sob cobrança social, médica, jurídica e religiosa para a questão de um "gênero inteligível, que guarde coerência entre anatomia, identidade de gênero, desejo e prática sexual". (BUTLER, 1990, *Apud* PORCHAT, 2008, p. 46).

Cobra-se uma prática por meio de discurso de um sexo definido, estabelecido por uma verdade de gênero. Nesse sentido, Butler (idem, p. 48-49) aponta a violência da imposição das normas de gêneros circulando como verdades. Para ela a performatividade dos atos de fala criam realidades e consolidam o sujeito. Performamos variados atos cotidianamente, e, ao repeti-los, mantêm-se a visão binária dos gêneros.

7.2.2 AS CENAS QUE MAIS CHAMARAM A ATENÇÃO

Duas cenas destacam-se na conversação das mestrandas: a cena do velório (M-1, M-3) e a cena do beijo (M-2, M-3, M-6).

A) CENA DO VELÓRIO

M-1: A importância da cena do velório, quando a mãe é questionada sobre o que ele gostava. A mãe não sabia nada sobre o filho, se nós levarmos isso para a educação é assim, quantas famílias estão distanciadas daquilo que realmente acontece, a escola distanciada, todo mundo coloca meio que uma venda nos olhos para ver o que realmente acontece ao seu redor com os filhos com os alunos.

M-3: Uma coisa no filme que me chamou a atenção foi justamente o que a colega comentou, sobre a mãe que em momento se vê que não sabe nada sobre o filho. E quando a mãe fala que não sabe a música preferida do filho e o soldado fala, não fica a certeza, mas há dúvidas da confirmação do namoro entre os soldados.

Há nesses fragmentos um apelo mais sentimental entre mãe e filho do que propriamente relacionado à disciplinarização dos corpos no dispositivo. Por outro lado, a fala da mestranda número 01 suscita a pergunta principal de Foucault na sua inspiração nietzchiana: por que a verdade, sempre a verdade? (Quantas famílias estão distanciadas daquilo que realmente acontece). Há um apelo para maior visibilidade nas instituições família e escola.

B) CENA DO BEIJO

M-2: Cena que mais tocou foi a do beijo, ela choca no começo, mas depois vai amenizando, pois pensei que também beijo meu marido.

M-3: Eu acho importante neste sentido, da informação, mas é um filme que realmente choca no primeiro momento, então precisa ter cuidado com o público com as pessoas que você vai trabalhar.

M-6: Já se aceita a relação homossexual. Agora eu não sei enquanto professora trabalharia isso com meus alunos... A cena inicial choca no primeiro momento.

O choque da cena do beijo, o destaque da cena do beijo, a necessidade de falar sobre, de acentuar e amenizar este impacto revelando preocupação e cuidados como algo precioso. Talvez não o beijo em si, o toque, o carinho, mas o que o beijo entre dois homens faz pensar e neste sentido faz falar. O sexo que fala. “Do sexo

que pode ser surpreendido e interrogado e que, contraído e volúvel, ao mesmo tempo, responde ininterruptamente". (FOUCAULT, 1988, p.75). Somos capturados pelo mecanismo do invisível, o dispositivo pedagógico, que faz um jogo de misturas entre prazer, consentimento e inquisição. Inventamos anéis mágicos para forçar sua descrição. Tentamos tirar fragmentos de responsabilidades, um saber do prazer, prazer de saber, preocupação com o prazer e com quem vai saber sobre este prazer. Um choque necessário, como diz a M-1 "a gente tem que mudar este conceito das pessoas, desafiando, fazendo ver, por isso tem que chocar".

A delicada relação do grupo de mestrandas que participaram da pesquisa, traz em suas falas a relação dos dispositivos e promovem a subjetividade singular e coletiva. O todo das falas das mestrandas sobre o filme, produz efeito de confirmação ao dispositivo da sexualidade, embora a delicada relação apresentada no filme, a relação dos dois soldados, é reconhecida pelas mestrandas como uma quebra de clichê pela maneira de se pensar a homossexualidade. Porém, esta quebra provoca discursos e faz falar e pensar a sexualidade. Há confirmação do dispositivo da sexualidade, nas falas das mestrandas, nas cenas do filme, na proposta da pesquisa, mas isso não impede que entre essas falas se encontrem possibilidades de resistência ao mesmo.

A problematizarão de que os efeitos de verdade sobre a sexualidade foram construídos pelo dispositivo da sexualidade, repercutem nos espaços institucionais ou não como uma bomba sempre prestes a explodir.

O filme "Delicada Relação" foi mencionado pelas mestrandas como um "mecanismo" que pode provocar discussões ainda perigosas para a educação, embora se trate de um filme interessante, porém necessita da confirmação, isto é, precisa passar pelo "exame" da direção e responsáveis pela instituição para que o filme seja rodado e levado à mesa de discussões escolares.

A repressão ainda é um argumento mais próximo para falar sobre o sexo, colocando a evidência histórica da repressão do sexo. Interdição, censura e negação, manifestações do poder em geral. Policiar palavras, formular interdições e permissões, afirmar sua importância, onde falar, como falar, colocar o sexo em discurso, conforme explica Foucault (1999 p.15-16).

> [...] Não se deve fazer divisão binária entre o que se diz e o que não se diz; é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de descrição é exigida a uns e a outros. Não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apóiam e atravessam discursos (FOUCAULT, 1999, p. 30).

Falar sobre sexualidade nas instituições escolares exige consentimento, aprovação da família, professores e psicólogos, edificadores de conselhos e recomendações. Entretanto, fala-se em todos os cantos e a toda hora, "pela minha experiência, com envolvimento na escola e na família a gente ainda vê isso muito velado. Percebe-se isso nos momentos de pátio na fala de professores, nas crianças em forma de piadinha" (M-7).

Neste espaço, um saber fala e impõe conhecimentos. Um saber que Foucault (2000, p. 12) designa por "saberes sujeitados", isto é, saberes elaborados, ingênuos, de baixo conhecimento, ou seja, o "saber das pessoas", não um saber comum, mas saberes locais, particulares, que compõe a genealogia do conhecimento que escapa e protege.

> [...] Chamemos, se quiserem de "genealogia" o acoplamento dos conhecimentos eruditos e das memórias locais, acoplamento que permite a constituição de um saber histórico das lutas e a utilização desse saber nas táticas atuais (FOUCAULT, 2000, p. 13).

Cabe-nos aqui enfatizar que o dispositivo pedagógico, o filme, pode provocar saberes sujeitados que compõem a genealogia do conhecimento, preservando particularidades e construindo coletividades que são acionadas pelo dispositivo da sexualidade em sua maioria. No entanto, é possível que entre estes saberes se instalem espaços para resistir ao dispositivo da sexualidade abrindo espaços para o dispositivo pedagógico, o filme, abrir focos do cuidar, criar o si.

7.2.3 FORMAÇÃO DE PROFESSORES

O tema da formação de professores desponta como importante na conversa dos sujeitos da pesquisa. Assim, ouçamos a conversa:

M-3: Quem trabalha, teria que estar preparado para falar. É passado muito rápido, por cima. Então tanto professor como aluno devem estar preparados. Choque.

M-4: E a formação do professor sobre isso?

M-5: É muito complicada o pessoal não sabe como lidar.

M-3: A questão de tratar o filme na escola vai depender da idade, mas vai chocar sim, mas é uma boa escolha para trabalhar principalmente com professores e não da mesma forma com os alunos.

M-4: Pois tem família que pode vir a achar que a gente ta induzindo, incentivando, embora seja mesmo normal, a ta tão normal assim que ela ta no bolo. Com os professores tranqüilos, pode ser trabalhado com o filme.

M-1: Tem que abordar sim, mas encontrar a forma correta de fazer isso, professores, reuniões, palestras, não tem como não fazer isso etc.

M-7: Eu trabalharia sem dúvida alguma com a questão da formação... Em relação aos alunos, este filme deveria ser trabalhado no ensino médio, alunos mais maduros, mais adultos. Os adolescentes ou crianças com outro tipo de abordagem. Sexualidade começa lá na vida intra uterina.

O conjunto desses discursos revela uma prática a ser desenvolvida na formação de professores. Tal qual aponta Espindola (2005), “a homossexualidade e família homoparental são temas que necessitam de uma formação continuada”. Contudo, inúmeras iniciativas de formação do professor para as questões de gênero tem sido experimentadas, tanto no Brasil quanto fora, ligadas ou não a correntes dos chamados Estudos Culturais, muitos deles ligados aos estudos de mídia. Com certa participação específica para pesquisas da homossexualidade e homofobias, a exemplo de Tanno (2006). Argumenta-se que a sexualidade deve ser entendida dentro dos aspectos afetivos do ser humano e, neste sentido, o combate à homofobia é problematizado com vistas a promover uma educação para a sexualidade pautada na afetividade, no respeito e na tolerância. No Brasil, estes estudos constituem os GE, grupos de pesquisa em gênero, sexualidade e educação. Há uma ampla produção acadêmica enfatizando relações de gênero e sexualidade ao estudar questões sociais e educacionais. Estudos impulsionados nos campos da educação, história, direito, literatura, arte, saúde e outros. (MEYER, RIBEIRO, 2005).

Com a mesma surpresa com que nos percebemos de certa forma capturados pelas grades do dispositivo da sexualidade, também olhamos toda a movimentação de pesquisa na área, agora com olhares mais reticentes, principalmente no jogo entre o visível e o dizível, o ver e o falar. As teses de Foucault sobre a linguagem como espaço, abrem compreensão das relações entre as visibilidades e as enunciabilidades. Esclarece Deleuze (2005) que há em Foucault, especialmente na Arqueologia do Saber, um primado do enunciado sobre o visível, mas que isso não sugnificaria uma redução do mundo à linguagem. Movimentos sociais como as paradas gays são espaços de visibilidade que podem gerar e de fato geram enunciados de vários tipos.

Estamos pensando no exemplo da forma-prisão em Foucault cujo conteúdo 'presos' gera enunciados do tipo 'delinqüentes' ou 'delinqüência' pelo direito penal. Ver e falar como figuras do saber guardam, portanto, uma relação, remetendo-se reciprocamente, embora sejam campos distintos. Cursos de formação de professores na área da sexualidade são visibilidades e enunciabilidades que precisam ser problematizadas, tanto quanto as pesquisas que realizamos em nossos projetos educacionais.

8. AS TECNOLOGIAS DE SI ESCAPAM AO DISPOSITIVO DA SEXUALIDADE

Enfatizamos que um dos escapes das amarras do dispositivo da sexualidade, ou seja, a construção de uma identidade via sexualidade, é acionar as tecnologias de si. Isto é, criar as experiências de si mesmo, uma arte de seu viver, um cuidado de si, resistindo ao dispositivo da sexualidade e ao sexo-desejo.

Foucault, em sua ascese homossexual, recomenda que se deva construir uma nova forma de vida gay com bases na amizade, uma nova compreensão. Pois para ele a amizade é a forma de existência para se chegar a uma nova forma de existência mediante a sexualidade. Embora o foco de Foucault foi à cultura homossexual em busca de um estilo de vida gay, que possa ser estendido a outros grupos. Com as práticas de si é possível alcançar uma ascese homossexual, a invenção de um modo de vida ainda improvável. Decisões sexuais, dimensões existenciais podem ser transformadas pela criação de formas de existência em um devir homossexual.

O cuidado de si como concerne Foucault, é um ponto de resistência contra o poder político para encontrar novas formas de subjetividade com as mudanças sociais mediante as práticas de si, não como um sujeito dócil.

Constituir formas novas de sociedade é também possível para os heterossexuais pelos direitos relacionais; a minoria homossexual esta em busca de um devir criativo, novas formas de construção, de relação, um "devir homossexual" que afete até mesmo os heterossexuais. Um projeto de subjetivação de novas formas de existência social, uma ética de amizade.

> [...] Foucault compara as relações heterossexuais institucionalizadas com o caráter aberto das relações homossexuais, nas quais os homens encontram-se "uns em face dos outros sem armas nem palavras adequadas, sem algo que possa confirmar o sentido do movimento que os atrai mutuamente. Eles devem inventar uma relação do A ao Z que ainda não tem forma: a amizade. Os conceitos de forma de vida homossexual e de amizade permitem recuar toda a cultura homossexual concentrada na libertação do desejo e na procura da própria identidade sexual, em favor do uso da homossexualidade para a criação de novas formas de existência (ORTEGA, 1999, p.166).

Parece-nos apontar esta comparação como um meio que pode reconhecer as várias formas de relação que sejam intensas sem que para tal necessitem estar institucionalizadas. Um novo modo de vida, uma nova ética cultural, a amizade.

Na ética da amizade, as relações devem ter o mínimo de dominação no jogo do poder. Nesse jogo de poder há uma possibilidade de dirigir e mudar o comportamento do outro tornando a amizade fascinante e não um processo transparente e verdadeiro de comunicação e informação. "Desigualdades, hierarquia e rupturas são componentes importantes da amizade". Opõem-se a princípios de codificação, estão além dos direitos e leis, família e instâncias sociais. "Alguém é amigo antes de ser cidadão e às vezes apesar do status de cidadania. Daí advém sua radical função atônica e seu caráter anti-social". (ORTEGA, 1999, p.168-169).

Experimentar um devir homossexual à procura de alternativas novas para um direito relacional também pode ser conduzido pelos heterossexuais como formas possíveis de vida que não se esgotam na família ou no matrimônio. Estamos, sim, buscando a construção de existências produtoras de prazeres intensos e especiais, nas lutas contra a sujeição que esta análise faz pensar.

9 APONTAMENTOS FINAIS

O título do filme informa tratar-se de uma relação delicada. Ao tomarmos o filme como objeto desta análise, entendemos que esta delicada relação, no seu todo, na sua existência, de alguma forma resiste ao dispositivo da sexualidade. O filme se apresenta como um movimento de resistência ao dispositivo da sexualidade, embora algumas cenas apontem para a confirmação do dispositivo. O filme não rompe definitivamente com o padrão da heteronormatividade, pois por um lado, se a experiência da relação homossexual é uma resistência à norma heterossexual, por outro ela permanece na clandestinidade. E o filme em si, a proposta da pesquisa, a analise das cenas e do grupo focal, já vem colocar a sexualidade em discurso. Assim, observamos o jogo da articulação discursiva do dispositivo como armadilhas, redes que possibilitam resistências e confirmações do dispositivo da sexualidade. Um discurso que parece estar sempre buscando a regulamentação do sexo em determinada sociedade.

O desejo de Jagger de tornar pública sua relação com Yossi não se concretiza nem mesmo depois de sua morte, pois quem assume o namoro é a soldada Yaeli. No entanto nem mesmo Jagger expressa uma ruptura à homossexualidade, pois se percebe que deseja um padrão de relacionamento heterossexual socialmente consagrado, uma possível conformidade. O jogo do dispositivo é envolvido pelo mito do silêncio que o reveste quando a categoria envolvida é a homossexual, pois o mito da anormalidade reforça este silêncio para que pareça impenetrável. Esta desmistificação é o que Foucault revela em sua “hipótese ”, onde mostra que o sexo não é silenciado, as formas de discurso sobre ele se multiplicam pelos diversos meios. Neste jogo, há também um discurso do retorno, onde a homossexualidade reivindica a sua naturalidade com a mesma categoria e vocabulário que o desqualifica. (GUIMARÃES, 2004, p. 34-35-38).

No jogo do visível e dizível, o ver e o falar tanto da análise das cenas filmicas como da conversação das mestrandas, abrem-se espaços de compreensões das relações entre as visibilidades que geram enunciabilidades presas aos regimes de controle da sexualidade, à sujeição.

De acordo com Foucault, estamos envolvidos em três tipos de luta na contemporaneidade. As lutas contra a dominação política, as lutas contra a exploração econômica e, por fim, as lutas contra a sujeição. São essas últimas, as lutas contra a sujeição, os abstratos universais das autonomias controladas pelas áreas de saber, também áreas do poder, que a análise faz pensar.

Foucault (1988, p.130) acredita que podemos atingir esta autonomia fora do proclamado, da passagem do poder para o biopoder, "*de fazer morrer e deixa viver* (soberania)" o poder passa *"a fazer viver e deixar* morrer (biopoder/biopolítica).[5]

O cuidado de si de que falava Larrosa no dispositivo pedagógico seria esse cuidado. O cuidado de afastar-se de certo poder cotidiano que classifica os indivíduos em categorias e que, nas palavras de Foucault (2004a, p.658), "designa-os por sua individualidade própria, prende-os a sua identidade, impõe-lhes uma lei de verdade que é preciso neles reconhecer".

A delicada relação exibida no filme traz esse cuidado de si e promove nova forma de subjetividade. O todo do filme produz este efeito de resistência ao dispositivo da sexualidade na medida em que uma relação delicada entre dois soldados se constitui numa quebra de clichê sobre a maneira como o dispositivo da sexualidade pensa a homossexualidade. E por outro, confirma o dispositivo porque busca uma prática de domínio da heterossexualidade.

Porém, a categoria da sexualidade e a homossexualidade não refletem uma prática, pois "fragmenta-se em múltiplas modalidades particulares, segundo os momentos e espaços distintos de uma mesma realidade histórica". E a questão da produção do

---

[5] **Poder**: disciplina- incide sobre os indivíduos – individualiza. **Biopoder**: incide sobre a população- massifica- constrói subjetividade- auto-governo – governamental. Justifica-se pela manutenção da vida. **Bio-política**: centrado no corpo espécie, processos biológicos (regulação população). Alicerces para a organização do poder sobre a vida. (FOUCAULT).

masculino e feminino, pautado por papéis sexuais e de gênero, constituem-se em modelos ideais de comportamentos e atitudes. (GUIMARÃES, 2004, p.39-40).

O Dispositivo pedagógico, tal como pensado por Larrosa (1994) a partir do dispositivo da sexualidade, encontra no vocabulário pedagógico muitos termos para indicar a relação do sujeito consigo mesmo. E, de fato, as teorias pedagógicas do desenvolvimento humano, sejam as baseadas em Piaget, sejam as históricas culturais de Vygotsky, estarão sempre interessadas em esta relação do sujeito consigo mesmo, a fim de levá-lo a um estágio de autonomia e independência.

Larrosa (1994, p.38) lembra os termos autoconhecimento, auto-estima, autocontrole, autoconfiança, autonomia, auto-regulação e autodisciplina. Esclarece o autor que todos esses termos são antropologicamente relevantes para nos tornarmos humanos, para nos tornarmos pessoa, para sermos um sujeito ou um eu. Processos estudados em áreas como História ou Antropologia: "A História ou a Antropologia mostram, pois, a diversidade dessas interpretações" (idem, p. 41).

O que somos e o modo como nos interpretamos pode ser posto em uma perspectiva histórica e/ou antropológica.

> [...] analisar, não os comportamentos, nem as idéias, não as sociedades, nem suas "ideologias", mas a problematizações através das quais o ser se dá como podendo e devendo ser pensado, e as práticas a partir das quais essas problematizações se formam (FOUCAULT *Apud* LARROSA, 1994 p. 43).

Uma das observações de Larrosa nesta releitura que faço para a dissertação em minhas conclusões, é que as teorias da aprendizagem ou do desenvolvimento humano, bem como as práticas terapêuticas, se movimentam descritiva e normativamente. De tal maneira que elas "definem patologias e a forma de imaturidade no mesmo movimento no qual a natureza humana, o que é o homem, funciona como um critério do que deve ser a saúde ou a maturidade" (Idem).

Assim, essas práticas se apresentam como práticas de mediação onde a pessoa encontra recursos para o pleno desenvolvimento de sua autoconsciência. Como se estas práticas se colocassem como um tipo de restauração de uma relação distorcida consigo mesmo.

Esclarece ainda Larrosa (1994) que o sentido comum dessas práticas produz um esvaziamento das práticas mesmas como lugares de constituição da subjetividade. Foucault inverte essa perspectiva por afastar-se dos universais antropológicos da natureza humana de certa forma implícita nas teorias da aprendizagem. Problematiza as condições históricas de sua formação na imanência de determinados campos de conhecimento. A sexualidade é um desses campos problematizados pelo autor com a expressão Dispositivo da Sexualidade.

Enfim, o que me interessou colocar em discussão neste estudo não se baseia em buscar uma realidade única e correta de ver e falar sobre as coisas. Mas sim analisar o que é possível conhecer, desconhecer, ignorar pelas dimensões do dispositivo da sexualidade e do dispositivo pedagógico o filme Delicada Relação. Trazendo questões da sexualidade, a homossexualidade como uma nova ética de si, uma relação delicada entre tantas relações, uma vez que somos a diferença, como apresenta Deleuze:

> [...] O diagnóstico assim entendido não estabelece a autenticação de nossa identidade pelo jogo das distinções. Ele estabelece que somos diferença, que nossa razão é a diferença dos discursos, nossa história a diferença dos tempos, nosso eu a diferença das máscaras (DELEUZE, 1997, p.161).

Nós, educadores, geralmente nos sentimos pouco à vontade quando somos confrontados com situações absolutamente imprevisíveis, algumas trágicas, outras fascinantes, quase todas inexplicáveis. Mais do que nunca nos percebemos vulneráveis, sem qualquer preparo para enfrentar os choques e os desafios que aparecem de toda parte. “O amor que é essencial, o sexo um acidente: Pode ser igual, pode ser diferente”. (Fernando Pessoa[6]).

Podemos dizer que, de uma forma ou de outra, em alguma medida, todos nós temos um homossexual[7] com quem nos relacionamos, e ele está dentro de nós. Ou o assumimos, rejeitamos, ou convivemos, sem que ele nos transtorne, uma vez que é algo que está dentro de nós e não algo que possamos simplesmente dizimar da face

---

[6] Disponível em: http://www.secrel.com.br/jpoesia/fpessoa288.html. Acesso em 03 de nov. de 2004.

[7] Homossexual, palavra usada pela primeira vez em 1896 pelo médico hungaro Karoly M. Benkert (masculino e feminino) sentido mais geral. (FRY, Peter. MACRAE Edward, 1983, p.62)

da terra. A questão central é a construção dos alicerces do poder, onde masculinidade ou feminilidade não fossem ameaçados diante de seus padrões modelos de fertilidade. Então se o ser macho ou fêmea está sendo ameaçado, é porque estas categorias nunca foram assim tão cristalinamente definidas?.

Quando alguém se assume homossexual, isso perturba a sociedade e seus membros individualmente. Por que a perturbação? Se estivermos firmes nas categorias masculinas e femininas que culturalmente definimos, porque preocupa tanto ainda? Ou a questão é trabalhar com o homossexual que existe dentro de cada um de nós?

Embora Foucault não privilegie a abordagem jurídica institucional, seu foco se centraliza na forma com que o poder penetra nos corpos e produz subjetividades. Por esse motivo, suas investigações voltam- se fundamentalmente para as técnicas políticas e as tecnologias do “eu”. E para esta vida, o que nos parece, não mais interessa o fazer viver ou morrer, mas a ética de sobreviver.

As lutas contra a sujeição que Foucault identifica como sendo as do nosso tempo e principalmente as relacionadas à homossexualidade não se resumem à reivindicação de igualdade jurídica ou à reivindicação da legitimidade por identidades verdadeiramente homossexuais, conforme esclarece Gros (*Apud* FOUCAULT, 2004a, p. 660). A verdadeira luta estaria em uma nova ética de práticas de si. Talvez na singularidade de uma relação delicada. Tocar olhar a educação onde os corpos fazem ver e fazem falar e pensar para além dos limites conhecidos, para além dos limites pensáveis. (LOURO, 2004, p. 23). A idéia de que a vida de alguém pode ser criada como uma “obra de arte” abre a possibilidades de escolha de novas formas de experiência de si mesmo.

O filme como um dispositivo pedagógico, a conexão de uma imagem a outra e entre as imagens para um todo, recriando novos espaços para o cuidado de si, mostra-nos possibilidades de recriarmos trajetórias em modos de ver e existir, a arte de cada um. Estilos do que se acredita ser.

O filme não é uma crítica ao dispositivo da sexualidade e nem mesmo à homossexualidade, é um convite a reencontrá-los, entre tantos gestos, movimentos possíveis, leituras imagéticas.

O filme “Delicada Relação” é um dispositivo pedagógico porque pode ir ou não à escola, não como sugestão de tema para estudo, mas como uma oferta de arte, um recurso para despertar a sensibilidade estética, enquadrando sentidos dentro e fora de padrões, possibilidades diversas em seus múltiplos sentidos.

O que nos interessou na análise do filme, não foi a temática em si, mas o que esta arte pode nos oferecer através de novos formas de ver e sentir, novos olhares, uma vez que “temas de estudo a escola tem demais. (...) falta-nos deixarmos contaminar por outras formas de ver, sentir e ler a realidade” (ARROYO, 2003, p.127).

O filme trata com delicadeza e ternura a relação homossexual sem minorar a dimensão trágica, embora um precise morrer no final do filme, mas não e dramatizado, sensacionalizado, faz-se tudo no silêncio, na forma individualizada de pensar, de comportar-se diante da situação de dor. O ritual se faz no templo da subjetividade, a revelação de si para si mesmo, a celebração da vida na sua arte de viver.

Questões articuladoras de saber e poder são relevantes quando possibilidades novas, criadoras, problematizadoras são inseridas na educação para pensar-se o diferente, imanente, onde se podem reconhecer as soberanias, as disciplinas e a elas e com elas desenvolver, reconhecer a sua forma de viver e de ser.

Nesta pesquisa analisamos um filme entre tantos possíveis, no entanto percebemos que, com este único filme, muitas são as possibilidades de criar. Não compreendemos tudo, longe disso, mas sentimos um movimento de vida diferente concebido pelo nosso movimento de pensamento que nos força a pensar.

Assim, a possibilidade de um filme com esta temática na educação, pode emergir maneiras de pensar, abrir-se para a transposição de conceitos de tal maneira que possam absorver, falar sobre a vida de si e para si. Quem sabe até buscar um “novo” aprender e desaprender sentidos e construir e desconstruir pensamentos transformando quem fala e quem ouve para se chegar-se a um único instante, o momento.

10 REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Marcos. **"48 filmes gays premiados"** Disponível em: http://www.mnemocine.com.br/cinema/crit/filmesglbt.htm. Acesso em 13/08/06.

ALTMANN, Helena. **Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais**. Estudos feministas, ano 9, 2/2001 p. 575 a 585.

ARROYO, Miguel G. **Uma celebração da colheita**. *In:* TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. LOPES, José de Sousa Miguel. **A escola vai ao cinema**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo"**. In. LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 151- 174.

_____. Problemas De Gênero – Feminismo E Subversão Da Identidade. Rio De Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BRAGA, Andrea V. GARCIA, Maria m. A. HYPÓLITO, Àlvaro Moreira. **A Identidade sexual em questão nos Parâmetros Curriculares Nacionais.** FAE/UFPEL. 2005.

CASAGRANDE, Lindamir S. CARVALHO, Marilia Gomes de. **Educando as novas gerações: Representações de gênero nos livros didáticos de matemática.** GT: Gênero, sexualidade e educação n.23. GeTec/PPGTE?UTFPR.

CASTRO, K.C. M.; BESSA, K. C. A. **Reflexões sobre a subjetividade na virada do século XX:** *O universo homossexual retratado em filmes e documentários***.** Revista eletrônica, 2005. Disponível em: http//Propp.ufu.br/revistaeletronica/edicao2005/humanas 2005/reflexões_subjetividade> Acesso em 20.09.2007.

DELEUZE, Gilles. **Foucault.** Rio de Janeiro: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil Platôs Capitalismo e Esquizofrenia.** Vol. 1. São Paulo, Ed. 34, 1997.

Deleuze, Gilles, GUATTARI, Felix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1925-1995. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. . 94 p. (coleção trans). Eletrônica.

_____. **Mil Platôs Capitalismo e Esquizofrenia.** Vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 1997.

_____. **Mil Platôs Capitalismo e Esquizofrenia.** Vol. 4. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Cinema a imagem – movimento**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

_____**. ¿Qué es un dispositivo?** In: *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Gedisa, 1990, pp. 155-161. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em: http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/art14.html. Acesso em 04 set. 2007.

DELICADA, Relação. Direção: *Eytan Fox* . Roteiro: *Avner Bernheimer* Produção: Amir Harel e Gal Uchovsky. *Distribuição:* Strand Releasing / Europa Filmes. Israel, 2002, (65 min).

Disponível em:http://www.interfilmes.com/filme_18705_As.Damas.de.Ferro-(Satree.lek).html. Acesso em 02 de julho 2008.

Disponível em: http://www.adorocinema.com/filmes/filmes_a.asp. Acesso 03 de julho 2008.

Disponível em: http://www.secrel.com.br/jpoesia/fpessoa288.html. Acesso em 03 de nov. de 2004.

ELLSWORTH, Elizabeth. **Modos de endereçamento***: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também.* In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Nunca fomos humanos nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.p. 9-76.

ESPINDOLA, Ramires. **Famílias homoparentais:** *(Pré) conceitos dos (as) alunos (as) professores (as) de educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental.* 2005. 75 f. Dissertação (Mestrado em Educação) UNIVALI. 2005.

FERRARI, Anderson**. "Quem sou eu?Que lugar ocupo? Grupos gays, educação e a construção do sujeito homossexual.** UNICAMP. Tese doutorado. 2005.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Mídia e educação:** *em cena, modos de existência jovem***.** Disponível em:http/calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/índex php/educar/article.Acesso em set. 2007.

_____. **O dispositivo pedagógico da mídia:** *modos de educar na (e pela) TV.* Educação e Pesquisa v.28 n.1 São Paulo jan./jun. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo. Acesso set.2007.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade:** *O Uso dos Prazeres* (Vol. 2). Rio de Janeiro: 1984, Graal.

_____. **História da sexualidade I :** *A vontade do saber*, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. **História da sexualidade 3:** *O cuidado de si*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 9 ed. São Paulo: Edições Graal, 2007.

_____. **A Hermenêutica do sujeito.** São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

_____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b.

_____. **História da sexualidade 3: O cuidado de si**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 9 ed. São Paulo: Edições Graal, 2007.

_____. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FRY, Peter. MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Barsiliense, 1983.

GASPAR, Nádea Regina. **Foucault nas visibilidades enunciativas.** In: BARBOSA, Pedro Navarro; SARGENTINI, Vanice (org.). **M. Foucault e os domínios da linguagem Discurso, poder, subjetividade**. São Paulo: Clara Luz, 2004. P. 231-260.

GALLO, Sílvio. **Deleuze & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GATTI, Bernardete A. **Grupo Focal na Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Lider Livro, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1996.

GROS, Frédéric. **Resumo do curso**. IN: FOUCAULT, M. **A Hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 680 p. 597-661.

GROSSI, Miriam. UZIEL, Anna Paula. MELLO, Luiz. **Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis.** Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

GUIMARÃES, Dora Carmen. **O homossexual visto por entendidos**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

LARROSA, Jorge. **Tecnologias do Eu e Educação**. In: SILVA, T. T. (Org.) **O sujeito da educação; estudos foucaultianos.** Petrópolis:: Vozes, 1994. p. 35-86.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero Sexualidade e Educação**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. ***Um Corpo Estranho: Ensaios Sobre Sexualidade e Teoria Queer.*** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. **Corpo Gênero e sexualidade.** Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. (org.) **O corpo Educado. Pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. (Org.). **Pedagogias Da Sexualidade** In: LOURO, Guacira. **O Corpo Educado – Pedagogias Da Sexualidade.** 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MEYER, Dagmar E. Estermann, RIBEIRO, Claudia, RIBEIRO, Paulo R.M. **Gênero, sexualidade e educação. 'Olhares' sobre algumas das perspectivas teórico metodológicas que instituem um novo G.E.** GEERGE/UFRGS1/GEISH/FE/UNICAMP/NUSEX/UNESP Araraquara, 2005.

MOREIRA, Caio R. B. **Catatau de Paulo Leminski: Occam versus Cortésio contra ditadura da razão**. Dissertação de mestrado. Universidade do Sul de Santa Catarina. 2006. Disponível em: http://busca.unisul.br/pdf/85041_Caio.pdf. Acesso em outubro/2007.

MORENO, Antonio**. A personagem homossexual no cinema brasileiro**. Rio de Janeiro: EDUFF, 2001.

MORGADO, M. A. OLIVEIRA, M. R. dos A. **Jovens, sexualidade e educação:** *homossexualidade no espaço escolar.* GT: Gênero, sexualidade educação/n 23. UFMT. 2006.

MOSTAFA, Solange Puntel. CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Mídia e conhecimento**: **Percursos transversais.** Itajaí: UNIVALI: Maria do Cais, 2006.

_____. **A interação dos atores no ambiente aprendiz**. *In*: MOSTAFA, Solange Puntel. CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Mídia e conhecimento**: **Percursos transversais.** Itajaí: UNIVALI: Maria do Cais, 2006.

NETO, Luiz Ramires. **Um silêncio Desconcertante:** *A homossexualidade permanece invisível na escola*. GE: Gênero, sexualidade e educação/n23. 2004.

NETO, Veiga Alfredo. **Foucault & a Educação**. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

ORLANDI. Eni**. Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 3 ed. Campinas: Pontes, 2001.

_____. **As formas do silêncio No movimento dos sentidos**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1997.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1999.

PAIVA, Antonio Crístian Saraiva. **O poder das palavras:** *a homoconjugalidade como desafio à imaginação sociológica do sexual.* ST 23 "Parentalidades, amor e conjugalidades no Brasil contemporâneo". 31º. Encontro Anual da ANPOCS. 2007, Caxambu, MG.

_____**. Reserva e invisibilidade:** *a construção da homoconjugalidade numa perspectiva micropolítica. In:* GROSSI, Miriam. UZIEL, Anna Paula. MELLO, Luiz. **Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis.** Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

PARKER, Richard. **Cultura, economia política e construção social da sexualidade**. In: LOURO. Guacira Lopes. **O corpo educado:** *Pedagogias da sexualidade.* Belo Horizonte: 2001. p. 125-150.

PORCHAT, Patrícia. **A dança dos gêneros**. São Paulo: Mente Cérebro, Ano xv, n 185, junho 2008, p. 44-49.

RASERA, Emerson F.; JAPUR, Marisa. **Grupo como construção social:** *Aproximações entre construcionismo social e terapia de grupo.* São Paulo: Editora Psico-pedagógica, 2007.

REGO, Alita S. **Cinema na Carne**. ECO/ UFRJ. 2002.Disponível em: http://www.eco.ufrj.br/pretexto/sociais/soc7.htm. Acesso em 04 mar.2008.

ROSA, Marcelo Victor da. **Educação física e homossexualidade:** *investigando as representações sociais dos estudantes do centro de desporto/UFSC*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de SC. Florianópolis – SC, 2004.

SABAT, Ruth. **Educar para a sexualidade normal**. In: Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPED, 2004, Caxambu (MG). Sociedade, democracia e educação: qual universidade?. Manaus (AM): Microservice tecnologia digital da Amazônia, 2004, p. 1-14.

_____. **Infância e gênero: o que se aprende nos filmes infantis**. In: 24a Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação ANPEd, 2001, Caxambu (MG). 24a Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação ANPEd, 2001. p. 1-15.

SALVIA, André Luis La. **Introdução ao estudo dos regimes de imagens nos livros cinema de Gilles Deleuze**. 2006. 91 f. Dissertação (Mestrado filosofia) - Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2006.

SANTOS, Éderson Costa dos. **Gênero e sexualidade nas práticas escolares**. ST7 Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **Parâmetros "Corporais" Nacionais Representações de corpos nos PCNs: análise cultural.**

SILVA, T. T. (Org.) **O sujeito da educação:** *estudos foucaultianos.* Petrópolis: Vozes, 1994.

SIQUEIRA, V. H. F. **Sexualidade e gênero:** *mediações do cinema na construção de identidades.* In: 27a ANPED, 2004, Caxambu. Anais da 27a ANPED Sociedade democrática e educação: qual universidade, 2004. v. I. p. 01-19.

SOUZA, Érica Renata de. **Gênero e sexualidade nas práticas escolares** – **Gênero orientação sexual e pluralidade cultural:** *repensando os PCNs e o trabalho docente.* PUC- Campinas e DIS-GEISH/UNICAMP. 2005.

SOUZA, Pedro. **Confidências da carne:** *O público e o privado na enunciação da sexualidade.* Campinas SP: Ed. UNICAMP, 1997.

TANNO, Maria Ângela dos Reis Silva. **Projeto Educativo**: *O Combate a Homofobia no Curso de Formação de Professores e a promoção da educação Afetivo Sexual no Ensino Fundamental.* Enciclopédia Biosfera, N.03, Janeiro – junho 2007 ISSN 1809-0583. Brasilia –DF: 2006.

VASCONCELOS, Jorge. **Deleuze e o Cinema**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2006.

WEEKS, Jeffrey. **O corpo e a sexualidade**. In. LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado:** *Pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte, 2001. p. 35-86.

11 ANEXOS

11.1 FILMES ELEGIDOS

11.1.1 "48 FILMES GAYS PREMIADOS"[8]

1- Gata em Teto de Zinco Quente (Cat on a Hot Thin Roof, 1958). Elizabeth Taylor ganhou o Laurel Award de melhor atriz por este filme indicado a seis Oscars, incluindo melhor ator, melhor atriz e melhor filme. Dirigido por Richard Brooks e adaptado da peça do consagrado dramaturgo gay Tenesse Williams, o filme traz Paul Newman no papel de um homem que é casado com uma bela mulher mas que é apaixonado por seu melhor amigo.

2- Quanto Mais Quente Melhor (Some Like It Hot, 1959). Mais uma obra prima do diretor austríaco Billy Wilder. Vencedor do Oscar de melhor figurino, o filme traz Jack Lemon e Tony Curtis vestidos de mulher e contracenando com Marilyn Monroe, eterno ícone gay. Some Like It Hot foi indicado a seis Oscars e recebeu três prêmios Golden Globe, inclusive o de melhor atriz para Marilyn.

3- Perdidos na Noite (Midnight Cowboy, 1969). Jon Voigt ganhou o Golden Globe interpretando um rapaz do interior que se prostitui enquanto tenta a vida na cidade grande. Indicado a sete Oscars e sete Golden Globes, Midnight Cowboy foi o primeiro filme proibido para maiores de 18 anos a receber o Oscar de melhor filme, também ganhando nas categorias de melhor direção e melhor roteiro.

4- Morte em Veneza (Morte a Venezia, 1971). O lendário cineasta Luchino Visconti recebeu o prêmio especial da 25ª edição do Festival de Cannes por este filme que mostra com muita sensibilidade o amor de um homem maduro por um jovem rapaz durante uma temporada de verão. O filme foi indicado ao Oscar de melhor figurino e ganhou seis prêmios da Associação Italiana de Jornalistas de Cinema.

5- Um dia de Cão (Dog Day Afternoon, 1975). Filme de Sidney Lumet com seis indicações ao Oscar. Conta a história de um homem que assalta um banco na esperança de conseguir dinheiro para pagar a cirurgia de mudança de sexo do seu

---

[8] ALEXANDRE, Marcos. Disponível em: http://www.mnemocine.com.br/cinema/crit/filmesglbt.htm acesso em 13/08/06.

companheiro. Al Pacino tem o papel principal neste filme que recebeu o Oscar de melhor roteiro e que teve sete indicações para o Golden Globe.

6- Minha Adorável Lavanderia (My Beautiful Laundrette, 1985). Filme de Stephen Frears que mostra a comunidade de imigrantes indianos na Europa punk dos anos 80. Daniel Day-Lewis recebeu o New York Film Critics Circle Award de melhor ator coadjuvante e Hanif Kureishi o de melhor roteiro, categoria na qual também foi indicado ao Oscar.

7- A Cor Púrpura (The Color Purple, 1985). Baseado no romance espírita psicografado por Alice Walker e dirigido por Steven Spielberg, A Cor Púrpura foi indicado a onze Oscars e cinco Golden Globes, rendendo o prêmio de melhor atriz dramática para Whoopi Goldberg. Nesta obra repleta de dramas e injustiças familiares, destaca-se a ternura da paixão e da amizade de Celie por Shug Avery, a amante do seu marido.

8- A Lei do Desejo (La Ley Del Deseo, 1987). Nesta elaborada trama de Pedro Almodóvar, Antonio Banderas interpreta um violento psicopata que se apaixona por um escritor. A produção recebeu o prêmio de melhor filme do ano no Festival Internacional de Berlim.

9- Maurice (Idem, 1987). Hugh Grant e James Wilby receberam juntos o prêmio de melhor ator no Festival de Veneza por suas atuações neste filme de James Ivory que foi indicado ao Oscar de melhor figurino. No século XIX, dois colegas de faculdade se apaixonam e têm seus destinos afetados pelos preconceitos da sociedade.

10- Garotos de Programa (My Own Private Idaho, 1991). Obra sensível escrita e dirigida por Gus Van Sant e que lhe rendeu o prêmio de melhor diretor do ano no Festival Internacional de Toronto. O filme tem Keanu Reeves no papel principal e mostra a realidade brutal da vida de garotos envolvidos com drogas e prostituição. Recebeu três Independent Spirit Awards: melhor música, melhor roteiro e melhor ator para River Phoenix.

11- Um Amor Diferente (Salmonberries, 1991). O alemão Percy Adlon recebeu o Bavarian Film Award e o prêmio do Festival Mundial de Montreal de melhor direção

por este filme que narra a história de amor entre uma esquimó e uma bibliotecária. O filme é estrelado pela cultuada cantora k.d. lang.

12-Tomates Verdes Fritos (Fried Green Tomatoes, 1991). Grande sucesso comercial do ano, o filme tem um roteiro original que trata de relações familiares e de canibalismo com a mesma naturalidade. No subtexto, a sensível relação homossexual entre as duas protagonistas. Indicado a dois Oscar e três Golden Globe, recebeu o GLAAD Media Award de melhor filme.

13-Traídos Pelo Desejo (The Crying Game, 1992). Guerra civil, coincidências e mortes neste incrível filme com reviravoltas surpreendentes. Escrito e dirigido por Neil Jordan, foi indicado a seis Oscars e ganhou na categoria de melhor roteiro do ano.

14- Filadélfia (Philadelphia, 1993). Com impecável direção de Jonathan Demme, este filme garantiu o primeiro Oscar de melhor ator para Tom Hanks, que interpreta um advogado soropositivo. Destaque para atuação de Antonio Banderas nesta produção que também rendeu o Golden Globe de melhor música para Bruce Springsten.

15- Amor e Restos Humanos (Love and Human Remains, 1993). Ganhador do Genie Award de melhor roteiro adaptado, este belo filme canadense mostra uma trama de amor, assassinatos e desencontros envolvendo uma professora e um ator que fez sucesso quando criança.

16- O Banquete de Casamento (Hsi Yen, 1993).. Ang Lee ganhou os prêmios do Festival Internacional de Berlim e do New York International Independent Film Festival como melhor diretor por esta produção. Indicado ao Oscar de melhor filme estrangeiro, O Banquete de Casamento mostra o relacionamento de um jovem oriental, que vive com seu namorado nos Estados Unidos, com seus pais conservadores que chegam para visitá-lo. Muita emoção e sensibilidade nesta produção vencedora do GLAAD Media Award de melhor filme do ano.

17- Priscilla, a Rainha do Deserto (The Adventures of Priscilla, Queen of the Desert, 1994). Um dos maiores sucessos do cinema australiano de todos os tempos. Um transexual e dois amigos gays cruzam o deserto da Austrália a bordo de um

velho ônibus. Cenas antológicas e trilha sonora impecável no filme que ganhou o Oscar e o Australian Film Institute Award de melhor figurino e o GLAAD Media Award de melhor filme do ano.

18- O Padre (The Priest, 1994). Filme que mostra com sensibilidade a hipocrisia da igreja católica em relação ao sexo. Vencedor do prêmio de melhor filme do ano no Festival Internacional de Berlim e no Festival Internacional de Edimburgo.

19- Entrevista com o Vampiro (Interview with the Vampire – The Vampire Chronicles, 1994). Galãs como Christian Slater, Tom Cruise, Brad Pitt e Antonio Banderas interpretam papéis com forte subtexto homossexual nesta produção caprichada do diretor Neil Jordan. Com roteiro escrito pela própria Anne Rice, este filme recebeu duas indicações ao Oscar, duas ao Golden Globe e oito ao MTV Movie Awards. Entrevista com o Vampiro foi eleito o melhor filme do ano pelo International Horror Guild e ganhou o prêmios de melhor fotografia do British Society of Cinematographers.

20- Somente Elas (Boys On The Side, 1995). Bela trilha sonora em um sensível filme sobre o relacionamento de um grupo de amigas. Trazendo no elenco nomes como Whoopi Goldberg e Drew Barrimore, foi o ganhador do GLAAD Media Award de melhor filme do ano.

21- O Beco dos Milagres (El Callejón de los Milagros, 1995). Ganhador da menção especial do Festival de Berlim, este belo filme mexicano com roteiro cativante estrelado por Salma Hayek recebeu 48 prêmios internacionais.

22- Delicada Atração (Beautiful Thing, 1996). Filme inglês sobre a descoberta do amor entre dois adolescentes moradores de um bairro de classe operária. Através de personagens fortes e carismáticos, trata com muita ternura as relações familiares e o companheirismo. Hettie McDonald recebeu o prêmio de melhor direção no Festival Internacional de Paris e no Festival Internacional de São Paulo. Com cenas inesquecíveis, Delicada Atração também ganhou o GLAAD Media Award de melhor filme do ano.

23-Será Que Ele É? (In & Out, 1997). Ganhadora do GLAAD Media Award de melhor filme do ano, esta ótima comédia é inspirada no discurso dado por Tom

Hanks quando recebeu o Oscar de melhor ator pelo filme Filadélfia, no qual ele agradeceu a um professor gay. Interpretações impagáveis de Kevin Kline e Joan Cussac, que foi inclusive indicada ao Oscar e ao Golden Globe de melhor atriz.

24- For All – O Trampolim da Vitória (idem, 1998). Ganhador de seis Kikitos no Festival de Gramado e três prêmios do Miami Brazilian Film Festival, este filme mostra o dia-a-dia de uma base militar americana instalada no interior do Brasil durante a segunda guerra mundial.

25- Garotas Selvagens (Wild Things, 1998). A famosa cena do beijo triplo entre Matt Dillon, Neve Campbell e Denise Richards é apenas uma das atrações deste inteligente filme de suspense repleto de reviravoltas e ambigüidades sexuais. Bill Murray ganhou o prêmio de melhor ator coadjuvante da Associação de Críticos de Los Angeles.

26- Minha Vida em Cor-de-Rosa (Ma Vie en Rose, 1998). Sensível filme belga com um roteiro criativo que mostra com muita ternura a infância e adolescência de um transexual apaixonado por seu vizinho. Recebeu o Golden Globe de melhor filme estrangeiro e o GLAAD Media Award de melhor filme do ano.

27- O Oposto do Sexo (The Opposite Of Sex, 1998). Christina Ricci foi indicada ao Golden Globe e recebeu o Golden Satellite Award de melhor atriz interpretando uma moça sem escrúpulos que tenta a todo custo fazer um rapaz gay apaixonar-se por ela. Com uma trama de repleta de surpresas, este marco do cinema independente tem um elenco estrelar do qual também fazem parte Lisa Kudrow e Lyle Lovett.

28- O Beijo Hollywoodiano de Billy (Billy's Hollywood Screen Kiss, 1998). O premiado Sean Hayes é o protagonista desta trama que se revela surpreendentemente realista. O filme ganhou o prêmios de melhor elenco do Casting Society of America e de melhor filme do ano do International Gay & Lesbian Film Festival.

29- Corações Apaixonados (Playing By Heart / Dancing About Architecture, 1998). Angelina Jolie foi escolhida a melhor atriz do ano pelo National Board of Review neste belíssimo filme em que vários personagens descobrem o que é o verdadeiro amor. Dirigido por Willard Caroll, Corações Apaixonados traz atuações primorosas

de um elenco de astros consagrados como Gillian Anderson, Sean Connery, Ellen Burstyn, Dennis Quaid e Madeleine Stowe.

30- Vamos Nessa (Go, 1999). Timothy Olyphant ganhou o Youth Hollywood Award de melhor vilão neste filme conhecido como a versão gay de Pulp Fiction. Destaque para as ótimas interpretações dos ídolos adolescentes Katie Holmes e Scott Wolf.

31-Tudo Sobre Minha Mãe (Todo Sobre Mi Madre, 1999). Esta superprodução de Pedro Almodóvar recebeu o Oscar e o Golden Globe de melhor filme estrangeiro, além do prêmio de melhor direção no Festival de Cannes. Prostituição, incesto, lesbianismo, religião e transexualidade são os temas desta trama que narra o encontro de uma mulher consigo mesma após um trágico acidente.

32- Segundas Intenções (Cruel Intentions, 1999). Mais uma versão para o cinema do clássico da literatura As Ligações Perigosas. Sarah Michelle Gellar ganhou o MTV Movie Award de melhor atriz em um papel muito diferente de Buffy, a caçadora de vampiros que a lançou ao sucesso. A cena do beijo entre Sarah e Selma Blair ganhou o MTV Movie Award de melhor beijo do ano.

33- O Talentoso Ripley (The Talented Mr. Ripley, 1999). Anthony Minghella recebeu o prêmio de melhor direção do National Board Review por este filme com belas locações na Europa. Matt Damon interpreta um rapaz inseguro que se envolve em uma teia de mentiras e crimes para encobrir sua paixão por um jovem americano rico que vive na Itália. Indicado também a cinco Oscars e cinco Golden Globes.

34- Meninos Não Choram (Boys Don't Cry, 1999). Uma jovem garota que se apresenta como rapaz tenta recomeçar sua vida em uma cidade do interior dos Estados Unidos. Baseado em uma história real, este dramático filme deu a Hillary Swank o Oscar e o Golden Globe de melhor atriz.

35-Truques da Paquera (Trick, 1999). Um jovem pianista em começo de carreira se apaixona por um belo rapaz que conhece no metrô. Filme sensível com belas cenas protagonizadas pelo simpático Christian Campbell, irmão de Neve Campbell. O diretor Jim Fall ganhou o prêmio do Festival Internacional de Berlim.

36- Segredos e Confissões (Common Ground, 2000). Três contos distintos sobre homossexualidade, amor e amizade. Jason Pristley, o Brandon Walsh de Beverly Hills 90210, interpreta um militar gay neste filme feito para a TV e que ganhou o prêmio da GLAAD.

37- Garotos Incríveis (Wonder Boys, 2000). Curtis Hanson dirige um roteiro muito criativo neste filme com um elenco estrelar que traz nomes como Michael Douglas, Tobey Maguire, Frances McDormand e Robert Downey Jr. Indicado a três Oscars e quatro Golden Globes, garantiu os prêmios de melhor canção para Bob Dylan.

38- Antes do Anoitecer (Before Night Falls, 2000). Javier Barden foi indicado ao Oscar e ao Golden Globe de melhor ator e ganhou o prêmio do Festival de Veneza pela sua interpretação do escritor cubano Reinaldo Arenas nesta ousada biografia.

39- O Clube Dos Corações Partidos (The Broken Hearts Club – A Romantic Comedy, 2000). Ganhador do GLAAD Media Award de melhor filme do ano, esta produção traz um ótimo elenco liderado por John Mahoney, que interpreta o técnico de um time de baseball formado por um grupo de amigos gays.

40- Coisas Que Você Pode Dizer Só De Olhar Para Ela (Things You Can Tell Just. O diretor Rodrigo Gacía recebeu o prêmio do Festival de Cannes por este filme romântico e inteligente onde a trajetória de três mulheres acaba se cruzando em uma mesma cidade. No elenco, Glenn Close e Calista Flockhart em interpretações memoráveis.

41- Desejo Proibido (If These Walls Could Talk 2, 2000). A HBO produziu para a televisão o projeto If These Walls Could Talk, no qual três histórias distintas sobre o mesmo tema são apresentadas no mesmo cenário em épocas diferentes. O primeiro filme tratou de aborto e contou com atrizes como Demi Moore, Sissy Spacek e Cher. O segundo, que foi lançado em vídeo no Brasil com o nome de Desejo Proibido, trata da relação amorosa entre mulheres. O filme, que conta também com Sharon Stone, Ellen Degeneres e Michelle Williams, deu três prêmios de melhor atriz à veterana Vanessa Redgrave: Emmy, Golden Globe e Screen Actors Guild Award.

42- Billy Elliot (Idem, 2001). Belíssima produção britânica indicada a três Oscars e dois Golden Globe. O filme tem uma mensagem de luta e otimismo e ganhou o GLAAD Media Award de melhor produção do ano.

43- Hedwig - Rock, Amor e Traição (Hedwig and The Angry Inch, 2001). Musical criativo e bem dirigido sobre um transexual que é usado pelo seu namorado adolescente para tornar-se uma estrela do rock. Escolhido como melhor filme no Festival Internacional de Berlim, ganhou também o GLAAD Media Award de melhor filme do ano.

44- E Sua Mãe Também (Y Tu Mamá Tambien, 2001). Além dos prêmios de melhor roteiro e melhor ator do Festival de Veneza, Y Tu Mamá Tambien tem um roteiro surpreendente dirigido por Alfonso Cuarón. Foi indicado ao Oscar de melhor roteiro original e ao Golden Globe de melhor filme estrangeiro, categoria na qual venceu nos festivais de Seatle, San Francisco, New York, Los Angeles, Florida, Las Vegas, Dallas, Chigago e Boston.

45- Cidade Dos Sonhos (Mulholland Drive, 2001). Escrito originalmente para ser o piloto de um seriado de televisão estrelado pelo roqueiro Marilyn Manson, este maravilhoso filme deu o prêmio de melhor diretor do ano a David Lynch no Festival de Cannes, categoria na qual também foi indicado ao Oscar e ao Golden Globe. Nesta produção surrealista, a relação amorosa entre duas atrizes é regida pela maravilhosa trilha sonora de Angelo Badalamenti.

46- Madame Satã (Brasil, 2002). Provavelmente o melhor filme brasileiro já produzido, Madame Satã é uma alegoria que conta a história do travesti João Francisco dos Santos. Vencedor do prêmio de melhor filme do Festival Internacional de Chicago, ganhou mais cinco prêmios internacionais. Filmado em estúdio, o filme faz uma bela homenagem ao cinema através da iluminação impecável e dos belos enquadramentos, lembrando o inovador filme Dancer in the Dark, de Lars Von Trier.

47- As Horas (The Hours, 2002). Nicole Kidman ganhou o Oscar e o Golden Globe de melhor atriz nesta produção magistralmente dirigida por Stephen Daldry (de Billy Elliot). Com Merryl Streep, Juliane Moore e Ed Harris no elenco, esta sensível

adaptação foi indicada a nove Oscars e sete Golden Globes, vencendo na categoria de melhor filme dramático.

48- Longe do Paraíso (Far From Heaven, 2002). Escolhido como melhor filme do ano pela New York Film Critics Circle, Longe do Paraíso tem uma incrível combinação de metalinguagem cinematográfica e crítica social em um subtexto que não pode ser entendido por espectadores superficiais. A bela Julianne Moore e o polêmico Dennis Haysbert participam desta incrível produção indicada a quatro Oscars, quatro Golden Globes e vencedora de 59 prêmios.

11.1. 2 OUTROS FILMES[9]

49 - Todas as cores do amor (Goldfish Memory, Irlanda, 2003) Direção: Elizabeth Gill. Uma visão leve sobre os perigos e prazeres dos relacionamentos na Dublin contemporânea. Uma série de reações de romances e corações partidos até que o ciclo inteiro se transforma num completo circo, cada personagem tentando resolver a questão do que é um relacionamento perfeito.

51 - Benhur (EUA, 1959) *Direção:* William Wyler. Em Jerusalém no início do século I vive Judah Ben-Hur (Charlton Heston), um rico mercador judeu. Mas, com o retorno de Messala (Stephen Boyd), um amigo da juventude que agora é o chefe das legiões romanas na cidade, um desentendimento devido a visões políticas divergentes faz com que Messala condene Ben-Hur a viver como escravo em uma galera romana, mesmo sabendo da inocência do ex-amigo. Mas o destino vai dar a Ben-Hur uma oportunidade de vingança que ninguém poderia imaginar.

52 - Spartacus (EUA, 1960) *Direção:* Stalley Kubrick. Spartacus (Kirk Douglas), um homem que nasceu escravo, labuta para o Império Romano enquanto sonha com o

---

[9] Disponível em: http://www.interfilmes.com/filme_18705_As.Damas.de.Ferro-(Satree.lek).html. Acesso em 02 julho 2008. http://www.adorocinema.com/filmes/filmes_a.asp. Acesso 03 julho 2008.

fim da escravidão. Mas seu destino foi mudado por um treinador de gladiadores, que o comprou para ser treinado nas artes de combate e se tornar um gladiador.

53 - Delicada Relação (Yossi & Jagger, Israel, 2002) *Direção:* Eytan Fox. Uma base militar localizada na fronteira de Israel com o Líbano abriga jovens soldados, homens e mulheres. Dois militares vivem uma história de amor.

54 - "O Segredo de Brokeback Mountain" (Brokeback Mountain, USA, 2005) Direção: Ang Lee. Jack Twist (Jake Gyllenhaal) e Ennie Del Mar (Heath Ledger) são dois jovens que se conhecem no verão de 1963, após serem contratados para cuidar das ovelhas de Joe Aguirre (Randy Quaid) em Brokeback Mountain. Jack deseja ser cowboy e está trabalhando no local pelo 2º ano seguido, enquanto que Ennie pretende se casar com Alma (Michelle Williams) tão logo o verão acabe. Vivendo isolados por semanas, eles se tornam cada vez mais amigos e iniciam um relacionamento amoroso. Ao término do verão cada um segue sua vida, mas o período vivido naquele verão irá marcar suas vidas para sempre.

55 - De-Lovely: Vida e Amores de Cole Porter (USA, 2004) *Direção:* Irwin Winkler. Cole Porter (Kevin Kline) revê sua vida como se fosse um de seus grandiosos shows, com pessoas e acontecimentos marcantes se tornando o foco da ação que acontece no palco. É nele que Porter confere seu passado cheio de excessos e seu profundo e complicado relacionamento com sua esposa Linda (Ashley Judd).

56 - Kinsey - Vamos Falar de Sexo (USA, 2004) *Direção:* Bill Condon. Em 1948 Albert Kinsey (Liam Neeson) abalou a conservadora sociedade americana ao lançar seu novo livro, "Sexual Behavior in the Human Male". O livro trazia uma ampla pesquisa, na qual Kinsey levantou dados sobre o comportamento sexual de milhares de pessoas. O assunto, até então pouquíssimo abordado, passa a ser tema de debates e provoca polêmica na sociedade.

57 - A Rainha Diaba (Brasil, 1971) *Direção:* Antônio Carlos Fontoura. Lapa, Rio de Janeiro. Diaba (Mílton Gonçalves), um homossexual, comanda de um dos quartos de um bordel uma quadrilha responsável pelo controle de vários "pontos" de venda de droga.

58 - Felizes juntos (Hong Gong, 1997) Direção: Wong Kar-Wai. Dois namorados que vão a passeio pela Argentina, mas acabam tendo que ficar mais tempo lá. Amor, tango e conflitos entre o casal.

59 – Capote (USA, 2005) *Direção:* Bennett Miller. Truman Capote (Philip Seymour Hoffman) lê um artigo no jornal New York Times sobre o assassinato de quatro integrantes de uma conhecida família de fazendeiros em Holcomb, no Kansas. O assunto chama a atenção de Capote, que estava em ascensão nos Estados Unidos. Capote acredita ser esta a oportunidade perfeita de provar sua teoria de que, nas mãos do escritor certo, histórias de não-ficção podem ser tão emocionantes quanto as de ficção. Capote surpreende a sociedade local com sua voz infantil, seus maneirismos femininos e roupas não--convencionais. Visitas assassinos na prisão e transforma o artigo do assassinato em livro que poderia revolucionar a literatura moderna.

60 - As Damas de Ferro (Satree lek, Tailândia, 2000) Direção: Youngyooth Thongkonthun. História real de um time masculino de voleibol composto basicamente por gays, travestis e transexuais. A equipe chegou a conquistar o título de campeã nacional da Tailândia, em 1996. Tudo começa porque Mon (Sahaphab Virakamin), um jogador de vôlei, sempre é descartado dos times por ser gay. Com a chegada de uma nova treinadora na cidade, surge uma nova oportunidade de formar um time

11.2 TRANSCRIÇÕES GRUPO FOCAL

Mestrandas Grupo Focal 07/05/08

Questão apontada:

Essa pesquisa é importante, interessante para educação? O tema? Por quê? Ou não é?

Mestranda 1 – è um tema importante, porém ainda é pouco tratado na educação. Mas, e abordado, faz parte do plano geral da educação.

Mestranda 2 - A forma de abordagem é um pouco equivocada.

Mestranda 3 – E abordado, mas não sei se de forma correta, mas saber qual é o correto. Quem trabalha, teria que estar preparado para falar. É passado muito rápido, por cima. Então tanto professor como aluno devem estar preparados. Choque.

Pesquisadora: Mas isso não é controlado, uma forma de controlar?

Mestranda 2 - Depende muito do que se trabalha a respeito desta questão da sexualidade, seu próprio corpo....vigiar e punir o corpo.

Mestranda 4 – Um aluno chorou em meu colo, revelando-se homossexual, pois não pode falar sobre isso e sofre. Não pode levar isso p frente e fica acarretando problemas, conflitos existências. Isso implica na prática dele. Ele chora no colo do professor.....E a formação do professor sobre isso?

Polêmica no grupo: O que pode? O que não pode? O que falar? Como falar?

Mestranda 4 - Isso é importante tem que ser falado na escola. Se fala sobre sexualidade no sentido de evitar gravidez e prevenir doenças.

Mestranda 5 - É muito complicado, o pessoal não sabe como lidar.

Mestranda 1 Na escola há alguém para falar sobre o assunto, então os professores se acomodaram e não querem falar, deixam para esta pessoa que é responsável. Esta questão vem desde o momento que a criança vai se descobrindo e descobrindo o outro. Faz parte da vida.

Mestranda 3 - Ao construir a identidade do sujeito desde o jardim e pré a professora desconstrói, ou anula o pênis e a vagina. Então que sexualidade se constrói?

Mestranda 4 - Família, sociedade e educação, determinam a forma da sexualidade.

Mestranda 5 - Nos enxergamos desta forma, nos foi construído este conceito sobre a sexualidade.

Mestranda 2 - Essa questão é tabu, é muito anterior a escola, fomos criados como heterossexuais e quando se fala de homossexual, está impregnado na sociedade há muitos séculos fomos criados heterossexuais e por conta disso tem muita coisa absurda lá na escola. É difícil de ser trabalhado. E quando se encontra um adulto ficamos assustados, não que não seja normal, estamos no século XXI criando nossos filhos diferentes, mas tem muito tabu ainda.

Mestranda 3 Somos educadores representamos uma sociedade em seu todo, mas temos que trabalhar também com alunos e professores, mas com restrições.

Tem que mudar esta sociedade, esta tradição esta coisa impregnada. Tem que se aceitar e se relacionar, tem que ser por ai. A questão é a cidadania, cada um encontrar seu espaço.

Grupo Focal Mestrado em educação - 21/05/08

Questões apontadas:

1. Suas opiniões e questões sobre o filme:

a) Importante para a educação (pesquisa - tema, filme)

b) Sexualidade nas escolas (sim, não pq.?)

c) Filme pode ser usado formação continuada nas escolas? Outro? Qual?

d) Cenas que mais chamaram sua atenção? Por quê?

e) O nome do filme “Delicada Relação” leva você a pensar sobre...

Mestranda 1 – A importância da cena do velório, quando a mãe é questionada sobre o que ele gostava. A mãe não sabia nada sobre o filho, se nós levarmos isso para a educação, é assim. Quantas famílias estão distanciadas daquilo que realmente acontece a escola distanciada, todo mundo coloca meio que uma venda nos olhos para não ver o que realmente acontece ao seu redor com os filhos, com os alunos. Todo mundo coloca uma venda e não enxerga aquilo que está nítido ali na frente. O que as pessoas sentem o que realmente elas sentem, não o que a sociedade quer que eles sintam.

É preciso falar sobre a sexualidade na escola, inclusive para se aproximar dos sentimentos, as pessoas não falam de sentimentos, não revelam o que sentem não fazem o que gostam.

São censuradas dos sentimentos, não se fala não se faz.... A sexualidade faz parte da realização pessoal ela esta precisando ser vista de forma clara, explicitar e não de forma camuflada.

Mestranda 2- Cena que mais tocou foi a do beijo, ela choca no começo, mas depois vai amenizando, pois pensei que também beijo meu marido. Começa chocando, ou tu para de assistir o filme, ou pensa: não realmente é isso, eu também faço isso. Eu faço, eles também podem fazer. Tenho amigos homossexuais, quando eles passam de mãos dadas, homens ou mulheres, isso choca, mas, vai... A gente cria os preconceitos acaba sofrendo.

Deveria ser abordada a sexualidade, todos os tipos. Quando se aborda de uma forma geral na sala de aula ao falar sobre os cuidados do corpo de fala que pode a haver relação de homem com homem e mulher com mulher.

Professores é a mesma coisa que a gente, fica chocada no início poderia trabalhar para tirar aquele padrão de homem e mulher, para ser refletido mais. Com os alunos de uma forma geral não sei se conseguiríamos abordar diretamente a homossexualidade e sim junto com as questões do namoro, e com os questionamentos destes vai se abordando que a homossexualidade é uma opção de vida. A gente aborda a relação, a relação com outro e com o corpo. Pois a questão não é andar de mãos dadas, mas tudo que tá impregnado na sociedade. Eu trabalharia um filme destes se abordasse no geral, não só para

falar da homossexualidade. Tem que ser bem trabalhada, pois estas famílias que tem filhos homossexuais não aceitam. Não usaria desta forma usando este filme a não ser que surgisse dentro do grupo a sugestão deste filme. Em nossos grupos não sei se passam filmes, acho que não, eles adotam outras imagens. Mas vou colocar para a nossa psicóloga para ver como ela abordaria a questão.

Mestranda 3 – Uma coisa no filme que me chamou a atenção foi justamente o que a colega comentou, sobre a mãe que em momento se vê que não sabe nada sobre o filho. E quando a mãe fala que não sabe a música preferida do filho e o soldado fala, não fica a certeza, mas há dúvidas da confirmação do namoro entre os soldados.

A questão de tratar o filme na escola vai depender da idade, mas vai chocar sim, mas é uma boa escolha para trabalhar principalmente com professores e não da mesma forma com os alunos.

O que aconteceu em minha casa com meu filho: Ele estava na internet, sei lá, pegou a caneta azul e pintou a unha, chegou para mim e mostrou a unha – o que você acha? Mas eu vou tirar....Ficou legal filho (mãe), mas eu não sou gay.Eu não falei para você que ficou legal. Sugerindo isso, eu até pensei na questão dos roqueiros que pintam a unha de preto. Mas, porque você filho ficou assim tão alerta? Eu não sou! Filho tudo bem, eu não to questionando com relação a isso....Claro que a mamãe gostaria que você casasse com uma mulher e me desse netinhos, mas eu não sei, você só tem 12 anos. Não sei como vai ser daqui prá frente. Eu enquanto mãe não vejo que ele tem na escola esta informação como ele deveria ter, ou seja, prá ele gay é um bicho louco, mas eu vejo como uma opção pessoal de cada um. Falei para ele que como a mamãe se casou com um homem ele também poderia casar-se com uma mulher.

Você percebe com este ato agressivo dele o que a sociedade, o quer que o ambiente joga pra ele, e eu não posso dizer que isso é em casa. Que tem que ser machão! Não é que é uma coisa que você gostaria para sua casa, você gostaria que seguisse o ”normal” para construir sua família, mas toda família tá sujeita. (foi questionada pelo normal) Sim, mas o normal entre aspas. Na hora desta reação dele é uma coisa boba. Uma coisa de mulher.

Mestranda 2 - No dia das mães apresentamos no telão, tiramos foto das crianças pintadas de batom, menino e menina todos. Quando as mães viram não deixaram apresentar, pois “eles” estavam fantasiados de menina. O filme não é que não pode, mas tem que ter muito cuidado. As famílias não aceitam e reclamam.

Mestranda 1 - Mas a gente tem que mudar este conceito das pessoas, desafiando, fazendo ver, por isso tem que chocar.

Mestranda 3 - Terminando quero dizer o seguinte acho importante esta pesquisa, pois é um tema que tem que ser tratado. Eu tenho dois filhos, se um sair usando uma sandália, alguém vai gritar: tira isso!!!

Meu filho já trouxe isso, ta ali, veio pela mídia, não é culpa dele. Isso, gay, lésbica, na escola não é tratado porque, ele vai ter aversão vai se afastar, porque ainda não aprendeu.... Isso está na própria cabeça da mãe também por uma forma de cultura, informação sei lá.... até.

Eu acho importante neste sentido, da informação, mas é um filme que realmente choca no primeiro momento, então precisa ter cuidado com o público com as pessoas que você vai trabalhar. A sociedade não esta pronta para isso. É como meu filho, a gente também não esta pronta para isso a gente esta se chocando com isso, não esta pronta também.

Mestranda 1- 2 - Mas isso é uma questão de preconceito!

Mestranda 3 – É sim, preconceito.

Mestranda 4 – Abordar um filme destes depende da idade pode não ser aceito, como já vimos outros filmes com outras abordagens na escola os pais não aceitam, não só a questão da homossexualidade, mas outras. Filmes de droga, sexualidade tem famílias que não aceitam e vão à escola reclamar. As famílias não aceitam a homossexualidade. É um filme maravilhoso, só que eu penso que tem que tomar o cuidado principalmente com a idade. Pois tem família que pode vir a achar que a gente ta induzindo, incentivando, embora seja mesmo normal, a ta tão normal assim que ela ta no bolo. Com os professores tranqüilo, pode ser trabalhado com o filme.

Mestranda 1 – Não tenham dúvida de que o preconceito o tabu ta ai, isso é uma coisa obvia, que os pais vão reagir não há dúvidas, mas tudo depende da forma que for trabalhado com alunos e professores. Mas as famílias, não aceitam homossexualidade. A sociedade vai contestar, mas se não fizer isso cada vez mais não vai haver mudança desta impregnação. Quanto mais se falar sobre o assunto vai fazer com que as pessoas se soltem sobre isso. É algo que veio com as primeiras civilizações, sempre existiu e ainda hoje esta deste jeito, se não falar... Tem que abordar sim, mas encontrar a forma correta de fazer isso, professores, reuniões, palestras, não tem como não fazer isso etc

Mestranda 5 – Não é o adulto que vai determinar qual é a sexualidade dele, milhões de adolescentes transam a primeira vez num sexo que não foram elas que escolheram. Sou menino vou transar com uma menina. Frustrações, anos para poder se assumir, quando já podia fazer isso dentro de casa. Se sou gay, nasci, ou virei gay, qual é o momento que se torna ou nasce? Debate-se sobre isso. Opção? Genético? Outra discussão. Será que o meio vai deformá-lo? Eu quero que meu filho, meu neto seja muito feliz, agora se ele for gay, rico, pobre é outra questão, tem que amar da forma que é como você vai dizer qual é a sexualidade que você vai ter, uma coisa tão intima.

M – 1 – Aceitar da forma que é, Amor incondicional.

Mestranda 6 – A gente percebe uma quebra de paradigma até na fala das meninas, colegas. (contradições das colegas). Essa questão sexual de dois homens e duas mulheres existem desde os primórdios, com a globalização isso se tornou mais público..... Já se aceita a relação homossexual. Agora eu não sei enquanto professora trabalharia isso com meus alunos, a cena inicial do beijo choca, pois primeiro os professores deveriam saber sobre isso para depois resolver os assuntos que permeiam a sala de aula, trabalhar estas pessoas

Mestranda 7 – Eu trabalharia sem dúvida alguma com a questão da formação. Mas para trabalhar tem que ter certa competência não é qualquer pessoa que tem o desejo de fazer e pode fazer, inclui uma série de valores que foram colocados presentes tem a questão da contradição do meu discurso com a minha pratica. Se vê muito neste ambientes principalmente nas escolas e também

quando se nega a discussão sobre determinado assunto, neste caso sobre a homossexualidade, com uma questão da própria sexualidade do ser humano. Em relação aos alunos, este filme deveria ser trabalhado no ensino médio, alunos mais maduros, mais adultos. Os adolescentes ou crianças com outro tipo de abordagem. Sexualidade começa lá na vida intra uterina. Pela minha experiência, com envolvimento na escola e na família a gente ainda vê isso muito velado. Percebe-se isso nos momentos de pátio na fala de professores, nas crianças em forma de piadinha. Existe um preconceito de levar em conta o que é e o que não é normalizado pela sociedade de uma determinada cultura é banido torna-se marginalizado deste processo. Se nega, por mais que eu diga que não tenha preconceito eu reforço o preconceito.... A homossexualidade de homens e mulheres como vimos no filme é muito latente e como educadora é imprescindível tratar desta temática como tantas outras que envolvem a sexualidade. Não tem idade para isso. Muda-se a abordagem a forma como você vai encaminhar isso.

Mestranda 8 – Os professores não querem falar sobre isso nas salas de aula. Eles têm uma visão bem diferente, eles nem imaginam que existe isso a homossexualidade como tratada no filme. No filme eles não se importavam com o preconceito, se sabiam não demonstravam. Eles levavam numa boa. O capitão queria e não queria. No final quando ele perdeu o rapaz ele viu que queria, soube dar valor, mas antes queria uma relação escondida. Ele era o capitão tinha que ter uma posição.

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo